



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Thayane Santos Antunes

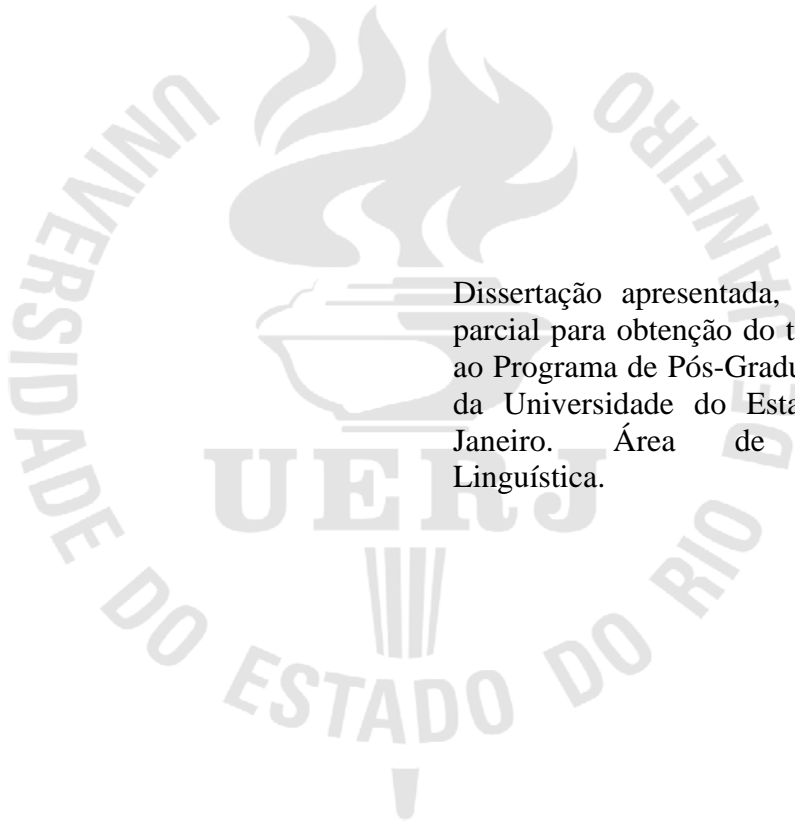
**A tecnologia em prol da divulgação científica: criação de um *site*  
como meio de promoção da circulação de conhecimentos sociolinguísticos e  
do combate ao preconceito linguístico**

Rio de Janeiro

2015

Thayane Santos Antunes

**A tecnologia em prol da divulgação científica: criação de um *site* como meio de promoção da circulação de conhecimentos sociolinguísticos e do combate ao preconceito linguístico**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

A369 Antunes, Thayane Santos.  
A tecnologia em prol da divulgação científica: criação de um site como meio de promoção da circulação de conhecimentos sociolinguísticos e do combate ao preconceito linguístico / Thayane Santos Antunes. – 2015.  
150 f.: il.

Orientador: Ricardo Joseh Lima.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Preconceitos na comunicação de massa – Teses. 2. Sociolinguística – Teses. 3. Divulgação científica- Teses. 4. Internet – Aspectos sociais – Teses. I. Lima, Ricardo Joseh. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 800.86

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Thayane Santos Antunes

**A tecnologia em prol da divulgação científica: criação de um *site* como meio de promoção da circulação de conhecimentos sociolinguísticos e do combate ao preconceito linguístico**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 31 de março de 2015.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima (Orientador)  
Instituto de Letras – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Eugênia Lammoglia Duarte  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Silvia Rodrigues Vieira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2015

## **DEDICATÓRIA**

Minha avó sempre me diz que, graças a mim e ao meu trabalho, hoje pode dizer a todos que sua maneira de falar é legítima, que ninguém tem o direito de corrigi-la e que nada do que ela fala é errado, pois há explicação para tudo. A ela e a todos que sofreram ou sofrem com o preconceito linguístico, dedico este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado oportunidades, obstáculos, dificuldades, paciência, disposição e sabedoria, os quais me permitiram superar situações que me fizeram mais forte e me impulsionaram para chegar até aqui. Deus é amor e, sem amor, eu nada seria.

A meus pais, que me deram a vida, que lutaram por mim, que me apoiaram, me deram todas as oportunidades e me ensinaram tudo que puderam para que eu me tornasse uma pessoa cada vez melhor. Vocês sempre dizem que fui um presente, mas acredito que a presenteada tenha sido eu. Vocês são essenciais em minha vida.

A meu noivo, meu melhor amigo e companheiro de sempre, por me acalmar, ajudar, apoiar e aturar nos momentos de maior tensão e nervosismo. Quantas vezes a sua frase "Calma, amor, vai dar tudo certo" foi o que me sustentou. Sua presença em minha vida é uma das minhas maiores alegrias e seu amor me faz um bem imensurável. Deixo aqui bem claro que estaremos unidos até o fim.

À minha filha canina, minha companhia de todos os dias, que, mesmo sem entender nada do que acontece, sempre esteve ao meu lado, me consolando nos momentos de tristeza e me animando ainda mais nos momentos de alegria. Nunca me esquecerei dos dias e noites dedicados a esta dissertação, em que você ficou deitada em meu colo enquanto eu escrevia. Você é um anjo em minha vida.

A meus familiares, por sempre me compreenderem, por todo o orgulho que sentem de mim, por todo o apoio e por todos os ensinamentos e alegrias que me proporcionam. Minha família é meu bem mais precioso.

Em especial, à minha bisavó, matriarca de uma grande e agitada família, que sempre me incluí em suas orações diárias e nunca se chateou comigo por deixar de ir vê-la por motivos acadêmicos. Meu amor é seu para sempre!

A todos os meus amigos, os mais próximos, os mais afastados, os de ontem e os de hoje, os que vejo sempre e os que quase não vejo: obrigada por viverem comigo, por compartilharem seus conhecimentos, suas alegrias, seus problemas, enfim, sua vida. Sou fruto dos encontros que tive, e vocês fazem parte do que me tornei.

Em especial, às minhas amigas Dayana, Mônica e Monique, por serem as flores mais lindas do jardim da minha vida acadêmica. Sem vocês, a graduação não teria sido um momento de lembranças tão lindas, o Mestrado não teria sido tão produtivo e minha motivação teria diminuído consideravelmente. Vocês são especiais.

Ao meu orientador Ricardo Joseh Lima, que me apresentou à linguística e fez com que me apaixonasse por essa ciência logo no 1º período da graduação. Obrigada por acreditar em meu potencial, por me dar oportunidades de crescimento, por toda a ajuda prestada e por me ensinar tanto a respeito da vida acadêmica e profissional.

Aos professores que tive durante a graduação, período em que aprendi muito mais do que esperava, por seus ensinamentos, exemplos e incentivos.

Aos professores que tive durante o curso de Mestrado, que me enriqueceram com suas pesquisas, suas ideologias e seus exemplos profissionais.

Aos colegas do PLCD, lugar que foi minha segunda casa por um bom tempo e me permitiu evoluir intelectual e emocionalmente, por serem sempre solícitos, amáveis e divertidos.

Às professoras Marina Augusto e Maria Eugênia Duarte, por suas aulas maravilhosas, seus ensinamentos e por confiarem em meu potencial, me incentivando a ir além dos trabalhos de conclusão das disciplinas. Tenho-as como meus exemplos de sucesso acadêmico e profissional.

Aos participantes dos grupos de avaliação do meu trabalho, obrigada por se colocarem à disposição e dedicarem um pouco de seu tempo para me fornecer esta grande ajuda. Sem vocês, nada do que foi feito teria sentido ou validade.

À CAPES, por custear minha pesquisa com a bolsa de estudo concedida.

À UERJ, por ter sido e continuar sendo meu lar, por ter me acolhido e por ter dado toda a base e o apoio necessários para meu crescimento.

À secretaria de Pós-Graduação da UERJ, por todas as dúvidas tiradas, todos os momentos dedicados a explicações e pela simpatia de seus funcionários.

Enfim, a todos que me ofereceram um pouco de seu tempo, paciência, simpatia e amor, direta ou indiretamente, por querer ou sem querer, por vontade ou por obrigação: sou grata a cada um de vocês.

Questions of science, science and progress,  
do not speak as loud as my heart...

*The Scientist, Coldplay*



## RESUMO

ANTUNES, Thayane Santos. *A tecnologia em prol da divulgação científica: criação de um site como meio de promoção da circulação de conhecimentos sociolinguísticos e do combate ao preconceito linguístico*. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Esta dissertação é a descrição de um trabalho cujo objetivo principal foi a criação de um *site* com materiais sobre o tema preconceito linguístico, visando a promover uma circulação do conhecimento científico entre diversas classes da sociedade não-acadêmica. Nossas primeiras motivações para a realização de um trabalho desse tipo se iniciaram após a polêmica ocorrida em 2011 sobre o livro didático que, segundo a mídia, ensinaria os alunos a “falar errado”. Essa situação demonstrou existir uma falta de diálogo entre academia e sociedade no que concerne a temas sociolinguísticos. Percebemos uma necessidade de se realizar uma divulgação científica que chegasse com sucesso à sociedade, de modo que as pessoas pudessem conhecer o assunto em questão e, ao menos, refletir sobre ele. Muito embora já existam trabalhos realizados por linguistas com essa intenção, como é o caso de Bagno (1997, 1999), Bortoni-Ricardo (2004, 2005) e Scherre (2005), estes ainda são limitados, por serem, em sua maioria, livros e artigos acadêmicos. Utilizando como base o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (MEC/SESu, 2006), buscamos, segundo o próprio princípio exige, unir a pesquisa científica resultante dos estudos sociolinguísticos à extensão - através da divulgação do tema para as pessoas de fora do meio acadêmico - e ao ensino, criando e compartilhando materiais que possam ser também utilizados em sala de aula. Para conquistar tal objetivo, tendo como inspiração a proposta de Baronas (2010) e seguindo os exemplos de Ribeiro (2006), Chagas (2012) e Pauleto (2013), criamos um *site* com materiais diversos sobre o tema preconceito linguístico, como vídeos, imagens e textos informativos. Ainda, como complemento do trabalho, foi criada uma página no *Facebook*, de modo a obter uma eficácia maior na divulgação, sabendo que a *internet* é hoje um dos meios mais fáceis, rápidos e de longo alcance para o compartilhamento de informações. Tivemos por intenção promover uma circulação do conhecimento, aplicando o princípio da gratuidade linguística apresentado por Wolfram (1998) e assumindo um papel de agentes de mudança social, segundo aponta Charity (2008). De modo a verificar a eficácia de nosso trabalho, utilizamos uma avaliação em modelo de questionário de escala Likert, realizada por três grupos distintos de avaliadores. Nossos resultados mostraram aprovação ao *site* por parte dos três grupos de avaliação, demonstrando que esse tipo de trabalho é eficiente e promissor, sendo uma maneira eficaz e ampla de se promover a circulação de saberes sociolinguísticos e divulgar uma mensagem de combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: Preconceito linguístico. Divulgação científica. Sociolinguística. *Website*. *Internet*. Circulação do conhecimento.

## ABSTRACT

ANTUNES, Thayane Santos. *Technology for the benefit of science communication: creating a website as a way of promoting the circulation of sociolinguistic knowledge and the fight against linguistic prejudice*. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

This dissertation is the description of a work whose main objective was the creation of a website with materials about the linguistic prejudice subject, with the intention of promoting a circulation of scientific knowledge among several classes of the non-academic society. Our first motivations for the achievement of a work of this kind initiated after the controversy occurred in the year of 2011 about a schoolbook which, according to the press, would teach students to “speak wrongly”. This situation showed an existing absence of dialogue between academy and society regarding to sociolinguistic subjects. We noticed the need of making a scientific communication that could reach the society successfully, in order to make people know about the subject and, at least, reflect about it. Even though there are already many works made by linguists with this same purpose, like Bagno (1997,1999), Bortoni-Ricardo (2004, 2005) and Scherre (2005), these are already very limited, for being, in the majority, books and academic articles. Making use as our basis of the indivisibility principle between teaching, research and extension (MEC/Sesu, 2006), we aimed to unite the resulting scientific research of the sociolinguistic studies to the extension – with the divulgation of the subject to the people that are out of the academic environment – and to the teaching, creating and sharing materials that can also be used in the classroom. To achieve such objective, having the idea suggested by Baronas (2010) as our inspiration and following the examples of Ribeiro (2006), Chagas (2012) and Pauleto (2013), we created a website with several materials about the linguistic prejudice subject, such as media clips, pictures and informative texts. As a complement of this work, we also created a Facebook page, in order to reach more effective divulgation, knowing that, nowadays, the internet is one of the easiest, fastest and widest ways of sharing information. Our intention was to promote a circulation of knowledge, applying the linguistic gratuity principle, presented by Wolfram (1998), and assuming a role of an agent of social change, according to Charity (2008). In order to verify the effectiveness of our work, we used an evaluation in the models of a Likert scale questionnaire, answered by three different groups of evaluators. Our results showed that the website was approved by the three evaluation groups, showing that this kind of work is efficient and promissory, being an effective and wide way of promoting the circulation of knowledge and the divulgation of a message against linguistic prejudice.

Keywords: Linguistic prejudice. Scientific communication. Sociolinguistics. Website.  
Internet. Circulation of knowledge.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem da página inicial do site <i>Pelo Fim do Preconceito Linguístico</i> .....	75
Figura 2 - Vídeo “Sô & Ci – Contra o Preconceito Linguístico” .....	78
Figura 3 - Vídeo “Com Que Fala Eu Vou? Menas” .....	79
Figura 4 - Tirinha “Poema contra o Preconceito Linguístico” .....	80
Figura 5 - Imagem divertida com mensagem sobre a dificuldade de se reconhecer o preconceito linguístico como um preconceito.....	81
Figura 6 - Visão geral da página <i>Pelo Fim do Preconceito Linguístico</i> , no <i>Facebook</i> .....	88

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Respostas dos profissionais à afirmação "A estrutura do <i>site</i> chama a atenção do visitante.".....	93
Tabela 2 - Respostas dos profissionais à afirmação "É fácil navegar pelas páginas do <i>site</i> .".....	93
Tabela 3 - Respostas dos profissionais à afirmação "A disposição dos tópicos do <i>site</i> está confusa.".....	93
Tabela 4 - Respostas dos profissionais à afirmação "A linguagem usada no <i>site</i> está adequada ao público-alvo.".....	94
Tabela 5 - Respostas dos profissionais à afirmação "O objetivo do <i>site</i> está claro para o visitante.".....	94
Tabela 6 - Respostas dos profissionais à afirmação "Os textos do <i>site</i> fornecem conceitos e informações de forma clara.".....	94
Tabela 7 - Respostas dos profissionais à afirmação "Considerando o público-alvo, os textos do <i>site</i> são longos e cansativos.".....	95
Tabela 8 - Respostas dos profissionais à afirmação "O <i>site</i> apresenta fontes confiáveis sobre as informações veiculadas.".....	95
Tabela 9 - Respostas dos profissionais à afirmação "Os materiais do <i>site</i> são diversificados e lúdicos.".....	96
Tabela 10 - Respostas dos profissionais à afirmação "Há facilidade de contato entre o visitante e os autores do <i>site</i> .".....	96
Tabela 11 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "A estrutura do <i>site</i> chama a atenção do visitante.".....	101
Tabela 12 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "É fácil navegar pelas páginas do <i>site</i> .".....	101
Tabela 13 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "A disposição dos tópicos do <i>site</i> está confusa.".....	102
Tabela 14 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "A linguagem usada no <i>site</i> está adequada ao público-alvo.".....	102
Tabela 15 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "O objetivo do <i>site</i> está claro para o visitante.".....	103

Tabela 16 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Os textos do <i>site</i> fornecem conceitos e informações de forma clara." .....	103
Tabela 17 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Considerando o público-alvo, os textos do <i>site</i> são longos e cansativos." .....	103
Tabela 18 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "O <i>site</i> apresenta fontes confiáveis sobre as informações veiculadas." .....	104
Tabela 19 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Os materiais do <i>site</i> são diversificados e lúdicos." .....	104
Tabela 20 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Há facilidade de contato entre o visitante e os autores do <i>site</i> ." .....	105
Tabela 21 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Eu recomendaria esse <i>site</i> para meus amigos." .....	105
Tabela 22 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Eu usaria o conteúdo do <i>site</i> como uma das fontes para algum trabalho acadêmico/escolar." .....	105
Tabela 23 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Eu gostaria que fossem elaborados trabalhos semelhantes a esse em outras disciplinas." .....	106

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Idade dos participantes do terceiro grupo de avaliação.....	111
Gráfico 2 -	Divisão por sexo dos participantes do terceiro grupo de avaliação.....	111
Gráfico 3 -	Escolaridade dos participantes do terceiro grupo de avaliação.....	112
Gráfico 4 -	Frequência de respostas para a afirmação "A estrutura do <i>site</i> chamou a minha atenção.".....	113
Gráfico 5 -	Frequência de respostas para a afirmação "É fácil navegar pelas páginas do <i>site</i> .".....	113
Gráfico 6 -	Frequência de respostas para a afirmação "A organização dos tópicos do <i>site</i> está confusa.".....	114
Gráfico 7 -	Frequência de respostas para a afirmação "A linguagem usada no <i>site</i> está fácil de entender.".....	114
Gráfico 8 -	Frequência de respostas para a afirmação "O objetivo do <i>site</i> está bem claro.".....	115
Gráfico 9 -	Frequência de respostas para a afirmação "Os textos do <i>site</i> informam bem sobre o assunto.".....	115
Gráfico 10 -	Frequência de respostas para a afirmação "Os textos do <i>site</i> são longos e cansativos.".....	116
Gráfico 11 -	Frequência de respostas para a afirmação "O <i>site</i> apresenta referências confiáveis.".....	116
Gráfico 12 -	Frequência de respostas para a afirmação "Os materiais do <i>site</i> são diferentes e interessantes.".....	117
Gráfico 13 -	Frequência de respostas para a afirmação "É fácil entrar em contato com os autores do <i>site</i> .".....	117
Gráfico 14 -	Frequência de respostas para a afirmação "Eu recomendaria esse <i>site</i> para meus amigos.".....	118
Gráfico 15 -	Frequência de respostas para a afirmação "Eu usaria o conteúdo do <i>site</i> como uma das fontes para algum trabalho acadêmico/escolar.".....	118

Gráfico 16 - Frequência de respostas para a afirmação "Eu gostaria que fossem elaborados trabalhos semelhantes a esse sobre outros assuntos." .....	119
Gráfico 17 - Porcentagens de aprovação do público em geral a cada uma das afirmativas do questionário.....	119

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
1	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	21
1.1	<b>O princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão</b> .....	21
1.2	<b>O princípio de indissociabilidade na pós-graduação</b> .....	26
1.3	<b>O que é um trabalho de conclusão de curso?</b> .....	28
1.4	<b>Linguística e sociedade</b> .....	33
2	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	37
2.1	<b>Relação entre o linguista e a comunidade de fala</b> .....	37
2.1.1	<u>O linguista como agente de mudança social: Charity (2008)</u> .....	37
2.1.2	<u>O princípio de gratuidade linguística: Wolfram (1998)</u> .....	40
2.2	<b>A divulgação da sociolinguística</b> .....	43
2.2.1	<u>Norma, variação e ensino: Bagno (1997)</u> .....	43
2.2.2	<u>O preconceito linguístico na mídia: Scherre (2005)</u> .....	48
2.3	<b>O uso de vídeos para a propagação do conhecimento</b> .....	51
2.3.1	<u>Utilização de um vídeo didático para ensino de inglês: Machado (2007)</u> .....	51
2.3.2	<u>Criação e aplicação de um vídeo didático para ensino de física: Pereira (2007)</u> .....	53
2.3.3	<u>Oficina de produção de vídeos para professores de ciências: Sartori (2012)</u> .....	55
2.3.4	<u>Uso de vídeos no ensino de linguística: Squires &amp; Queen (2011)</u> .....	57
2.4	<b>Sites como meios de compartilhamento de informações</b> .....	57
2.4.1	<u>Site como apoio a uma disciplina de química: Ribeiro (2006)</u> .....	58



2.4.2	<u>Site informativo para cuidadores de crianças com câncer: Chagas (2012)</u> .....	60
2.4.3	<u>Site sobre Odontologia para pais de crianças pequenas: Pauleto (2013)</u> .....	64
3	<b>DESCRIÇÃO DO SITE</b> .....	69
3.1	<b>Layout</b> .....	70
3.2	<b>Textos, linguagem e interação</b> .....	71
3.3	<b>Páginas principais</b> .....	72
3.3.1	<u>Página Inicial (Início)</u> .....	73
3.3.2	<u>Página "Informação"</u> .....	76
3.3.3	<u>Página "Diversão"</u> .....	77
3.3.4	<u>Página "Interação"</u> .....	81
3.3.5	<u>Página "Referências"</u> .....	83
3.4	<b>Páginas complementares</b> .....	83
3.4.1	<u>O que é preconceito linguístico?</u> .....	84
3.4.2	<u>Cartilha contra o preconceito linguístico</u> .....	84
3.4.3	<u>Polêmica do livro didático</u> .....	85
3.4.4	<u>Preconceito linguístico e ensino de português</u> .....	86
3.5	<b>Trabalhos complementares: Facebook</b> .....	86
4	<b>AVALIAÇÃO E RESULTADOS</b> .....	89
4.1	<b>Profissionais</b> .....	90
4.1.1	<u>Resultados do questionário</u> .....	92
4.1.2	<u>Discussão dos resultados e comentários dos profissionais</u> .....	96
4.2	<b>Alunos de Linguística I</b> .....	99

4.2.1	<u>Resultados do questionário</u> .....	101
4.2.2	<u>Discussão dos resultados e comentários dos alunos de Linguística I</u> .....	106
4.3	<b>Público em geral</b> .....	109
4.3.1	<u>Resultados do questionário</u> .....	110
4.3.2	<u>Discussão dos resultados</u> .....	120
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	122
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	127
	<b>APÊNDICE A</b> – Questionário aplicado aos profissionais.....	131
	<b>APÊNDICE B</b> – Comentários dos profissionais.....	133
	<b>APÊNDICE C</b> – Questões acrescentadas ao questionário aplicado aos alunos de Linguística I .....	135
	<b>APÊNDICE D</b> – Comentários dos alunos de Linguística I.....	136
	<b>APÊNDICE E</b> – Questionário aplicado ao público em geral.....	138
	<b>APÊNDICE F</b> – Textos das páginas do <i>site</i> .....	142

## INTRODUÇÃO

A linguística como conhecemos hoje existe desde 1916, quando a publicação da obra póstuma de Ferdinand de Saussure, *Curso de Linguística Geral*, possibilitou que essa área de estudos se afirmasse como ciência. Sua matéria, segundo aponta o autor,

é constituída inicialmente por tôdas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, **considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a 'bela linguagem', mas tôdas as formas de expressão.** (SAUSSURE, 1977 [1916], p. 13, grifo nosso)

Partindo desse pressuposto, entende-se que a tarefa da linguística não é somente a de estudar o que é considerado correto, bonito ou bem falado, muito pelo contrário: seu objetivo deve ser o de estudar todas as manifestações linguísticas, independentemente de seu *status* perante a sociedade e ignorando noções de certo e errado impostas por fatores extralinguísticos.

Somente com o advento da sociolinguística nos anos de 1960, porém, essa ideia foi colocada em prática efetivamente, embora isso já estivesse bem claro ao consultarmos os escritos de Saussure que, segundo Tarallo (1985) poderia ser considerado um sociolinguista, devido à sua compreensão do que é língua<sup>1</sup>. A partir de pesquisas de estudiosos como William Labov a respeito das diversas maneiras de se falar uma mesma língua, tem sido comprovado que não há quaisquer fatores linguísticos que justifiquem que determinada variedade linguística seja considerada inferior a outras, mesmo que a sociedade de um modo geral a aponte como incorreta.

Muitos outros trabalhos foram e são até hoje realizadas neste âmbito, tanto por Labov quanto por pesquisadores brasileiros<sup>2</sup>, buscando sempre comprovar os valores linguísticos de todas as variedades, equiparando-os e confirmando-os como de mesma valia perante seus usos na língua falada, desmistificando, assim, determinados conceitos equivocados no que concerne às noções de certo e errado na língua. Ainda assim, sabemos que a sociedade continua a tentar impor uma visão deturpada a respeito das variedades diferentes da

<sup>1</sup> Segundo Tarallo (1985, p. 7), “[...] podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana.”

<sup>2</sup> Ver como exemplo trabalhos dos projetos VARPORT (<http://www.letas.ufrj.br/varport/>), NURC-RJ (<http://www.letas.ufrj.br/nurc-rj/>) e PHPB (<http://www.letas.ufrj.br/phpb-rj/>), todos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

considerada correta de acordo com a gramática normativa<sup>3</sup>, o que constrói e alimenta a cada dia mais o que conhecemos como preconceito linguístico.

Mas como modificar esse panorama? No que concerne ao Brasil, um primeiro passo para essa mudança talvez tenha sido a inclusão da disciplina linguística nos cursos de graduação em Letras de todo o país, o que promoveu uma maior discussão dessa ciência e de seus objetivos e pesquisas. Entretanto, este conhecimento se manteve por muitos anos preso aos muros das universidades, sendo conhecido apenas por aqueles que se encontravam no ambiente acadêmico.

Como uma maneira de promover uma maior circulação para a sociedade de saberes que ficam restritos à academia, foi proposto o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (MEC/SESU, 2006), o qual determina que os três âmbitos supracitados devem ser igualmente contemplados nas ações das universidades. No que concerne à sociolinguística, a ideia desse princípio seria realizar a junção dos conhecimentos resultantes da pesquisa acadêmica – pesquisa – ao trabalho em sala de aula – ensino – e à divulgação desses saberes para a população externa à academia – extensão.

A união desses três pilares formaria o que a Constituição Federal (BRASIL, 1988) indica como o trabalho ideal das universidades brasileiras, uma vez que os três domínios se complementam, promovendo uma evolução cada vez maior da ciência. Entretanto, esse ideal nem sempre é cumprido pelos professores e alunos, sendo a pesquisa a área mais privilegiada devido ao *status* que possui diante das agências avaliadoras dos trabalhos acadêmicos<sup>4</sup>.

Ainda assim, alguns trabalhos foram e são realizados por linguistas com o intuito de tentar conciliar, ao menos, dois desses pilares, como é o exemplo dos trabalhos realizados por Bagno (1997, 1999, 2009), que demonstra uma preocupação maior com a união entre pesquisa e extensão, ao produzir livros que divulgam temas sociolinguísticos para o público em geral; Bortoni-Ricardo (2004, 2005), que se dedica principalmente a unir pesquisa e ensino, com a produção de materiais voltados para uma educação com bases sociolinguísticas;

---

<sup>3</sup> O conceito de gramática normativa que aqui utilizamos é o apresentado por Evanildo Bechara, que diz que “Cabe à gramática normativa [...] elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.” e que a mesma “[...] recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.” (BECHARA, 2006, p. 52).

<sup>4</sup> Este assunto será mais aprofundado no próximo capítulo, no qual abordaremos os critérios de avaliação utilizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com base em Rocha & Deusdará (2011).

e Scherre (2005), que, além de buscar unir a pesquisa e a extensão com a divulgação de resultados de seus estudos, tem realizado propostas também no âmbito do ensino.<sup>5</sup>

Embora eficientes em seu intuito de promover uma divulgação da sociolinguística e, principalmente, do tema preconceito linguístico, essas obras, todas em formato de livro, possuem uma limitação que as impede de alcançar um público mais abrangente: são restritas às pessoas que têm condições financeiras de comprar livros e hábito frequente de leitura, o que sabemos não ser a realidade de grande parte da população no Brasil<sup>6</sup>.

Como alternativa a esses trabalhos, outros foram criados com o mesmo objetivo, entretanto, utilizando suportes diferenciados, de modo a alcançar públicos mais amplos. Sabendo que, nos dias de hoje, uma maior parte da população faz uso das tecnologias, este caminho foi escolhido por alguns profissionais para aperfeiçoar seus trabalhos, seja de ensino ou de extensão. O uso de vídeos como instrumento de ensino, por exemplo, foi confirmado por Machado (2007), Pereira (2007), Sartori (2012) e Squires & Queen (2011) como meios eficientes de aprimorar o trabalho em sala de aula. A *internet*, por sua vez, teve sua utilidade afirmada pelos trabalhos de Ribeiro (2006), Chagas (2012) e Pauleto (2013), que criaram *sites* para divulgação de conhecimentos técnicos para públicos específicos.

Seguindo esse mesmo caminho, nosso trabalho teve por finalidade a criação de um *site* de compilação de materiais sobre o tema preconceito linguístico, buscando preencher uma lacuna no que concerne a novos materiais e suportes de divulgação sobre o assunto para a sociedade, tentando alcançar um público mais amplo e diversificado. Empenhando-nos em seguir o princípio de indissociabilidade, tivemos como objetivo unir a pesquisa, através dos conceitos e informações oferecidos pela sociolinguística; a extensão, ao levar esses conhecimentos às pessoas de um modo geral, com o uso de suportes comumente utilizados na *internet*, como o próprio *site*, uma página na rede social *Facebook* e canais de vídeos no *YouTube*; e o ensino, ao promover materiais que podem e devem ser utilizados em sala de aula para discutir o tema, seja somente entre professores ou entre estes e seus alunos.

---

<sup>5</sup> Há ainda diversos outros estudiosos cujos trabalhos buscam contemplar não somente a pesquisa, mas também o ensino e a extensão, no que concerne aos estudos sociolinguísticos. Podemos citar, por exemplo, os esforços do Grupo de Trabalho de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), que podem ser acessados no *site* da associação: <http://www.anpoll.org.br>.

<sup>6</sup> Sobre isso, ver a reportagem “Brasileiro lê em média quatro livros por ano, revela pesquisa”, publicada no *site* do jornal O Globo: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasileiro-le-em-media-quatro-livros-por-ano-revela-pesquisa-4436899> (acesso em 25 de fevereiro de 2015).

Nesta dissertação, apresentaremos todo o percurso realizado para a concretização de nossos objetivos, sendo a mesma composta por quatro capítulos. No primeiro, expomos nossas principais justificativas e motivações para a realização deste tipo de trabalho, apontando os principais fatores que nos impulsionaram a seguir por este caminho. O segundo capítulo é composto por uma revisão de literatura, na qual discorreremos a respeito de trabalhos anteriores que nos serviram de base teórica e metodológica. No terceiro, por sua vez, relataremos todo o processo de construção do *site*, além de descrever em detalhes a estrutura e o conteúdo do mesmo. O quarto capítulo é dedicado às avaliações ao *site* realizadas por grupos específicos e à análise dos resultados encontrados. Por fim, nas considerações finais, retomamos nossos objetivos, expectativas e resultados, discutindo-os e expondo nossas perspectivas de trabalhos futuros.

## 1 JUSTIFICATIVA

Esta dissertação é o relato de um trabalho cujo objetivo principal foi a criação e a avaliação de um *site* com materiais e textos sobre o tema preconceito linguístico, visando a promover uma circulação do conhecimento científico entre diversas classes da sociedade não-acadêmica. Para tal, nos baseamos no princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, buscando, segundo o próprio princípio exige, unir a pesquisa científica resultante dos estudos sociolinguísticos à extensão - através da divulgação do tema para as pessoas de fora do meio acadêmico - e ao ensino, criando e compartilhando materiais que possam ser também utilizados em sala de aula.

Devido à singularidade do trabalho que aqui será apresentado, faremos uma breve explicação das motivações e justificativas que incentivaram as nossas ações, iniciando-a com a apresentação, em 1.1, do princípio de indissociabilidade supracitado. Logo após, em 1.2, passaremos a abordar a presença desse princípio no ambiente dos cursos de pós-graduação, seguindo, em 1.3, para uma discussão a respeito do que se caracteriza como um trabalho de conclusão desses cursos. Finalmente, em 1.4, citaremos algumas das referências utilizadas para embasar nossa produção, as quais serão retomadas de modo mais aprofundado no capítulo seguinte.

### 1.1 O princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão

Para embasar nossas primeiras ideias a respeito do assunto, começaremos tratando do princípio de indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão (doravante EPE). Este princípio determina que todas as ações de uma universidade devem ser pensadas para atender às demandas dos três âmbitos propostos de modo igual e equilibrado, promovendo uma interação entre os mesmos.

Segundo o artigo 207 da Constituição Federal Brasileira, "As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e **obedecerão** ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão." (BRASIL, 1988, grifo nosso). Como é possível perceber pelo verbo utilizado no artigo, utilizar-se da

indissociabilidade entre EPE não se trata de algo opcional às instituições de ensino superior, porém, muito pelo contrário, é uma obrigação às quais estas devem obedecer.

Além da Constituição, podemos encontrar o princípio de indissociabilidade entre EPE em outros documentos oficiais, como é o caso do Edital do Programa de Extensão Universitária (ProExt)<sup>7</sup> elaborado pelo Ministério da Educação (MEC), o qual determina as regras para a aprovação de um projeto de extensão em uma universidade. Segundo o documento, propor um trabalho que una de modo igualitário tanto o ensino quanto a pesquisa e a extensão é um ponto essencial para aprovação, sendo inclusive, um quesito de caráter eliminatório dentre os projetos sob avaliação.

De acordo com o livro disponibilizado também pelo MEC com o título de "Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão e a Flexibilização Curricular: Uma Visão da Extensão", uma universidade pautada neste princípio deve ser "Uma universidade que amplie seu escopo de atuação passando a envolver não só os segmentos sociais já tradicionalmente privilegiados, mas a sociedade em sua totalidade. Consequentemente, uma universidade com suas **atribuições ampliadas**" (MEC/SESU, 2006, pag. 40, grifo nosso). Ao observamos esta citação, podemos perceber com exatidão a proposta do princípio de indissociabilidade entre EPE: os chamados "segmentos sociais já tradicionalmente privilegiados" podem ser descritos como a própria universidade, seus alunos e professores, e, quando muito, aqueles que têm algum acesso a trabalhos e artigos acadêmicos. Entretanto, a sociedade não é composta somente dessas pessoas e, na realidade, sabemos que esse grupo forma uma minoria da população. Realizar a união entre EPE, portanto, quer dizer promover uma ampliação dos trabalhos e ações acadêmicas para além dos muros da universidade, de modo a alcançar não somente aqueles que já estão inseridos na mesma, mas também, a sociedade como um todo, através do ensino e da extensão.

A necessidade de concretização do princípio de indissociabilidade entre EPE pode ser percebida ao observamos a maneira como sociedade e academia se relacionam: os conhecimentos científicos não são levados até a sociedade, muito embora, em algumas situações, as motivações para que tenham sido descobertos tenham vindo de situações e problemas cotidianos. Na maior parte do tempo, a academia age como se fosse "algo à parte" da sociedade, esquecendo-se de que está inserida na mesma, e que, por isso, deve contribuir

---

<sup>7</sup> O Edital do ano de 2015 e de anos anteriores pode ser acessado através do *link* [http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=490id=12243option=com\\_contentview=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=490id=12243option=com_contentview=article) (acesso em 25 de fevereiro de 2015).



para a divulgação de informações e para que haja sempre um diálogo entre aqueles que estão dentro e os que estão fora do meio acadêmico.

Embora seja uma parte importante e obrigatória para o bom funcionamento de uma universidade, sabe-se que, na prática, o princípio de indissociabilidade é deixado de lado a partir do momento em que a pesquisa é mais privilegiada no meio acadêmico. Isso ocorre por questões já inerentes ao sistema da universidade, o qual criou a tradição de que trabalhos voltados para a sociedade são menos valorizados do que aqueles voltados para a contribuição no desenvolvimento do conhecimento acadêmico<sup>8</sup> (como aponta o artigo de Rocha & Deusdará, 2011, que abordaremos posteriormente). Com esta visão sendo a predominante na maioria dos cursos de graduação, o ensino e, principalmente, a extensão, muitas vezes são ignorados, ou apenas levemente mencionados em algum relatório no qual o princípio de indissociabilidade entre EPE seja cobrado, como vamos perceber mais adiante.

Uma prova de que isso ocorre é encontrada ao analisarmos as Declarações de Atividades Docentes dos professores do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro<sup>9</sup>. Esse documento tem como finalidade apresentar os horários dos professores, especificando as cargas horárias de cada uma das atividades realizadas por eles na universidade. O total de cada professor concursado deve ser de 40 horas semanais<sup>10</sup>, as quais podem ser preenchidas com funções diversas, sendo a docência a única obrigatória. Para completar o número correto de horas, entretanto, outras ações podem ser aliadas à docência, como o planejamento de aulas, a pesquisa, as atividades burocráticas e a extensão. Destas quatro, entretanto, a extensão é a que menos aparece nas declarações.

A explicação para isso pode ser o fato de que o planejamento de aulas é parte essencial da vida docente; a pesquisa, por sua vez, pertence à formação de todos os professores universitários; e as atividades burocráticas, por fim, acabam por ser parte do cotidiano de todos os docentes, inevitavelmente. Ainda assim, seria possível que a extensão fosse incluída na carga horária declarada, uma vez que não há número mínimo de horas para cada uma dessas atividades, desde que se cumpram as 40 horas previamente estabelecidas. Isso fica mais claro ao observarmos as divisões de carga horária feitas pelos próprios professores.

---

<sup>8</sup> Além dessa tradição, há ainda situações em que o próprio governo impõe regras que descumprem o princípio de indissociabilidade, como foi apontado pelos professores da Associação de Docentes da UERJ (Asduerj) em um manifesto datado de 08 de outubro de 2014, que pode ser acessado através do *link*: <http://www.asduerj.org.br/images/Documentos/black/manifesto0810.pdf> (acesso em 25 de fevereiro de 2015).

<sup>9</sup> O acesso às declarações pode ser feito pelo *link*: <http://www.uerj.br/institucional/dad.php> (acesso em 25 de fevereiro de 2015).

<sup>10</sup> Com exceção de alguns professores cujos contratos exigem somente 20h de trabalho.

Na maioria dos casos, vemos que os docentes preferem declarar a maior parte de suas horas na realização de atividades de pesquisa, muitas vezes deixando de declarar a extensão como parte de seu trabalho, ou declarando-a com muito menos horas do que a realidade. Tanto para a pesquisa como para a extensão (ou qualquer uma das outras atividades, como salientamos acima) não há carga horária mínima permitida para declaração, enquanto a máxima é de 20 horas semanais.

Alguns professores que participam de projetos de extensão ou até mesmo os coordenam acabam por declarar essa parte de seu trabalho com 10 horas ou menos, apenas para declarar 20 horas na pesquisa, carga horária essa que não é obrigatória e poderia ser menor, caso outra atividade possuísse mais horas para serem declaradas, mesmo a extensão. Em sua maioria, os professores declaram 20 horas de pesquisa e nenhuma hora de extensão e raros são os casos em que o docente divide suas horas igualmente ou declara mais horas de extensão do que de pesquisa<sup>11</sup>. Isso comprova, novamente, a dificuldade da universidade como um todo de conseguir unir ensino, pesquisa e extensão, sendo esta última na maioria das vezes, preterida em favor das outras. Voltaremos a essa discussão quando apresentarmos o artigo de Rocha & Deusdará (2011).

Embora, segundo as declarações citadas, a extensão seja a atividade menos valorizada por grande parte dos docentes, há projetos de extensão ativos e bem sucedidos realizados na UERJ. Como exemplo, podemos citar o Programa Linguagem em Condições Diferenciadas (PLCD), do Instituto de Letras, que foi criado no ano de 2007 para atender a uma demanda de necessárias pesquisas sobre surdez, afasia e Déficit Específico da Linguagem (DEL), visando sempre à busca de soluções para melhorar a vida das pessoas com estas condições. A partir de 2010, entretanto, o Programa começou a tomar novos rumos, focando-se na questão central que discutimos até o momento neste capítulo: a indissociabilidade entre EPE.

Primeiramente, a área de trabalho do Programa mudou, devido a questões internas: de um programa voltado para os estudos neuro e psicolinguísticos, o PLCD passou a ter, em sua maioria, projetos voltados para os estudos da sociolinguística, mais especificamente, de sua divulgação e circulação de conhecimentos nos âmbitos de pesquisa, ensino e extensão. Novas propostas foram criadas para atender a essa demanda, sendo cada trabalho voltado para um desses contextos, o que tornou as ações realizadas partes de um todo que culminava sempre

---

<sup>11</sup> Com base nas declarações de carga horária referentes a 2014.2 dos professores do Instituto de Letras da UERJ, somente um professor declarou mais horas em extensão do que em pesquisa.

na obediência ao princípio de indissociabilidade.<sup>12</sup> Como exemplo dos projetos realizados, temos um projeto de extensão voltado para a divulgação do tema preconceito linguístico nas escolas; um projeto de iniciação a docência que produz materiais didáticos sobre variação linguística; e um projeto de iniciação científica que visa à utilização dos resultados da pesquisa sociolinguística como provedores de materiais de divulgação. Devido a todas essas mudanças, o programa de extensão modificou seu nome, passando a ser "Programa Linguagem, Ciência e Divulgação", mantendo-se a sigla original "PLCD".

A experiência do PLCD como programa de extensão demonstra que é possível realizar ações e projetos que unam ensino, pesquisa e extensão em um mesmo patamar. No caso da sociolinguística, um exemplo da necessidade existente para que esse tipo de união aconteça está no caso do livro didático rechaçado pela imprensa e pela população devido ao seu conteúdo considerado como um "ensino do errado"<sup>13</sup>, que nada mais era do que um tópico abordando temas já muito conhecidos por aqueles que estudam ou estudaram nos cursos de Letras e Linguística: a variação linguística e o preconceito linguístico. Embora já existam no Brasil pesquisas na área de sociolinguística desde a década de 1970<sup>14</sup>, a maioria da sociedade brasileira sequer ouvira falar do assunto alguma vez em sua vida quando o livro em questão foi lançado. Até mesmo alguns professores e profissionais de Letras foram contra a obra, demonstrando que, em algumas situações, aqueles que têm contato com o meio acadêmico possuem tanta informação quanto aqueles que não o têm.

Essa polêmica que tomou conta da mídia brasileira em meados de 2011 somente serviu para demonstrar que ainda há muito a se fazer em relação ao princípio de indissociabilidade. Há centenas de pesquisas, artigos, publicações e livros sobre a sociolinguística, porém, a grande maioria deles é voltada somente para aqueles que já conhecem o assunto e desejam se aprofundar. A indissociabilidade entraria neste panorama como uma maneira de realizar o diálogo tão necessário entre sociedade e academia, ao promover não somente as pesquisas científicas na área (o que já ocorre com muito êxito), mas também a chegada desses conhecimentos à escola através do ensino e a ampliação do alcance desses mesmos conhecimentos para toda a sociedade, através de projetos de extensão.

---

<sup>12</sup> O único projeto atualmente ativo no Programa que não faz parte desta área de estudos é o concernente ao DEL, entretanto, este projeto também está engajado no sentido de cumprir o prescrito no princípio de indissociabilidade entre EPE.

<sup>13</sup> Uma das primeiras notícias a respeito do assunto foi publicada no portal *Ig*, e pode ser acessada através do *link* <http://poderonline.ig.com.br/index.php/2011/05/12/livro-usado-pelo-mec-ensina-aluno-a-falar-errado/>. (Acesso em 25 de fevereiro de 2015).

<sup>14</sup> Segundo Cezario & Votre (2009).

Para explicar mais claramente a importância dessa união, podemos compará-la a um tripé. Um tripé não consegue se manter de pé se um dos pés está menor, ou faltando. Assim é o princípio de indissociabilidade: sem pesquisa, o ensino e a extensão saem prejudicados; sem ensino, a pesquisa e a extensão não são suficientes; e sem extensão, a pesquisa e o ensino não permitem que a universidade seja ampla o suficiente para dialogar com a sociedade. É neste princípio que acreditamos, e é buscando conciliar os três âmbitos que realizamos o trabalho que resultou nesta dissertação.

## **1.2 O princípio de indissociabilidade na pós-graduação**

Tendo apresentado o princípio básico que rege todo o nosso trabalho, é necessário realizar uma reflexão a respeito da existência do mesmo dentro do contexto da pós-graduação. Como citamos anteriormente, ainda que haja dificuldades em se aliar as três áreas nos projetos e ações realizados na graduação, isso ocorre em alguns casos, como no programa de extensão mencionado. Entretanto, na pós-graduação, realizar essa conciliação tem sido uma tarefa considerada praticamente nula. Embora fique claro na Constituição que o objetivo é que toda a universidade obedeça a esse princípio, as tradições na pós-graduação muitas vezes não permitem que o ensino e a extensão sejam parte importante do trabalho realizado. Estes dois âmbitos, considerados inferiores, são dificilmente encontrados em trabalhos classificados como "sérios" e verdadeiramente científicos. Desenvolveremos melhor este assunto com base no artigo de Rocha & Deusdará (2011), a seguir.

Um dos motivos para que tal dificuldade exista é o fato de a própria Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), órgão que avalia constantemente os cursos de pós-graduação brasileiros, dar muito mais valor a trabalhos cujo foco principal está na pesquisa, sem qualquer obrigação de presença do ensino ou da extensão. Segundo Rocha & Deusdará (2011), esse tipo de avaliação tem criado uma crise no sistema de pós-graduação do Brasil.

Em seu artigo, os autores desenvolvem uma discussão a respeito da rotina dos professores de pós-graduação, enfatizando que a eles falta tempo e situações para discussão coletiva, com as quais o trabalho poderia ser enriquecido e melhorado. O motivo desta falta de tempo reside na dificuldade em atender às regras prescritas pela CAPES para que um programa de pós-graduação se mantenha com uma boa nota de avaliação ou consiga aumentá-

la. Sabe-se que os programas com maiores notas são mais visados e considerados melhores em comparação àqueles cujas notas são inferiores. Entretanto, como mostram os autores, para se chegar às notas mais altas (6 e 7), é necessário um esforço fora do comum para conseguir atender a tudo que é exigido em termos de pesquisa pelas normas da CAPES, o que, conseqüentemente, toma todo o tempo disponível do professor, impedindo-o de se dedicar a outras atividades, como o ensino e a extensão.

Ainda no artigo, os autores apresentam os resultados de uma pesquisa de *corpus* realizada anteriormente utilizando os documentos relativos à avaliação de 13 cursos pela CAPES, observando as atividades que mais contam pontos e são mais bem avaliadas. Uma análise mais detalhada desses resultados é necessária, pois demonstra que o princípio de indissociabilidade foi muitas vezes esquecido no que concerne à avaliação de um curso de pós-graduação.

Ao apresentarem os resultados de seu estudo de *corpus*, os autores listam algumas das principais observações encontradas. Vejamos as de número (iii), (iv), (v) e (vii):

(iii) apenas duas áreas (Letras / Linguística e Direito) **valorizam a Extensão como atividade a ser computada na avaliação do docente;**

(iv) todas as áreas mencionam como desejável a participação em atividades de graduação, ainda que **o peso atribuído ao item seja regularmente bastante reduzido** (em geral, apenas 10% do valor total); há mesmo áreas (Educação e Ciências Biológicas II) que consideram **negativa** uma “participação excessiva do docente” nas referidas atividades de graduação;

(v) apenas uma área (Educação) menciona a **relevância de atividades de gestão e palestras na graduação;**

[...]

(vii) a preparação de material didático destinado ao ensino médio e fundamental é vista como **tarefa do professor de pós-graduação** por apenas duas áreas (Ciências Biológicas e Odontologia); (ROCHA & DEUSDARÁ, 2011, p.192, grifos nossos)

Essas observações demonstram o que viemos afirmando até aqui: que o ensino e a extensão não são tão valorizados na pós-graduação quanto a pesquisa científica com fim em si mesma. Na observação (iii), por exemplo, podemos ver que apenas duas áreas de um total de 13 valorizam a extensão como atividade que valha pontos para avaliação dos professores. As observações seguintes demonstram, ainda, que atividades ligadas ao ensino na graduação também não possuem grande relevância nessa avaliação, e uma atividade específica para o ensino fundamental e médio - preparação de material didático citada na observação (vii) - não é considerada como parte do trabalho do professor de pós-graduação na maioria das áreas.

Com base nessas conclusões, podemos criar uma hipótese para o motivo de parecer tão difícil implantar o princípio da indissociabilidade entre EPE na pós-graduação: as atividades dos professores são regidas pelas regras da CAPES, que determinam o que vale mais ou

menos pontos, o que, por sua vez, determina qual será a nota que o programa receberá. Se as atividades voltadas para extensão e ensino não são valorizadas ou cobradas, dificilmente o professor deixará de se dedicar a atividades de pesquisa para realizar algo relacionado aos outros campos, pois isso não lhe renderá tantos pontos quanto as ações relacionadas à pesquisa científica somente.

### 1.3 O que é um trabalho de conclusão de curso?

Como vimos até o momento, a ocorrência de atividades que sigam o princípio de indissociabilidade na pós-graduação está longe de ser a ideal, uma vez que o ensino e a extensão são praticamente esquecidos na maioria dos trabalhos realizados. Buscando modificar essa situação, foi criado pelo MEC no ano de 2009 o chamado mestrado profissional, que visa a aprimorar a formação de professores de ensino fundamental, na intenção de que desenvolvam suas atuações profissionais utilizando o conhecimento científico.

Esse novo tipo de mestrado surgiu como uma alternativa ao mestrado chamado acadêmico, cuja estrutura segue um padrão voltado para a pesquisa e para a produção final de uma dissertação com características específicas. A inovação proposta pelo mestrado profissional, portanto, está presente tanto na tentativa de união entre ensino e pesquisa - um primeiro passo para se chegar ao ideal proposto pelo princípio de indissociabilidade - quanto nos trabalhos de conclusão de curso, que diferem do que é exigido pelo mestrado acadêmico.

Em relação a esse ponto - o trabalho de conclusão de curso -, temos o seguinte parágrafo retirado da portaria normativa de número 17 do MEC, (publicada em 28 de dezembro de 2009), o qual determina que:

§ 3º O trabalho de conclusão final do curso poderá ser apresentado em diferentes formatos, tais como dissertação, revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, patente, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, publicações tecnológicas; **desenvolvimento de aplicativos, de materiais didáticos** e instrucionais e de produtos, processos e técnicas; **produção de programas de mídia, editoria, composições, concertos, relatórios finais de pesquisa, softwares**, estudos de caso, relatório técnico com regras de sigilo, manual de operação técnica, protocolo experimental ou de aplicação em serviços, proposta de intervenção em procedimentos clínicos ou de serviço pertinente, projeto de aplicação ou adequação tecnológica, protótipos para desenvolvimento ou produção de instrumentos, equipamentos e kits, projetos de inovação tecnológica, produção artística, sem prejuízo de outros formatos, de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso, desde que previamente propostos e aprovados pela CAPES. [...] (MEC, 2009, grifos nossos)

Como podemos observar nesse trecho, a dissertação, no caso do mestrado profissional, passa a não ser mais a única opção de trabalho de conclusão de curso, mas sim uma das diversas alternativas dentre as quais o aluno poderá escolher a que melhor pode se adequar ao seu trabalho. Essa novidade permite que trabalhos voltados para o ensino ou a extensão possam ser apresentados, o que abre as portas para uma nova maneira de se compreender o mestrado, não somente como um curso cujo objetivo é a produção de saberes científicos restritos à comunidade acadêmica, mas, também, como uma oportunidade de se cumprir o princípio de indissociabilidade e realizar uma interação entre academia e sociedade.

Seguindo essa ideia, no ano de 2013, alguns anos após a criação do Mestrado Profissional, foi criado o Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), com uma área de concentração em Linguagens e Letramentos subdividida em duas linhas de pesquisa: 1) Teorias da Linguagem e Ensino; e 2) Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes. Tendo como público alvo os professores de língua portuguesa do ensino fundamental, esse curso de mestrado segue os ideais propostos pela portaria 17 do MEC, visando a formar mestres com conhecimentos que possam ser utilizados para a melhoria de seu trabalho em sala de aula.

Entretanto, há uma divergência em relação às exigências de trabalho de conclusão de curso entre a mesma portaria e o regimento que regulamenta o Profletras. Essa diferença pode ser percebida ao compararmos o trecho citado anteriormente e os seguintes artigos, retirados do regimento oficial do Programa de Mestrado Profissional em Letras:

Artigo 22. O Exame de Qualificação consistirá na apresentação de uma proposta de atividade voltada para o Ensino Fundamental perante banca designada pelo Colegiado de Curso constituída por três docentes, incluindo o Orientador.

[...]

Artigo 24. O Trabalho de Conclusão consistirá na **apresentação escrita de um texto** que verse sobre o resultado do desenvolvimento da atividade prevista no trabalho do mestrando apresentado no Exame de Qualificação. (Regimento do Profletras, 2012, p. 7, grifo nosso)

O primeiro artigo mencionado, de número 22, determina o que será cobrado como parte do exame de qualificação para conclusão do curso do Profletras, ou seja: a apresentação de uma proposta de atividade voltada para o ensino fundamental. Já o artigo de número 24 discorre a respeito do que será exigido como trabalho de conclusão de curso, o qual, portanto, deverá ser uma apresentação escrita de um texto que trate dos resultados obtidos após a realização da atividade que fora proposta no exame de qualificação.

A divergência entre o que é exigido como trabalho de conclusão pela portaria do MEC e o que é aceito como tal pelo regimento do Profletras nos parece clara: enquanto o primeiro

oferece alternativas diversas para a realização do trabalho final, abrindo as possibilidades para materiais de tipos e funções diferenciados, o segundo limita o trabalho do mestrando a uma apresentação escrita sobre resultados de uma determinada atividade, modelo muito similar ao que estamos acostumados a ver no mestrado acadêmico.

A dúvida que pode nos surgir nesse momento é exatamente o porquê dessa divergência. Ora, se a portaria do MEC determina ser possível estender os limites que o mestrado acadêmico impõe, uma vez o mestrado profissional se diferencia de um mestrado do tipo "comum", por que o regimento do Profletras limitaria novamente as produções dos discentes? Seria apropriado imaginar que isso se deve à supervalorização já citada da pesquisa sobre os outros âmbitos, o que torna difícil a implantação de mudanças em um tipo de modelo já consagrado.

Uma justificativa para essa visão pode ser encontrada na crise já citada e apresentada por Rocha & Deusdará (2011): sabe-se que o tempo do professor de pós-graduação é voltado quase que totalmente para atividades no domínio da pesquisa científica e com pouca (ou nenhuma) relação com o ensino ou a extensão, o que nos leva a compreender que isso se tornou uma tradição nas universidades e, principalmente, na pós-graduação. Ao se propor um projeto como o mestrado profissional, que rompe com essa tradição, acredita-se que esta não seja uma transição simples e de fácil aceitação por aqueles que estão acostumados ao antigo modelo de trabalho. Isso pode ser a explicação do motivo pelo qual o regimento do Profletras limitou a estrutura do trabalho de conclusão, de modo a não permitir uma mudança tão drástica e tão ousada. Em outras palavras: embora o mestrado profissional seja uma inovação no que concerne à formação de mestres no sistema de pós-graduação brasileiro, ainda há muitas questões a serem discutidas e repensadas. Enquanto essas mesmas questões não forem resolvidas, continuará existindo esse tipo de limitação em relação ao trabalho de conclusão, cujo resultado, na prática, será exatamente o mesmo que o esperado em um mestrado acadêmico.

Entretanto, não são todos os cursos de mestrado acadêmico que exigem a produção de uma dissertação como único produto final do curso. Embora todos tenham como pré-requisito para sua conclusão que o aluno tenha realizado um trabalho e que este seja apresentado em formato de dissertação, nem sempre a forma como isso ocorre é similar ao modelo tradicional com o qual estamos habituados. Para exemplificar melhor, façamos uma comparação entre os produtos finais dos cursos de mestrado acadêmico em Letras e em áreas da Tecnologia, por



exemplo. No primeiro caso, como um breve levantamento<sup>15</sup> pôde demonstrar, encontramos uma grande maioria de dissertações cujo produto final é a própria dissertação, ou seja, não há um resultado além do que está sendo apresentado ali. Uma pesquisa é elaborada, aplicada, tem seus resultados analisados e o intuito final disso tudo é apresentar todo esse processo em uma dissertação.

No segundo caso, é possível encontrar muito mais trabalhos em que o produto final não é a própria dissertação, mas sim, algo que foi realizado com um objetivo específico de extensão ou ensino. É o caso de jogos, vídeos, *sites* e aplicativos que são criados com objetivos de divulgação de algum tema ou como auxiliares do aprendizado de alunos dos ensinos fundamental e médio, ou até mesmo, de graduação. Nesse caso, o que temos é um verdadeiro produto final criado para atender a uma demanda específica e que possui "vida própria" de modo independente, sem a necessidade da dissertação para existir.

É importante neste momento citarmos alguns trabalhos que encontramos e que seguem essa linha, buscando realizar algo que vai além de uma dissertação e muitas vezes unindo ensino, pesquisa e extensão, cumprindo, assim, o que é ditado pelo princípio de indissociabilidade. Os trabalhos de Machado (2007), Pereira (2007) e Sartori (2012) podem ser usados como exemplos. No caso dessas três dissertações de mestrado acadêmico, os autores optaram por realizar trabalhos cujo produto final se realizou através de vídeos voltados para o ensino de suas respectivas disciplinas<sup>16</sup>.

Esse tipo de material nos lembra muito o que é proposto como trabalho de conclusão de curso no mestrado profissional, muito embora, neste caso, seja considerado um trabalho válido a ser apresentado em um exame de mestrado acadêmico. Nossa questão agora, portanto, reside nesta comparação que acabamos de realizar: se é possível que trabalhos cujos objetivos não se limitem somente a escrita de uma dissertação sejam aceitos como trabalhos finais de cursos de pós-graduação *stricto sensu* de mestrado acadêmico no caso de cursos da área de tecnologia, por que o mesmo não acontece (ou acontece tão pouco) no caso dos cursos da área de Letras, por exemplo? Essa pergunta ainda continua sem uma resposta concreta.

Entretanto, não se pode deixar de mencionar que há discussões acontecendo nos ambientes acadêmicos a respeito do assunto. Alguns professores, como o Prof. Dr. Gustavo Krause, professor associado do Instituto de Letras da UERJ, começam a questionar essa ideia de que aquilo que devemos fazer dentro da academia é somente analisar objetos de estudos.

---

<sup>15</sup> Ver os bancos de teses das principais universidades brasileiras, como Unicamp, USP, UFRJ e UERJ.

<sup>16</sup> Abordaremos esses trabalhos de modo detalhado no próximo capítulo.

Em um de seus textos sobre o assunto<sup>17</sup>, o professor faz uma crítica à maneira como a escola e as universidades tratam o estudo da literatura apenas como mais uma disciplina, sendo que, na verdade, esta se caracterizaria por ser mais próxima da arte do que de um simples objeto para se estudar. Uma das maneiras de se resistir a essa tendência é a que o professor cita em seu texto:

Há professores e escolas e universidades que não esquecem que a literatura é antes de tudo arte: desafio e enigma, paixão e ilusão. Isso acontece em vários níveis – por exemplo, **quando uma pós-graduação em literatura aceita um trabalho de ficção como tese**. Essa proposta, como demonstram os finalistas do Jabuti e do Portugal Telecom, costuma ser bem sucedida, gerando trabalhos de ficção ousados e consequentes porque frutos do diálogo tenso com a reflexão acadêmica. **Isso se chama: produção de conhecimento e de cultura.** (KRAUSE, 2008, grifos nossos)

O questionamento apresentado pelo autor tem relação direta com o que estamos propondo no trabalho que aqui descrevemos: a desconstrução da ideia de que não é possível fazer algo além de uma dissertação ou tese como trabalho de conclusão de um curso de pós-graduação. Utilizando o exemplo de Krause, podemos citar alguns autores da área de literatura cujos trabalhos ultrapassaram os limites de uma dissertação/tese: Costa (2002, 2007) e Levy (2007) criaram romances de ficção como trabalhos de conclusão de seus cursos de pós-graduação, os quais, posteriormente, foram lançados como livros.

Essa inovação ocorrida em alguns cursos de pós-graduação em literatura abre caminho para uma série de indagações a respeito da real necessidade de se produzir um trabalho de conclusão de curso nos moldes de uma dissertação ou tese. No caso dos exemplos citados, essa necessidade foi deixada de lado, uma vez que a estrutura principal foi desconstruída, dando lugar a um tipo de estrutura que cumpriu o papel de instrumento de avaliação de forma tão eficiente quanto os tradicionais.

Concordando, portanto, que, em ambos os casos mencionados, o trabalho cumpriu seu papel, poderíamos tentar trazer essa discussão para o campo da linguística. Se um romance pode ser considerado um trabalho de conclusão de curso, poderia o livro "A Língua de Eulália", de Marcos Bagno (1997), por exemplo, ser considerado como tal? Segundo o próprio autor determina na capa de sua obra, trata-se de uma "novela sociolinguística", cujo objetivo é o de realizar a divulgação do assunto através de uma narrativa. Entretanto, se levarmos em consideração a qualidade do conteúdo a respeito da sociolinguística contido neste livro, caso fossem incluídas uma breve introdução ao seu início e uma conclusão formal em seu final, seria possível compará-lo a uma dissertação ou tese, tendo como única diferença

---

<sup>17</sup> É possível acessar o texto em questão através do *link*: <http://pousio.blogspot.com.br/2009/01/ficcao-da-tese-gustavo-bernardo.html> (acesso em 25 de fevereiro de 2015)

a estrutura que passaria a ser narrativa, mudança que, contudo, não traria qualquer prejuízo ao objetivo final de um trabalho de conclusão: descrever os resultados de um projeto realizado em um curso de pós-graduação, neste caso, de um projeto voltado para a extensão.

Apenas para fins de exemplificação, podemos citar o próprio texto de Rocha & Deusdará (2011): em determinado momento, especificamente no subtítulo 2: *Cotidianos que falam do trabalho do professor*, os autores brincam com a estrutura do artigo que escrevem ao utilizar uma narrativa como parte do mesmo. Novamente, podemos questionar se isso afeta o objetivo final da publicação, e, sabendo que esta foi aceita como um artigo válido em uma revista, percebemos que a resposta é não.

O que estamos propondo, afinal, com estes questionamentos é que a estrutura de um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação deveria ser menos visada em comparação ao seu objetivo final. Para embasar este pensamento e apresentar o último ponto de apoio de nossa justificativa, citaremos autores que apontam a necessidade do diálogo entre academia e sociedade e alguns trabalhos que vão contra a ideia de uma dissertação/tese com um fim em si mesma.

#### 1.4 Linguística e sociedade

Para continuar a expor os motivos que justificam a realização do trabalho que será descrito nesta dissertação, é necessário que pensemos no que Ferdinand de Saussure considera como o verdadeiro propósito de se fazer linguística, determinado pelo autor em seu "Curso de Linguística Geral.". Para isso, vamos voltar ao início da compreensão da linguística como ciência, e, mais especificamente, à sua verdadeira utilidade apontada pelo autor:

Qual é, enfim, a utilidade da Linguística? Bem poucas pessoas têm a respeito idéias claras: não cabe fixá-las aqui. Mas é evidente, por exemplo, que as questões lingüísticas interessam a todos - historiadores, filólogos etc. - que tenham de manejar textos. **Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro.** Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas - consequência paradoxal do interesse que suscita - **não há domínio onde tenha germinado idéias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções.** Do ponto de vista psicológico, esses erros não são desprezíveis; **a tarefa do lingüista, porém, é, antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível.** (SAUSSURE, 1977[1916], p. 14, grifos nossos)

Segundo esse trecho, podemos perceber que Saussure já afirmava que a linguística como um todo deveria também se preocupar com questões sociais e com a denúncia e a dissipação de ideias errôneas sobre a língua. Entretanto, essa ideia parece ter se perdido com o tempo, tendo sido deixada de lado por uma maioria. Isso talvez seja justificado pelo fato de alguns linguistas, como Noam Chomsky, preferirem não unir o ser-linguista ao ser-social, e defenderem a ideia de que uma mesma pessoa possa participar de ambos os contextos, sem que necessariamente haja ligação entre eles (CHARITY, 2008).

Foi somente com o surgimento dos estudos da área da chamada sociolinguística variacionista que esse papel começou a ser repensado, e a linguística passou a ter relação direta com as ações sociais. Um dos pioneiros nessa área, William Labov iniciou suas pesquisas sobre as variações linguísticas na década de 1960 e, a partir de suas observações, buscava analisar a língua levando em consideração não somente os fatores linguísticos, mas também os extralinguísticos (sociais, culturais e psíquicos) que a permeiam e influenciam sua variação (CEZARIO; VOTRE, 2009).

Assim como Saussure, Labov acreditava que a linguística deveria ser uma ciência que envolvesse o social, e, que, assim, poderia intervir na sociedade e desmistificar os preconceitos a respeito das variedades linguísticas e os valores atribuídos a elas. Um exemplo de ação que comprova essa sua ideia é o caso dos alunos de Ann Arbor, no qual Labov prestou um serviço à comunidade ao levar informações linguísticas necessárias em uma situação de conflito (CHARITY, 2008).

Com base nas visões apresentadas por Saussure e, posteriormente, por Labov, podemos concluir que a intenção principal da (socio)linguística deve ser a de interferir no mundo, na sociedade. Uma proposta que corrobora essa ideia é a de Charity (2008), que propõe que os linguistas sejam "agentes de mudança social". A autora aponta a importância do papel do linguista na sociedade, principalmente no que concerne à produção de conhecimentos sobre a língua para aqueles que não têm acesso a essas informações em seu dia-a-dia.

Ainda no mesmo caminho, temos Wolfram (1998) que, por sua vez, propõe o princípio da gratuidade linguística, segundo o qual os linguistas devem retornar favores à comunidade na qual suas pesquisas foram realizadas. Para o autor, uma vez que a motivação de toda pesquisa sociolinguística vem das pessoas e da sociedade, nada seria mais natural do que tornar a comunidade de fala co-participante dessa pesquisa, retornando a ela os resultados encontrados de modo a beneficiá-la.

Todas essas ideias podem ser resumidas em uma só: a noção de que é necessário que o linguista vá além dos muros de uma universidade e leve o conhecimento àqueles que, por motivos diversos, não podem ter esse acesso. Similar ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, as propostas de Charity e Wolfram incentivam uma união entre pesquisadores, professores e a comunidade, de modo a promover uma circulação do conhecimento ampla e eficaz.

Acreditamos, assim como os autores, que unir a linguística à comunidade social é o melhor caminho para se conquistar uma mudança de pensamentos e atitudes no que concerne ao tema preconceito linguístico, tão presente no dia-a-dia de nossa sociedade, porém desconhecido pela mesma. Para isso, buscamos desenvolver maneiras eficientes de expandir o conhecimento a respeito do assunto para a comunidade não-acadêmica em geral, produzindo materiais de divulgação com o uso da tecnologia e da *internet*, os quais podem ainda ser utilizados em salas de aula, cumprindo com nosso compromisso de fazer o possível para obedecer ao princípio de indissociabilidade.

O trabalho que abordaremos nesta dissertação foi a criação e a avaliação de um *site* no qual compilamos diversos materiais com mensagens contra o preconceito linguístico, como vídeos, cartilhas, imagens, tirinhas, entre outros. Seguindo as ideias dos autores que apresentamos até aqui, buscamos, com isso, produzir conhecimento em grande escala para alcançar um público cada vez mais amplo, e, por isso, resolvemos utilizar a *internet*, sabendo que, nos dias atuais, este é um dos meios de maior acesso e compartilhamento de informações<sup>18</sup>.

Para embasar esta nossa proposta, podemos citar alguns trabalhos de conclusão de curso de pós-graduação que seguiram um ideal similar e possuem, como produto final, um *site* criado com a finalidade de educar e/ou informar. Ribeiro (2006), Chagas (2012) e Pauleto (2013) são alguns exemplos, sobre os quais discorreremos de modo mais aprofundado no capítulo de revisão da literatura.

Retomando nossa discussão anterior sobre a necessidade de um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação nos moldes de uma dissertação, reforçamos aqui a nossa ideia de que a mesma pode ser utilizada como tal, mas que outros trabalhos em formatos diferentes também cumprem o mesmo papel, sem prejudicar a conclusão do curso e a avaliação do aluno. Seguindo essa linha de pensamento, como nossa proposta é a de produção de materiais de divulgação e circulação do conhecimento, a dissertação pode ser considerada um desses

---

<sup>18</sup> Como exemplo, podemos citar o *site* de relacionamentos *Facebook*.

materiais, enquanto o *site* se configura como o produto final do curso de mestrado propriamente dito.

Nosso objetivo com este primeiro capítulo foi, portanto, apresentar nossas motivações para a realização do trabalho que será descrito com a intenção de justificar seu ineditismo, mostrando a real necessidade de realizá-lo e expondo os autores e as ideias que nos motivaram. No próximo capítulo, apresentaremos de modo detalhado as principais leituras realizadas para fundamentar nosso trabalho, abordando um pouco mais, inclusive, algumas referências já citadas até o momento.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, faremos uma breve revisão da literatura escolhida como base para a realização do trabalho que posteriormente será apresentado. Abordaremos textos que versam sobre temas que vão desde o papel do linguista na sociedade até a criação de materiais midiáticos no intuito de propagar determinados conhecimentos e informações.

Iniciaremos esta revisão com o texto de Charity (2008), seguido de Wolfram (1998), os quais nos apresentam a relevância da atividade social no âmbito do trabalho da linguística. Seguiremos com as obras de Bagno (1997) e Scherre (2005), que realizam trabalhos de divulgação da sociolinguística. Em seguida, citaremos os trabalhos de Machado (2007), Pereira (2007), Sartori (2012) e Squires & Queen (2011), os quais dissertam sobre a criação de vídeos como material de propagação de determinados conhecimentos. Finalmente, apresentaremos os textos de Ribeiro (2006), Chagas (2012) e Pauleto (2013), nos quais os autores relatam a confecção de *sites* informativos sobre assuntos específicos de suas áreas de estudos.

### 2.1 Relação entre o linguista e a comunidade de fala

Nesta primeira subseção, apresentaremos artigos que tratam da relação entre o linguista e a comunidade de fala, descrevendo maneiras de estes realizarem um trabalho em conjunto que vise tanto ao progresso dos estudos linguísticos quanto ao compartilhamento do saber com as comunidades, beneficiando-as e garantindo às pessoas seus direitos linguísticos. Iniciaremos com o artigo de Charity (2008), seguido pelo texto de Wolfram (1998).

#### 2.1.1 O linguista como agente de mudança social: Charity (2008)

Charity (2008) apresenta a ideia de linguistas como agentes de mudança social. Segundo a autora, alguns de seus principais objetivos com seu artigo seriam os de examinar e promover o papel do linguista como agente para a mudança social, abordando alguns

estudiosos e organizações que realizam algum tipo de serviço social, além de sugerir possibilidades para que estes se tornem ainda mais engajados socialmente. Charity aponta, logo ao início de seu texto, que os linguistas em geral efetuaram muitos trabalhos interessantes para a mudança social, e que, na sua concepção, todos os linguistas, independentemente de suas áreas de estudo, têm muito a contribuir socialmente.

Em um primeiro momento, Charity discute a relação que existe ou não entre a atuação profissional do linguista e sua atuação enquanto cidadão no meio social. A autora cita o exemplo de Noam Chomsky como um caso em que esses dois papéis não andam juntos, sendo o estudioso voltado, separadamente, para seus trabalhos no campo da linguística e para suas ações no meio social e político, sem que esses âmbitos tenham qualquer tipo de relação. Charity apresenta uma citação de Chomsky (1998) que explica essa divisão, na qual o linguista alega não haver nada que possa conectar ambos os trabalhos, e que o fato de realizar um não afeta de modo algum o outro. Segundo Chomsky, se esses dois papéis do cidadão-linguista possuem alguma relação, esta se dá em um nível por demais abstrato.

Charity menciona ainda outro comentário de Chomsky (1991) a respeito da “utilidade”<sup>19</sup> da linguística para a mudança social. Segundo ele, todo ser humano deve ser útil socialmente, o que não quer dizer que, para isso, seja necessário fazer algo que tenha a ver com o contexto de sua vida profissional como linguista. Chomsky ainda afirma que o exercício da profissão, na verdade, não ajuda em nada a alguém para ser útil para as pessoas, ou seja: de acordo com o pesquisador, nada no estudo da linguagem necessariamente encoraja ao ativismo social.

Após comentar essa posição de Chomsky, Charity passa a apresentar linguistas e organizações que seguem um caminho contrário ao do autor gerativista. A autora cita os trabalhos, primeiramente, de Bolinger (1979), Labov (1982), Rickford (1997) e Wolfram (1993). Destes quatro, abordaremos apenas o trabalho de Labov neste momento, uma vez que este pode ser considerado um dos mais importantes sobre o assunto. A respeito do trabalho de Wolfram, é importante ressaltar, detalharemos mais em um momento posterior, pois citaremos um de seus textos nesta revisão de literatura.

O trabalho de Labov (1982) como linguista que atua no meio social é um ótimo exemplo para demonstrar o que Charity está propondo em seu artigo, e pode-se citar, para isso, o caso de Ann Arbor. A situação ocorrida foi a seguinte: os pais das crianças afro-americanas buscavam auxílio para que seus filhos pudessem ter uma proteção na lei que lhes

---

<sup>19</sup> O uso de aspas para essa palavra está registrado no original de Charity (2008, p. 924).



garantissem uma educação igualitária e, com isso, fossem autorizados a usar seus dialetos em sala de aula. Labov realizou um trabalho social neste caso, apresentando informações linguísticas necessárias à resolução da situação. Em relação a este caso específico, o sociolinguista afirmou que muitas vezes os linguistas acabam por se posicionar em oposição ao seu compromisso com a ação social. Ele apontou, ainda, que a união entre o linguista como cientista e entre o cientista como ativista pode ocorrer da seguinte forma: informações linguísticas são levadas às comunidades quando estas necessitam disso, e as informações conquistadas em determinada comunidade devem ser usadas em benefício dessa mesma comunidade.

Em um novo momento do texto, Charity apresenta organizações que fazem trabalhos na área da linguística voltados para ações sociais. Dentre estas, cita o exemplo da National Science Foundation (NSF), uma importante fonte de financiamento para linguistas que tem exigido que as propostas enviadas à organização para análise cumpram alguns requisitos, garantindo, assim, que os trabalhos tenham um cunho social associado. Além disso, a NSF exige sempre que os planos apresentados incluam em seus objetivos a propagação do conhecimento, como podemos ver nessas duas perguntas que, segundo aponta Charity, faziam parte da avaliação de propostas realizada pela NSF<sup>20</sup>: “quais poderão ser os benefícios da atividade proposta para a sociedade?”; e “quão bem a atividade alcança descobertas e entendimentos enquanto promove o ensino, o treinamento e o aprendizado?”<sup>21</sup>.

Fazendo um contraponto à visão anteriormente apresentada por Chomsky, Charity apresenta uma nova visão de Labov (2006), que afirma que o linguista deve ser primeiro um ativista e, depois, um pesquisador. Afinal, com a utilização do conhecimento linguístico sobre as variações, normas e dialetos das línguas, seria possível garantir os direitos linguísticos de todos os falantes.

Na última parte do texto, a autora aponta meios de veiculação de temas linguísticos para a população, quais sejam: através de conferências acadêmicas, nas quais podem ser discutidas melhores maneiras de se realizar uma disseminação maior e mais abrangente do assunto; com abordagens interdisciplinares, nas quais seria possível aliar conhecimentos linguísticos a conhecimentos de outras áreas, de modo a realizar uma propagação do saber em

---

<sup>20</sup> Podemos fazer, aqui, uma comparação entre os critérios exigidos pela NSF e os requeridos pela CAPES: enquanto a NSF incentiva projetos a realizarem trabalhos sociais e voltados para a circulação do conhecimento, a CAPES valoriza a pesquisa com fim em si mesma (ROCHA ; DEUSDARÁ, 2011), como mencionamos no capítulo 1 desta dissertação.

<sup>21</sup> Perguntas retiradas de Charity (2008), p. 925, tradução nossa.

diversos ambientes; e com divulgações do tipo midiáticas, que podem ser realizadas através de livros, vídeos, *internet*, recursos *online*, jornais e até mesmo *blogs* que ofereçam informações de forma gratuita.

### 2.1.2 O princípio de gratuidade linguística: Wolfram (1998)

O segundo texto sobre o qual discorreremos é o de Wolfram (1998), que aborda o princípio de gratuidade linguística e os problemas e questionamentos inerentes à aplicação deste princípio. O princípio de gratuidade linguística, segundo o autor, consiste na prática de retornar favores linguísticos para as comunidades nas quais as pesquisas sociolinguísticas foram realizadas. O principal exemplo apresentado por Wolfram para demonstrar uma situação prática de utilização desse princípio é o seu trabalho realizado na comunidade de Ocracoke, nos Estados Unidos. A partir das experiências acumuladas, o autor realizou reflexões e questionamentos a respeito da relação pesquisador-comunidade.

Para iniciar a exemplificação desse tipo de relação, o autor cita o caso de Labov (1982) e seus princípios: o princípio de correção do erro e o princípio de débito contraído<sup>22</sup>. Segundo Wolfram, o trabalho de Labov demonstra um envolvimento social possível para os pesquisadores, mas os princípios apresentados por ele seriam por demais restritos e regidos por reação a partir de uma primeira ação da sociedade. O autor, por sua vez, buscou ideias mais proativas e que pudessem encorajar os pesquisadores a pensarem em maneiras de compartilhar seus conhecimentos com as comunidades nas quais suas pesquisas são realizadas.

O trabalho de Wolfram foi dedicado a programas de consciência dialetal, que têm por objetivo informar às pessoas da comunidade em questão e ao público em geral sobre a herança dialetal da comunidade e questões sobre a diversidade dialetal em geral. O programa ambientado em Ocracoke, especificamente, possuiu atividades educacionais formais e informais, incluindo nesse trabalho diferentes agências e instituições da comunidade. Alguns dos trabalhos realizados pelo programa local foram os seguintes: a publicação de livros para o público em geral; a produção de documentário em vídeo sobre a pronúncia característica da

---

<sup>22</sup> Princípios mencionados em Wolfram (1998), p. 271, tradução de Catellan (1996).

comunidade; e o desenho e a distribuição de camisetas com um *slogan* utilizado pelo programa na parte dianteira e uma seleção de termos únicos do dialeto local na parte de trás.

De acordo com Wolfram, os esforços para retornar favores linguísticos para a sociedade envolveram alianças sociais, educacionais e econômicas e, embora este tenha sido um modelo que ajudaria os sociolinguistas na relação com a comunidade, haveria também muitas questões e alguns problemas a respeito do seu papel na mesma. Alguns desses problemas surgiram no trabalho do autor em Ocracoke e, segundo ele, podem ser generalizados para qualquer outra situação ou local.

O autor passa, então, a citar os principais questionamentos que surgiram nesse trabalho, iniciando pelas questões de relação de poder e autoridade. Segundo ele, nunca houve a ideia, por parte dos pesquisadores, de disfarçar o que eram para a comunidade e em nenhum momento se buscou estabelecer papéis de autoridade entre eles; entretanto, as pessoas os viam como os especialistas da língua, o que, de acordo com o autor, pode ter ocorrido pois, ao se apresentarem como “as pessoas do dialeto”<sup>23</sup>, acabou sendo dado a eles um *status* de autoridade da língua.

Esse *status* esteve claramente ligado somente à especialidade em questões linguísticas, uma vez que a comunidade via os pesquisadores como ignorantes em outros âmbitos, como aponta o autor. De acordo com o texto, muitas oportunidades surgiram por causa desse *status* e, embora a aceitação aos pesquisadores pelas pessoas da comunidade provavelmente não tenha acontecido devido ao fato de serem estudiosos, isso proporcionou uma relação assimétrica de autoridade sobre assuntos da língua.

Outra questão que, de acordo com Wolfram, merece atenção, é a relativa aos problemas de propriedade. Os programas criados pelo autor eram apreciados pelas pessoas da comunidade, mas eram referidos como “os programas do Walt”, em referência ao pesquisador, Walt Wolfram, e não como “programas de Ocracoke”, o que demonstrou bem a questão já mencionada da autoridade. Para exemplificar essa situação, Wolfram apresenta em seu texto um comentário feito por um professor a respeito do programa: “O orgulho que foi estabelecido através do programa de Walt é fenomenal...”<sup>24</sup>. Segundo o autor, este foi um bom comentário em relação ao trabalho realizado, mas demonstra que a propriedade do programa não é assumida pelos professores ou pela comunidade em si. A única parte sobre a qual a comunidade demonstrou alguma propriedade, aponta Wolfram, foi o léxico.

---

<sup>23</sup> Modo como os habitantes da comunidade de Ocracoke chamavam os estudiosos do grupo de trabalho de Wolfram (WOLFRAM, 1998, p. 273, tradução nossa.).

<sup>24</sup> Wolfram, 1998, p. 274, tradução nossa.

A terceira questão sobre a qual o linguista tece seus comentários é a relativa aos problemas de apresentação sobre questões da língua. O autor esclarece que usa o termo “apresentação” no sentido de escolha do que será destacado e discutido dentro e fora da comunidade. No caso de Ocracoke, os linguistas privilegiaram o seu próprio *status*, abrindo mão de algumas determinações populares da comunidade. Os motivos para isso, segundo Wolfram, perpassam pelo fato de que as pessoas não estão necessariamente preocupadas com as questões linguísticas que os pesquisadores apresentam a elas.

Há ainda os problemas de representação, descritos por Wolfram como as dificuldades em se pensar as maneiras como o dialeto local deve ser caracterizado e mercantilizado. Como um exemplo, o autor cita o caso dos jornalistas, que sempre levam a questão do dialeto para o léxico, mesmo que o foco dos estudos dos pesquisadores tenha sido em outras áreas, como a fonologia e a morfossintaxe. Além das representações inadequadas por parte de outros profissionais, ocorrem ainda, aponta Wolfram, na maior parte das vezes, situações em que os próprios dialetologistas tendem a mostrar mais as versões marcadas e vernaculares dos dialetos. Wolfram destaca também que podem ocorrer casos em que o público em geral pense que o dialeto é mais simples do que realmente é, devido às representações utilizadas pelos estudiosos. A partir disso, são criados os estereótipos a respeito dos dialetos. Citando Rickford (1997), o autor indica que:

[...] os assuntos que os pesquisadores ressaltam para suas apresentações podem servir para reforçar – ou mesmo criar – novos tipos de estereótipos sobre a língua e a vida da comunidade de fala. [...] Nossas representações (dos linguistas) são moldadas, talvez de modo inconsciente, pela maneira como desejamos que as nossas informações sejam recebidas e compreendidas. (RICKFORD, 1997 apud WOLFRAM, 1998, p. 276, tradução nossa.)

Um quarto problema destacado por Wolfram diz respeito a conflitos de crenças e valores sobre língua, o principal fator que diferencia os membros da comunidade e os linguistas profissionais. O autor faz questionamentos a respeito dessa situação, utilizando, para sua reflexão, perguntas diversas, sendo algumas delas: como lidar com essa diferença?; como trabalhar em união se os valores divergem?; como dar informações que vão contra aquilo que já é uma crença popular?; e, ainda, é correto adaptar o conteúdo das informações para proteger os interesses de colaboração?<sup>25</sup>

Por último, Wolfram apresenta questões a respeito da necessidade e dos lucros, tais como: a comunidade realmente precisa da colaboração dos pesquisadores? Ou ainda, a

---

<sup>25</sup> Perguntas retiradas de Wolfram (1998), p. 277, tradução nossa.

comunidade deseja essa colaboração? Quem lucra de verdade com a participação dos linguistas na comunidade? Os pesquisadores têm seus lucros no quesito profissional, mas e a comunidade?<sup>26</sup> O autor finaliza seu texto afirmando que ainda haveria muitas questões e problemas que precisariam ser contemplados no que concerne à parceria entre pesquisador e comunidade e à implementação do princípio de gratuidade linguística. Segundo ele, as situações e discussões apresentadas em seu artigo foram apenas um ponto de partida para uma discussão sobre o compartilhamento de conhecimentos com as comunidades.

## 2.2 A divulgação da sociolinguística

Nesta segunda subseção, abordaremos os trabalhos de Bagno (1997) e Scherre (2005), obras realizadas com o intuito de promover uma divulgação da sociolinguística, e, principalmente, de desconstruir o preconceito linguístico perante a sociedade através de livros que discutem o assunto e são voltados para todos os leitores, sejam estudiosos do tema ou somente pessoas interessadas em saber um pouco mais sobre ele.

Sendo estes tipos de texto em formato diferente dos outros que abordamos nesta revisão de literatura (dissertações e artigos), apresentaremos os referidos trabalhos focando principalmente no que consideramos os pontos principais de suas obras, por discutirem questões pertinentes ao nosso estudo. No caso de Bagno, daremos atenção especial ao capítulo que discorre a respeito de mudança, variação e problemas no ensino da língua (BAGNO, 1997, p. 156-177), e no caso de Scherre, abordaremos o capítulo denominado “variação linguística, mídia e preconceito” (SCHERRE, 2005, p. 37-78).

### 2.2.1 Norma, variação e ensino: Bagno (1997)

O texto sobre o qual discorreremos a seguir é, na realidade, um livro completo dedicado à divulgação da sociolinguística e de suas descobertas sobre determinados fenômenos linguísticos estigmatizados. O livro “A Língua de Eulália” (BAGNO, 1997) nos

---

<sup>26</sup> Perguntas retiradas de Wolfram (1998), p. 277, tradução nossa.

apresenta, segundo o próprio autor aponta, uma novela sociolinguística cujo enredo se baseia em uma situação de preconceito linguístico que leva os personagens a discutirem sobre as noções de certo e errado na língua.

A história escrita pelo autor se inicia com a chegada de três amigas universitárias e professoras de educação básica a uma cidade pequena do interior chamada Atibaia para passarem as férias na chácara da tia de uma delas. Vera, Emília e Sílvia logo conhecem a tia de Vera, Irene, uma professora universitária aposentada, que mora com uma senhora chamada Eulália, que a ajuda a manter a casa e realiza os afazeres domésticos. Após o primeiro almoço das convidadas na casa da anfitriã, as amigas começam a comentar sobre o modo como Eulália fala, rindo dos desvios da norma padrão<sup>27</sup> cometidos por ela e afirmando que, embora Irene tenha dito que Eulália era uma mulher muito sábia, toda a sua sabedoria de nada valia, uma vez que sua fala não era a ideal.

A partir desta situação, Irene, que é professora de linguística e língua portuguesa, passa a ter conversas e aulas com as meninas todos os dias das férias, com o intuito de instruí-las a respeito das variedades linguísticas do português brasileiro. A cada dia, um fenômeno ou um mito linguístico é apresentado, esclarecido e discutido, sendo cada uma dessas aulas inserida em um capítulo da história. Os tópicos abordados nos capítulos do livro de Bagno vão desde a história da língua até situações de variedades estigmatizadas nos dias atuais, como nos casos dos seguintes fenômenos, que dão títulos aos capítulos em que são discutidos: a rotacização do L (sic, BAGNO, 1997, p. 42) nos encontros consonantais, como em *blusa/brusa*, *inglês/ingrês* e *planta/pranta*; a contração (sic BAGNO, 1997, p. 107) das proparoxítonas em paroxítonas, como em *árvore/arvre*, *fósforo/fósfro* e *tábua/tauba*; e o uso do pronome *mim* como sujeito de infinitivos, observado em frases como “pra *mim* fazer”, “pra *mim* comprar” e “pra *mim* ir”.

Além dos capítulos dedicados aos fenômenos linguísticos considerados como erros do ponto de vista da norma padrão, Bagno dedica um capítulo específico de seu livro para, através das vozes de seus personagens, no contexto da história, discutir questões pertinentes às noções de norma e variação, além de problematizar o ensino de língua portuguesa no sistema educacional brasileiro. Devido ao fato de esse tipo de texto realizado por Bagno ter diferenças claras em comparação a dissertações e artigos, decidimos por focar

---

<sup>27</sup> O termo norma padrão é empregado aqui segundo o conceito apresentado por Bagno em seu livro, qual seja, uma norma abstrata, não utilizada por nenhum falante em sua totalidade. O autor esclarece mais sobre esse termo posteriormente.

especificamente nesse capítulo em questão, denominado “a fôrma, a norma e o funil”, por tratar de temas pertinentes ao nosso estudo.

Contextualizando o capítulo, temos as personagens em uma situação descontraída de um café da manhã à mesa, com todas juntas, quando a personagem Sílvia faz um questionamento a respeito da existência de mais de uma norma considerada não-padrão no português falado no Brasil. A partir desta dúvida, o grupo volta ao contexto de sala de aula, onde a professora universitária esclarece esta e outras questões sobre o assunto. Segundo o autor – na voz de sua personagem Irene – não existe o português não-padrão, do mesmo modo que não existe o português padrão.

A personagem explica sua afirmativa, apresentando a justificativa de que não há uma única variedade não-padrão na língua, sendo, na realidade, muitas delas que compõem o que é chamado de norma não-padrão. Ainda segundo a fala da personagem de Bagno, cada falante teria a sua própria língua, com traços específicos e característicos da mesma, o que, por sua vez, implicaria afirmar que, se há milhões de falantes no país, há, do mesmo modo, milhões de línguas diferentes.

Bagno afirma, ainda através de Irene, que não existe uma variedade-padrão, uma vez que uma variedade da língua só pode ser considerada existente se for realmente falada, o que não ocorre com a norma chamada padrão, criada como modelo de língua e critério de avaliação. Essa norma, composta por diversas regras que visam a padronizar a língua, não é utilizada por ninguém em seu cotidiano, não sendo nunca totalmente obedecida por falante algum, nem mesmo o considerado mais culto, seja na fala ou na escrita.

Em um segundo momento do capítulo, Irene apresenta às outras personagens um desenho cujo intuito é demonstrar um *continuum* de normas, que se inicia em [+cultura] e termina em [-cultura]. A norma encontrada no extremo [+cultura] pode ser considerada a mais próxima do que é chamado de norma padrão, porém, ambas não devem ser confundidas, pois são diferentes. A personagem passa então a explicar esse *continuum*, esclarecendo que, como já havia comentado anteriormente, a norma padrão é apenas um ideal, nunca concretizado, o qual nenhum falante pode alcançar, enquanto as variedades são a língua em seu uso real, que podem variar entre os extremos do espectro contínuo apresentado.

Bagno ainda esclarece, utilizando-se sempre de sua personagem principal Irene, que os falantes considerados cultos para fins científicos de estudos e pesquisas linguísticas são aqueles que possuem curso superior, uma vez que este foi o fator que pôde ser encontrado como divergente entre os falantes do português no Brasil. Segundo o autor, em nosso país, o grande fator de segregação entre classes reside na escolaridade - diferentemente de outros

países, em que este fator pode ser o gênero ou a cor da pele -, o que explica o motivo de o grau de instrução ter sido o critério selecionado para determinar quem pode ser classificado como um falante culto.

A respeito dessa classificação, o autor apresenta a noção de grau de frequência, que seria o determinante para a atribuição de identificação às variedades como [+cultura] e [-cultura]. Segundo ele, as variedades são alocadas no *continuum* de acordo com a frequência com a qual as formas consideradas padrão da língua acontecem, sendo [+cultura] aquelas em que a frequência é mais alta, e [-cultura] aquelas em que esta é a mais baixa. Há ainda que se considerar, segundo Bagno expressa através de Irene, os fatores externos e internos que influenciam a fala, inclusive no caso dos falantes considerados cultos. Alguns fatores externos citados são a pressão sofrida pelo falante devido ao ambiente e ao tipo de situação nos quais ele se encontra, além da posição social que possui em relação àqueles com os quais está se relacionando. No que diz respeito aos fatores internos, o autor menciona diversas possibilidades de instabilidade psicológica, como sono, medo, estresse, entre outros.

Além desses fatores, pode-se perceber, segundo Bagno, que mesmo os falantes cultos se utilizam de expressões e formas consideradas não-cultas, muitas vezes no intuito de criar o que o autor chama de lealdade linguística, que seria uma forma de o falante se sentir parte de um grupo específico, modificando sua fala de acordo com o contexto no qual está inserido. Segundo aponta o autor, esta seria a característica que determinaria um falante culto: a facilidade de conseguir mudar de registro linguístico de acordo com o que a necessidade do momento exige. Este falante seria capaz de se mover por todo o *continuum*, utilizando-se das variedades que as situações diversas do cotidiano e da vida podem pedir, sempre buscando o modo mais adequado de expressar suas intenções comunicativas.

O autor continua sua discussão no capítulo, tratando agora da questão da mudança linguística. Apresentando novamente o *continuum*, a personagem Irene explica que, quanto mais as variedades estão próximas do extremo [+cultura], mais sofrem a pressão da norma padrão, que, embora seja apenas um modelo de ideal de língua não real, tem grande força no imaginário da população, e afeta principalmente aqueles que possuem mais escolaridade. Por esse motivo, as mudanças na língua começam sempre a ocorrer a partir das normas no extremo oposto, ou seja, o [-cultura], que sofrem menos pressão, por estarem, de certo modo, mais distantes do que é considerado o modelo correto de língua, a norma padrão.

Essas mudanças, explica Bagno, que se iniciam de forma natural em contextos de baixa escolaridade, aos poucos vão ganhando força e chegando a outros contextos de falantes mais próximos da extremidade [+cultura] do *continuum*, até que, finalmente, vão sendo



inseridas na fala daqueles considerados cultos, e, por consequência, acabam por serem aceitas pela norma padrão, transformando-se, algum tempo depois, nas regras obrigatórias de uso apontadas pelas gramáticas normativas. Este processo é longo, mas, por outro lado, inevitável, e sempre acontecerá na língua, mesmo com a "pressão normativizadora" (sic BAGNO, 1997, p. 167) para a conservação da norma padrão tal qual se apresenta em determinado momento histórico.

Em um novo momento do capítulo, o autor passa a discutir a questão do poder social e político da norma padrão, que existe devido à ideia coletiva de que esta seria a língua falada pelos integrantes das camadas sociais mais prestigiadas, as quais veem nesta norma uma maneira de manter sua identidade enquanto grupo dominante. Devido a essa concepção, as variedades mais distantes da norma padrão são consideradas ruins, erradas e até mesmo vulgares.

No que concerne aos problemas no ensino, o autor afirma que o objetivo da escola deveria ser não somente ensinar a gramática normativa, mas sim, criticá-la e buscar definir uma maneira mais democrática de se apresentar essa gramática aos alunos. O que tem sido ensinado nas salas de aula de língua portuguesa não inclui ainda os novos usos e mudanças ocorridos em nossa língua, o que diminui o grande abismo existente entre a norma padrão, idealizada, e a variedade utilizada de modo concreto pelos falantes cultos. Bagno ainda aponta a necessidade de um ensino que abra espaço para o estudo das variedades linguísticas, no intuito de mostrar às pessoas que a língua não é homogênea, desfazendo o mito de língua única que pressupõe a existência de somente um modo de falar correto e aceitável.

Os principais obstáculos enfrentados pelos linguistas para conseguir modificar essa realidade, explica o autor, são: as provas de vestibular, que se encontravam, à época, cada vez mais complicadas e cheias de questões voltadas para aspectos da norma padrão que mal eram conhecidos até mesmo pelos falantes cultos; a própria sociedade que, representada pela mídia, lançava mão de cada vez mais novos materiais (programas de TV, rádio, *sites* na *internet*, livros, entre outros) de todos os tipos que buscavam esclarecer os falantes a respeito de dúvidas em sua língua, alegando que o português é difícil e que os brasileiros não sabem utilizar sua língua corretamente, diferentemente dos portugueses, que seriam melhores falantes que nós.

O capítulo é finalizado com essas questões em aberto, uma vez que muita discussão ainda seria necessária para que o assunto pudesse ter uma conclusão. A história do livro continua, com novas apresentações e explicações de fenômenos linguísticos, até que, no capítulo que descreve a última aula ocorrida entre a professora Irene e seu grupo de alunas, o

autor realiza suas considerações finais a respeito de tudo que foi tratado no livro. Algumas de suas conclusões incluem a desconstrução do mito da unidade linguística no Brasil, a afirmação de que uma fala diferente não deve ser considerada errada e a confirmação de que tudo o que pode parecer erro na norma não-padrão possui uma explicação lógica e científica.

### 2.2.2 O preconceito linguístico na mídia: Scherre (2005)

A obra de Scherre (2005) é uma compilação de alguns artigos e estudos da autora a respeito da questão da variação linguística, do preconceito linguístico e do envolvimento da mídia enquanto propagadora desse preconceito. A obra, dividida em quatro capítulos, inicia-se com a apresentação de dados linguísticos a respeito da concordância de número em determinados contextos (como os de ruptura de ordem na oração, proximidade e paralelismo formal e de relações sintagmáticas subjacentes), os quais influenciariam o usuário da língua a cometer erros do ponto de vista da gramática normativa, que, porém, já são encontrados com facilidade no uso real da língua pelos falantes cultos.

O segundo capítulo, denominado “variação linguística, mídia e preconceito linguístico”, apresenta questionamentos e discussões da autora a respeito do papel da mídia impressa enquanto instrumento de informação para as massas, mostrando situações em que a mesma contribuiu para a propagação do preconceito linguístico. Os textos analisados por Scherre pertencem todos ao jornal *Correio Braziliense*, e foram coletados entre os anos de 1995 e 1996 em uma seção chamada “A última do português”, a qual, segundo o próprio jornal, era dedicada à realização de “crítica ao idioma português falado e escrito por autoridades brasileiras em discursos, entrevistas e documentos”<sup>28</sup>.

Segundo aponta Scherre, somente com essa descrição é possível perceber o tom preconceituoso que permearia os artigos da seção em questão. A autora, então, passa a analisar alguns textos dessa seção, escritos, em sua maioria, pela ex-professora Dad Abi Chahine Squarisi do Instituto Rio Branco. Em diversos textos analisados pela pesquisadora, esta encontra expressões e frases utilizadas por Squarisi que reforçam visões preconceituosas e incorretas sobre a língua portuguesa, explicando que isso ocorre devido ao fato de que as

---

<sup>28</sup> Segundo Scherre, esta é a descrição feita pelo próprio jornal *Correio Braziliense* em sua edição de estreia da seção mencionada, com data de fevereiro de 1995, página 26.

questões que envolvem linguagem nunca são julgadas de modo somente linguístico, mas também ideológico.

Algumas das principais críticas realizadas pela ex-professora Squarisi na seção do jornal, de acordo com o que mostra Scherre, envolvem casos de concordância de número considerados como incorretos, como em “A gente organizamos. Eles garante. O pessoal pegaram a ideia. As promessa da campanha começa a ser mudada. Trabalhadores metalúrgico do ABC. Movimentos pelas direita.” (sic, SCHERRE, 2005, p. 45)<sup>29</sup>.

Em relação a esse tipo de desvio da norma padrão, a autora apresenta os resultados de pesquisas e estudos a respeito dos casos de concordância alternativa de cada uma das frases citadas, demonstrando que, além de estes serem muito comuns no português europeu – indo contra o que a maioria dos críticos do português brasileiro insiste em dizer, ou seja, que os portugueses falam melhor a língua do que os brasileiros –, há regras claras que regem esse tipo de concordância em nossa língua, isto é, que legitimam linguisticamente esses usos.

Utilizando-se dessas conclusões e com base no que foi visto nos textos analisados, Scherre passa a comentar a respeito da necessidade de se propagar o conhecimento sobre preconceito linguístico para a sociedade em geral, de modo a torná-lo um assunto para ser discutido, principalmente no intuito de desconstruir as ideias preconceituosas que têm sido divulgadas pela mídia. A autora considera que os linguistas não só devem evitar se omitir diante de situações como esta – em que há claramente uma propagação de informações errôneas sobre o assunto – como, pelo contrário, devem se manifestar contra qualquer tipo de ação preconceituosa em relação à língua.

No terceiro capítulo de seu livro, Scherre passa a tratar especificamente do caso que dá nome à sua obra: a ausência de verbo plural em concordância com o sujeito em estruturas de passivas sintéticas, como em *doa-se filhotes de poodle*. Segundo a autora, esse tipo de oração já não é mais considerado com tal classificação por alguns estudiosos e sim como uma estrutura ativa de sujeito indeterminado, como os falantes nativos já concluíram intuitivamente. Após apresentar diversas discussões, estudos e dados a respeito desse tipo de construção, a autora afirma que a variação no uso da concordância nessas orações deveria ser considerada, minimamente, como uma opção de escolha do falante, uma vez que ambas as opções de uso têm sua explicação linguística lógica, e, portanto, não podem ser consideradas corretas ou incorretas.

---

<sup>29</sup> Exemplos citados por Scherre e retirados da seção “A Última do Português” do jornal Correio Braziliense, publicada em 11 de março de 1995.

No último capítulo de seu livro, Scherre realiza uma reflexão sociolinguística a respeito do conceito de erro tal qual a mídia e a sociedade costumam divulgar, qual seja, formas que na verdade não possuem qualquer incoerência linguística, mas, sim, possuem relação estreita com determinadas classes sociais, ainda que sejam empregadas pelos falantes da norma culta<sup>30</sup>. Para exemplificar casos em que certos usos são estigmatizados e outros não, muito embora ambos, de acordo com a gramática normativa, sejam considerados incorretos, a autora utiliza casos de uso do imperativo, o qual não possui variação com marca de classe social.

Para confirmar sua afirmação, Scherre se apoia em dados retirados de jornais e documentos produzidos por pessoas de classe média e escolarizadas, nos quais é possível encontrar diversos casos de concordância divergente do padrão. Com base nisso, a autora conclui que o preconceito linguístico não está ligado aos desvios cometidos em relação à tradição normativa, mas sim, às classes sociais daqueles que os cometem.

Em suas últimas considerações do capítulo, a pesquisadora aponta a necessidade de atualização da gramática normativa, de modo a abarcar novos usos que há muito já foram incorporados até mesmo na fala dos considerados cultos. Além disso, Scherre afirma que a escola deve respeitar a língua materna da comunidade na qual seus alunos estão inseridos, pois, independentemente de possuir ou não prestígio na sociedade, a mesma faz parte da identidade daquelas pessoas e é uma das diversas manifestações culturais da comunidade em questão.

Finalizando sua obra, a autora conclui que o pensamento expresso pela mídia e abordado em seus textos é, na verdade, o reflexo do pensamento de uma maioria da sociedade a respeito da língua portuguesa falada no Brasil, e que este pensamento deve ser combatido, uma vez que outros preconceitos – do tipo racial, religioso, de orientação sexual, entre outros – já são considerados crimes e suas práticas são punidas judicialmente, enquanto no caso do preconceito linguístico, isso ainda não ocorre, por se tratar de uma ideia já arraigada e licenciada por grande parte das pessoas.

---

<sup>30</sup> O uso do termo norma culta é empregado de acordo com o conceito já apresentado em Bagno (1997), abordado no subtítulo 2.2.1, qual seja, norma utilizada por falantes que possuem curso superior.

### 2.3 O uso de vídeos para a propagação do conhecimento

Nesta subseção, abordaremos textos que tiveram por finalidade a criação, a aplicação e/ou a interpretação de vídeos cujo objetivo era a propagação do conhecimento, seja no meio acadêmico ou na sociedade em geral. Os trabalhos sobre os quais discutiremos discutem a importância desse tipo de material, enfatizando as peculiaridades de seu uso e as dificuldades com as quais os autores se depararam, além dos resultados encontrados. Iniciaremos com Machado (2007), seguido de Pereira (2007), Sartori (2012) e, por fim, Squires & Queen (2011).

#### 2.3.1 Utilização de um vídeo didático para ensino de inglês: Machado (2007)

A dissertação de Machado (2007), segundo aponta o autor, teve por propósito compreender o processo de confecção de um vídeo didático, o *Paradox*, realizado pelo próprio pesquisador com o objetivo de auxiliar no ensino dos pronomes relativos em inglês em suas aulas em um curso de pré-vestibular de São Paulo. De acordo com Machado, um vídeo fornece elementos para o aprendizado de formas diversas, pois é um processo ativo, uma experiência de interatividade entre o espectador e o meio. Além disso, aponta ele, geralmente as pessoas recordam-se duas vezes mais de algo que viram e ouviam simultaneamente do que de algo que apenas ouviram ou viram de modo separado.

O autor esclarece que os participantes da pesquisa foram, além dele próprio, que se autodenomina como professor-designer-pesquisador, nove professores de inglês, os quais proporcionaram uma reinterpretação do vídeo sob pontos de vista diferentes do experienciado pelo autor. Esses professores receberam, cada um, uma cópia em DVD do vídeo em questão, com um encarte contendo uma autorização para o uso das informações, uma explicação da pesquisa que seria realizada e um roteiro para que os mesmos fizessem reflexões gerais a respeito do material, o qual solicitava comentários por parte dos professores expressando suas opiniões.

O pesquisador passa, então, a explicar como ocorreu a coleta de dados em sua pesquisa, tendo sido esta etapa dividida em dois momentos: contato via *e-mail* e conversas individuais entre os participantes e o pesquisador. Segundo aponta o autor, todos os

professores, exceto dois, colaboraram em ambos os momentos e todos tiveram suas opiniões registradas e consideradas para estudo. Para realizar a análise dos comentários dos professores, o autor diz ter feito uso de um programa para auxiliar na compreensão dos dados qualitativos, sendo possível, através dele, organizar os diferentes tipos de texto produzidos pelos envolvidos na pesquisa.

No que concerne à estrutura do vídeo *Paradox*, o autor explica que o mesmo foi criado como um vídeo de animação no qual foram utilizadas fotografias feitas por fotógrafos profissionais brasileiros e retiradas do livro “Museu Aberto do Descobrimento: O Brasil Renasce Onde Nasce” (PINHO, 1994). Com duração de 2 minutos e 25 segundos, o vídeo em questão se desenrolaria em todas as 14 cenas que o compõem de forma similar: na tela, haveria uma fotografia de plano de fundo em movimento, sobre a qual apareceriam duas frases que se aproximariam do centro da tela e lentamente iriam desvanecendo, até que uma terceira frase surgiria. Essa terceira frase se incorporaria às outras duas, aparecendo sobreposta às mesmas, e o pronome relativo seria apontado em destaque. Haveria ainda vozes femininas e masculinas, as quais pronunciariam as frases conforme estas aparecessem na cena. Segundo o exemplo apresentado pelo autor, teríamos as frases “*There’s a land*” e “*This land lies in my heart*”, que logo depois seriam incorporadas em uma terceira: “*There’s a land which lies in my heart*”<sup>31</sup>. O pronome relativo *which* apareceria, por fim, em destaque, para enfatizar seu uso e sua função na frase.

O autor analisou individualmente cada comentário e opinião sobre o vídeo *Paradox* realizados pelos participantes da pesquisa. Segundo ele, a experiência dos professores com o material gerou conclusões interessantes, demonstrando que o emprego de vídeos didáticos diferenciados possibilitou diferentes leituras, interpretações e usos por parte dos educadores. Isso poderia contribuir para seu fazer pedagógico, e, ainda, para que haja uma mudança na ideia que se tem a respeito de vídeos com fins educacionais. Ainda de acordo com Machado, o trabalho realizado por ele poderia gerar subsídios para que outros professores se interessassem pela utilização e pela criação de materiais similares, não apenas no âmbito do ensino de língua estrangeira, mas também em quaisquer outras disciplinas e na educação de um modo geral.

---

<sup>31</sup> Tradução das frases mencionadas em Machado, 2007, p. 109: Há uma terra. / Essa terra vive em meu coração / Há uma terra que vive em meu coração. (tradução nossa)

### 2.3.2 Criação e aplicação de um vídeo didático para ensino de física: Pereira (2007)

O segundo texto a ser abordado nesta subseção é o de Pereira (2007), cujo objetivo principal, segundo menciona o autor, foi o de desenvolver e aplicar um vídeo sobre física térmica em turmas de ensino médio do Centro Federal de Educação Tecnológica de Química (CEFETEQ), Unidade Maracanã (Umar), no Rio de Janeiro.

Uma das motivações apontadas por Pereira para a realização de seu trabalho diz respeito às poucas oportunidades que os alunos do curso em questão teriam de poder verificar os conteúdos trabalhados em sala de aula no curso de Física, uma vez que esta é uma disciplina de caráter experimental, que poderia ter seus conteúdos ligados diretamente ao cotidiano dos alunos. Buscando uma maneira de preencher essa lacuna, o autor optou pela criação de um vídeo que exemplificasse um fenômeno físico, de modo a possibilitar que os alunos pudessem ter acesso ao mesmo quantas vezes achassem necessário para seu aprendizado.

O vídeo em questão, com 20 minutos de duração, apresentou demonstrações de conceitos da física térmica, e seu foco foi pensado para a exibição em sala de aula. Composto por 10 demonstrações, o material abordava experimentos de fenômenos simples relacionados a conceitos básicos da disciplina, incluindo ainda os materiais utilizados, as interações com o sistema e os dados e condições da experiência realizada.

Como um auxílio para a compreensão do vídeo, o autor disponibilizou aos alunos um “guia de acompanhamento do vídeo”, composto por capa de apresentação com as informações de créditos dos materiais didáticos produzidos e fichas para uso do aluno, sendo cada uma relacionada a uma das demonstrações do vídeo e contendo registros para observações e perguntas de compreensão sobre os conceitos apresentados no material audiovisual.

Pereira descreve, então, a aplicação do material, a qual ocorreu em uma sala de aula de Ensino Médio com uma turma de 14 alunos durante o período normal de aulas no segundo semestre de 2006. Esses alunos encontravam-se matriculados no segundo período do curso médio técnico de Alimentos na CEFETEQ-Umar, e de acordo com o autor, eram frequentes e participativos nas aulas.

Para a avaliação do vídeo, Pereira explica que utilizou dois instrumentos distintos: o primeiro, aplicado como pré-teste em um momento anterior à exibição do material e como pós-teste logo após, possuía 10 questões objetivas com três opções de escolha e solicitações de justificativas para cada uma delas; o segundo, uma avaliação final aplicada após o que o

autor chama de instrução formal de física térmica, composta por 10 questões sobre os conceitos trabalhados, sendo oito discursivas e duas objetivas com solicitação de justificativa para a escolha.

No que concerne às etapas de aplicação do material, o autor descreve os dois momentos utilizados para tal fim, sendo o primeiro chamado de etapa diagnóstica, a qual foi composta por seis aulas de 45 minutos utilizadas para aplicação do pré-teste, seguida da exibição do vídeo e, posteriormente, da aplicação do pós-teste. O segundo momento, por sua vez, foi o da chamada etapa de escolarização, na qual foram necessárias 10 semanas com dois encontros semanais de duração de uma hora e meia cada, com o intuito de realizar uma instrução formal a respeito dos conceitos apresentados no vídeo, e, logo após, aplicar a avaliação final.

Os resultados encontrados pelo autor demonstraram que o uso do vídeo não fez diferença no que diz respeito às respostas objetivas dadas pelos estudantes ao pós-teste em comparação com as do pré-teste. Em relação às respostas das justificativas e às perguntas discursivas dos outros instrumentos de avaliação, estas foram analisadas de modo a avaliar o efeito do vídeo no aprendizado dos conceitos. Segundo aponta Pereira, as médias de acertos encontradas no pré-teste foi, em um máximo de 10 pontos, de 3,4. No registro de observação e nas perguntas conceituais, ambos incluídos no guia de acompanhamento, as médias foram de, respectivamente, 9,3 e 7,0, enquanto os resultados do pós-teste apresentaram uma média final de 5,7 acertos. Finalmente, na instrução formal, a média alcançada foi de 7,1, e, na avaliação final, de 5,7.

O autor salienta que, devido à pequena amostra utilizada na pesquisa, não é possível fazer generalizações a respeito dos resultados, mas, ainda assim, afirma que estes foram positivos ao demonstrar que o uso do vídeo teve um bom efeito para o aprendizado dos alunos, se comparadas as médias de acerto das questões analisadas de modo conceitual do pós-teste com as do pré-teste. Pereira sugere, ainda, que o uso de seu vídeo fosse feito em sala de aula sempre em conjunto com o guia de acompanhamento, mantendo uma ordem de apresentação que passaria primeiramente pela observação do material, seguida do registro das informações, das respostas às questões e finalmente, da explicação necessária.



### 2.3.3 Oficina de produção de vídeos para professores de ciências: Sartori (2012)

O texto de Sartori (2012) apresenta um trabalho desempenhado pelo autor com professores de ciências, o qual consistiu em realizar um estudo a respeito das possibilidades de elaboração de vídeos para ensino de física por esses professores, através de um curso de formação. Segundo o pesquisador, os objetivos de seu trabalho envolveram a investigação dos conhecimentos necessários para a confecção de materiais didáticos em formato de vídeo por professores de física no que concerne ao domínio de conceitos físicos e a competências tecnológicas.

Realizando uma pesquisa do tipo qualitativa, o autor apresenta o percurso metodológico que guiou o processo de seu trabalho, qual seja, na ordem a seguir: um primeiro período exploratório com inclusão do autor em contextos de oficinas de produção de vídeos por professores de Ensino Médio; um segundo momento de caracterização do perfil e da formação dos participantes da pesquisa; e um terceiro e último período em que o autor realizou a análise dos dados coletados.

Para atingir o objetivo de seu trabalho, Sartori realizou uma oficina denominada “Produção de material didático para a *internet*: vídeos”, na qual os participantes, todos professores, tiveram que levar seus próprios materiais para uso, no caso, câmeras de filmagem digitais e portáteis. No caso de um ou mais dos participantes que não possuíam o material em questão, aos mesmos foram oferecidas câmeras auxiliares. No que concerne à edição do vídeo confeccionado, um software destinado a tal função, o *Windows Movie Maker* foi disponibilizado nos computadores contidos nos locais dos encontros da oficina.

Os produtos resultantes das oficinas formaram um total de 22 vídeos, de tempos variáveis, sendo o maior deles com duração de 1 minuto e 54 segundos, os quais versaram sobre conceitos físicos, sendo em sua maioria sobre o tema “mecânica”. Após realizadas as devidas edições necessárias, os vídeos foram postados no *site YouTube* e/ou no *site* do projeto do Centro de Educação Continuada em Educação Matemática, Científica e Ambiental (CECEMCA)<sup>32</sup>.

Em relação à oficina realizada pelo autor com o intuito de incentivar a produção dos materiais, esta foi dividida em dois encontros, sendo o primeiro um momento dedicado a discussões teóricas, ao ensino de técnicas de fotografia, à elaboração de roteiros e ao início

---

<sup>32</sup> Endereço do *site* do projeto: <http://www.cecemca.com/>

das filmagens dos vídeos. O segundo momento, por sua vez, teve como objetivo a finalização das filmagens, as edições necessárias para os vídeos, a publicação na *internet* e, finalmente, uma discussão em grupo sobre a oficina e os materiais elaborados.

Para a análise, o autor selecionou todos os oito vídeos sobre mecânica, por este tema ter sido maioria entre os materiais criados, e os estudou com base em alguns fatores como: tempo de duração, tipos de recursos utilizados para sua criação, efeitos adicionados, elementos cênicos incluídos, descrição das cenas, ação do vídeo e conceitos abordados. Após analisar esses elementos dos vídeos em questão, o autor passou a abordar as conclusões às quais chegou com sua pesquisa. Segundo ele, os vídeos digitais poderiam, de acordo com o que foi observado em seu trabalho, servir como instrumentos de comunicação adequados ao momento histórico atual<sup>33</sup>, no qual os alunos têm acesso a vídeos e a *internet* com frequência.

Os resultados conquistados com a oficina, aponta Sartori, foram positivos, pois a mesma proporcionou aos participantes a oportunidade de acessar e de dominar, mesmo que de modo apenas introdutório, esse tipo de ferramenta de comunicação com os alunos. Segundo o autor, não seria o suficiente que os professores apenas tivessem acesso aos equipamentos para a realização dos vídeos, mas também seria necessário que os mesmos dominassem estes equipamentos, que poderiam servir como uma maneira de enriquecer o trabalho em sala de aula. Em relação ao fato de os vídeos terem sido disponibilizados na *internet*, o autor salienta o quanto isso foi importante por permitir um acesso mais democrático aos materiais.

Concluindo seu trabalho, Sartori esclarece que os professores em geral sempre possuiriam uma tendência a acreditar que um ensino com auxílio de vídeos traria mais qualidade para as aulas; entretanto, a falta de familiaridade entre eles e os instrumentos necessários para a produção de material audiovisual apontou a necessidade de uma reflexão e de um aprofundamento de estudos e pesquisas sobre o assunto. Além disso, foi considerado fundamental haver uma formação melhorada no que concerne a conhecimentos tecnológicos e educacionais, de modo a proporcionar ao professor um uso pleno e satisfatório desse tipo de material, melhorando, assim, as práticas educacionais.

---

<sup>33</sup> Por ser uma dissertação datada de 2012, consideramos que o momento histórico mencionado por Sartori se estende à data de 2015, assumindo que seu discurso permanece atual e adequado.

#### 2.3.4 Uso de vídeos no ensino de linguística: Squires & Queen (2011)

O trabalho relatado por Squires & Queen teve por objetivo a utilização de vídeos como uma ferramenta de auxílio no ensino de linguística. As autoras realizaram um trabalho que se baseava no uso de cliques diversos retirados de filmes cinematográficos para a exemplificação de fenômenos linguísticos da língua inglesa. Esses vídeos serviram como instrumento para atividades de ensino e avaliação, tendo sido criado, ainda, pelas autoras, um banco de dados com grande variedade, de modo a facilitar a busca e a utilização dos materiais por outros profissionais em seus trabalhos em sala de aula.

As autoras apontam que o uso de vídeos desse tipo em sala de aula poderia contribuir para o ensino de linguística, uma vez que os fenômenos da língua se encontram presentes no dia a dia dos alunos. Utilizando esse suporte, seria possível exemplificar esses fenômenos de modo mais real e interativo, e, segundo Squires & Queen, seu trabalho foi um exemplo de pesquisa colaborativa, a qual foi aplicada por elas no intuito de contribuir com uma reflexão a respeito do ensino e de suas possibilidades diversas.

Por fim, as autoras apontam sua esperança de que sejam realizados mais trabalhos em sala de aula desse tipo, utilizando não somente fragmentos retirados de filmes, mas também outros materiais. Desse modo, segundo elas, todos os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem seriam beneficiados, desde o professor que utilizaria determinado instrumento no momento, passando pelos alunos, até futuros professores que poderiam se aproveitar das ideias e dos materiais coletados.

#### 2.4 **Sites como meios de compartilhamento de informações**

A criação de *sites* como uma forma de compartilhamento de informações surgiu como tendência devido às mudanças ocorridas em nossa sociedade no que concerne ao avanço da tecnologia e de seu uso pelas pessoas. Desde a popularização da *internet*, o acesso a *sites* como fonte de busca de informações tem crescido, de modo que, nos dias atuais, não é difícil encontrarmos estudantes, professores e profissionais diversos que busquem conteúdos e conceitos na rede. A motivação para isso pode se encontrar no fato de que, para achar a informação desejada, só é necessário ao indivíduo digitar algumas palavras e apertar um

botão. Devido a sua rapidez, facilidade e, principalmente, gratuidade, a *internet* vem se tornando, portanto, nossa maior fonte de pesquisa e conhecimentos, o que definiria os *sites* como as maneiras mais amplas e eficientes de se compartilhar informações úteis e necessárias para uma grande parte da população.

Nesta subseção, abordaremos duas dissertações e uma tese a respeito da criação de *sites* como instrumentos de divulgação de determinados conteúdos importantes para públicos-alvo específicos. Começaremos com o texto de Ribeiro (2006), no qual o autor conta como criou uma plataforma para auxílio no ensino de uma disciplina de química, seguido pelo trabalho de Chagas (2012), a respeito do processo de confecção de um *site* direcionado a cuidadores de crianças com câncer. Finalizaremos com Pauleto (2013), tese que apresenta a produção de uma seção sobre Odontologia infantil de um *site* voltado para pais e responsáveis.

#### 2.4.1 Site como apoio a uma disciplina de química: Ribeiro (2006)

Ribeiro (2006) abordou a elaboração e a análise de um *website* com o objetivo de apoio a uma disciplina do bacharelado em química ministrada no Instituto de Química de São Carlos, da Universidade de São Paulo (USP). Ao iniciar o relato de seu trabalho, o autor aponta que o uso da *WWW* (*World Wide Web*) no ensino superior de química vinha crescendo nos anos anteriores. A *WWW*, segundo Ribeiro, seria um espaço que se utilizaria da estrutura da *internet* para permitir o compartilhamento de informações multimídia como textos, vídeos, sons e gráficos. Os objetivos do autor foram, portanto, desenvolver um *site* na *internet* que pudesse ser usado pelos alunos, servindo de apoio às atividades realizadas na disciplina chamada "Laboratório de Química Analítica Quantitativa", e avaliar seu uso durante o segundo semestre do ano de 2004.

Esse uso, segundo Ribeiro, foi acompanhado através de uma ferramenta de navegação inserida no *site*. As percepções dos alunos em relação ao conteúdo, à utilidade e ao uso real do mesmo foram analisados a partir da aplicação de um questionário que continha uma questão aberta e 23 afirmações, as quais foram avaliadas a partir do uso da escala Likert de cinco pontos com alternativas (concordo fortemente, concordo, indeciso, discordo, discordo fortemente). Este trabalho, segundo o autor, foi realizado com duas turmas, num total de 56 alunos; entretanto, apenas 32 se cadastraram na página e somente estes, portanto, foram

considerados como sujeitos de pesquisa. Desses 32 alunos, somente 18 finalizaram as três etapas de aplicação da proposta do autor e responderam aos dois questionários utilizados durante o processo.

Ribeiro explica que o projeto aconteceu de modo que os alunos deveriam acessar a *internet* na própria escola em horários extraclasse, não causando, assim, modificações que pudessem alterar a prática usual da disciplina. Depois de concluídas a elaboração e a construção efetiva do *site*, o autor passou à aplicação do mesmo junto aos alunos em questão, iniciando-a a partir de três etapas. A primeira consistiu em comunicar aos alunos sobre a pesquisa e seus objetivos, informar o endereço do *site* e as regras para seu uso, esclarecer que eles poderiam realizar seus cadastros e avisá-los de que haveria consultas com os estagiários das turmas em nível de monitoria. Logo após, 10 alunos foram levados até o local de acesso à *internet* na própria universidade para que pudessem acessar o *site* e, a partir daí, comentar sobre o mesmo com outros alunos. Na terceira e última etapa, os alunos já devidamente cadastrados na página puderam utilizá-la opcional e livremente, não havendo qualquer obrigação ou tarefa a ser cumprida.

A coleta de dados relativa à avaliação geral do *site* por parte dos alunos, segundo explica o autor, se deu através da aplicação de dois questionários distintos e de um monitoramento da navegação. O monitoramento ocorreu durante todo o semestre letivo, enquanto o primeiro questionário, que buscava uma caracterização dos alunos e de sua familiaridade com a *internet*, foi aplicado no início do semestre e o segundo, uma avaliação do *site*, aplicado após o final do mesmo período.

Ribeiro passa a apresentar, então, os resultados encontrados e uma discussão a respeito dos mesmos. Em relação à expectativa com relação ao *site*, 93,5% dos alunos afirmaram acreditar que a utilização do material como suplementação para a disciplina via *internet* auxiliaria no desempenho deles na disciplina. 71,8% dos alunos ainda apontaram através de comentários escritos as suas expectativas principais, tendo sido estas posteriormente levadas em consideração. O autor cita alguns dos apontamentos feitos pelos alunos, nos quais 40,3% deles consideravam que o *site* iria ser bom para facilitar o acesso às informações e às resoluções de dúvidas, e 33,3%, que auxiliaria na confecção e no processo de envio dos relatórios da disciplina.

Ao fim de seu texto, o autor apresenta os resultados finais do questionário de avaliação aplicado aos alunos, explicando que o mesmo constou de três partes sendo a primeira composta por 16 afirmações relativas aos constructos do Modelo de Aceitação de Tecnologia, a segunda, por quatro afirmações com relação ao valor pedagógico do *site*, e a terceira e

última, por três afirmações voltadas para a satisfação do aluno com a utilização da página. Para a realização da análise, como já mencionado anteriormente, foi utilizada a escala Likert.

Um total de 18 estudantes respondeu ao questionário, sendo que 94,4% deles demonstraram acreditar que o *site* forneceu meios de referências facilmente acessíveis. Além disso, 100% deles apresentaram respostas que expuseram a sua expectativa de que houvesse iniciativas desse tipo em disciplinas futuras no curso e 66,7% acreditavam ter aprendido melhor através da utilização do material disponibilizado na *internet*.

Em relação aos constructos do Modelo de Aceitação da Tecnologia, as respostas de 87,6% dos alunos às questões relativas ao constructo de Utilidade Percebida evidenciaram que o *site* foi considerado uma ferramenta útil para auxiliar o curso da disciplina. Sobre o constructo de Facilidade Percebida, o autor aponta que 90,7% dos alunos consideraram o *site* fácil de usar, e, em relação ao constructo de Uso Real, os resultados apontaram 66,7%, o que demonstrou a porcentagem do uso verdadeiro do *site* pelos alunos.

Concluindo, Ribeiro indica que, de um modo geral, o *site* foi bem aceito pelos estudantes envolvidos, como apontaram os resultados do monitoramento de navegação e do questionário de avaliação. O autor comenta, por fim, que as iniciativas implementadas na *Web*, segundo os resultados, aumentaram o tempo de estudo ao qual o aluno se dedicou, além de permitir a interação entre alunos e professores a qualquer dia ou horário, independentemente de os mesmos estarem ou não na universidade no momento do contato.

#### 2.4.2 Site informativo para cuidadores de crianças com câncer: Chagas (2012)

Chagas (2012) disserta, assim como o autor anterior, a respeito de um trabalho em que o objetivo foi a construção de um *site*, desta vez com informações úteis para cuidadores de crianças com câncer. Segundo a autora, a motivação para esse tipo de trabalho deveu-se ao fato de considerar importante e atual a utilização da *internet* como meio de exposição de conceitos que possam ajudar no cotidiano daqueles que cuidam de crianças com câncer. Chagas aponta que a *internet* seria, ainda, um meio de comunicação em grande escala que proporcionaria o acesso a todo e qualquer tipo de informação a milhares de pessoas e que isso teria contribuído para o trabalho dos profissionais de saúde, pois possibilitou a busca de artigos recentes em diversas bibliotecas acadêmicas de todo o mundo, o que permitiu a atualização dos conhecimentos médicos.

Passando a tratar especificamente de seu estudo, a autora explica que o trabalho foi realizado somente com pessoas envolvidas com o cuidado de crianças portadoras de câncer, e que, como critérios de inclusão para essa participação, os indivíduos deveriam, além de ser cuidadores de crianças oncológicas, possuir acesso a computadores, participar de modo voluntário da pesquisa, e, finalmente, ser alfabetizados. A partir desses critérios, foram selecionados 20 cuidadores para participar do estudo.

A primeira parte do trabalho, demonstra Chagas, foi a revisão de literatura sobre o assunto. Finalizada esta etapa, passou-se ao planejamento e ao desenvolvimento das ilustrações e dos conteúdos do *site*. Segundo lista a autora, a construção do *site* ficou a cargo de um *webmaster* contratado especificamente para esse serviço, e as etapas realizadas para se chegar ao objetivo final foram as seguintes: levantamento bibliográfico dos conceitos gerais a serem utilizados; elaboração de recurso orientador destinado aos cuidadores; identificação e contato com os profissionais envolvidos; e edição e validação dos textos escolhidos.

No que concerne ao *layout* e às configurações do *site*, houve mais algumas etapas que foram cumpridas, segundo a autora, nesta ordem: definição com o profissional *webmaster* de como seria o *layout* e o fluxograma das páginas; definição da melhor forma para acesso às informações; verificação da facilidade de acesso aos *links* e escolha das informações contidas em cada um deles; determinação de cores e figuras da página inicial; escolha de ícones e inter-relacionamento dos conceitos e artigos selecionados; e checagem, correção e revisão do *site* e de seu funcionamento. A autora ressalta que o *site* foi hospedado no domínio *wordpress*, com o endereço de *criancacomcancer.com*, e que o descritor utilizado para facilitar a busca pelo *site* na *internet* foi definido através de uma ferramenta chamada *Google Trends*, a qual realizava o cruzamento de palavras para definir a relevância de cada uma quando pesquisadas na rede. O resultado foi o descritor “câncer infantil”, selecionado pelo programa como o ideal.

Chagas passa, a partir de determinado momento, a tratar especificamente das configurações do *site* em questão, descrevendo-o em detalhes. De modo sucinto, apresentaremos aqui as principais partes mencionadas: (i) *home page* com figuras em forma de desenhos, informações mais importantes e *links*; (ii) páginas de assuntos abordados, nas quais, ao final de cada tópico, haveria um espaço reservado para que os visitantes pudessem deixar seus comentários; (iii) “conte sua experiência”, uma página dedicada ao compartilhamento de experiências e informações entre os usuários do *site*, de modo que pudessem ajudar e contribuir uns com os outros; (iv) sistema administrativo do *site*, através do qual a pesquisadora, munida de cadastro e identificação como administradora, poderia

atualizar e corrigir dados e imagens quando necessário; e (v) sistema de estatísticas, que apontava o número total de visitas por período e as páginas mais visitadas.

Após finalizar a parte do trabalho relativa à construção e às configurações do *site*, a autora passa a discorrer a respeito da avaliação desse material. O *site*, segundo Chagas, foi submetido à avaliação de três profissionais da área de saúde, sendo dois deles médicos e um deles, uma enfermeira. Para convidá-los à avaliação, a pesquisadora encaminhou uma carta-convite, acompanhada de um termo de concordância. Os três profissionais avaliaram o conteúdo do *site* através do *link* disponibilizado, apontando sugestões e críticas que foram acatadas pela autora. Depois de realizadas as correções sugeridas, os avaliadores retornaram ao *site* para verificá-las e deram parecer favorável às mudanças feitas.

Uma segunda apresentação do *site* foi realizada aos cuidadores de crianças com câncer que residiam em uma casa de apoio. Segundo Chagas, os cuidadores puderam ficar por um tempo de no máximo duas horas manuseando o *site* e, ao final desse tempo, deveriam responder a um questionário elaborado pela autora, o qual pedia a avaliação de cinco tópicos a respeito do material, quais sejam: noções básicas, cuidar da criança com câncer, trabalhar com os cuidadores, vida familiar e cuidar de si mesmo. A autora destaca que apenas três cuidadores da casa de apoio participaram desse estudo, tendo sido selecionadas mais 17 pessoas que cuidavam de crianças com câncer em suas próprias casas, cujas avaliações foram realizadas através de contatos telefônicos e via *e-mail*.

O questionário apresentado pela pesquisadora, segundo aponta a própria, foi baseado na escala de Likert e consistia em várias afirmações declarativas que demonstravam um ponto de vista específico sobre o assunto em questão. Os participantes, por sua vez, deveriam indicar em uma escala o quanto concordavam ou discordavam das afirmações. A interpretação dos resultados foi realizada de modo quantitativo e qualitativo, sendo o primeiro medido através dos níveis de concordância que cada respondente atribuía a determinada afirmativa. Cada um desses níveis recebeu um número de pontos, sendo os pontos totais somados formando, assim, um escore que determinou os resultados quantitativos do estudo. Logo após os cuidadores terem respondido ao questionário quantitativo, foram convidados a explicar suas respostas e, através de questões abertas, expressar suas opiniões, a partir das quais foram recolhidos os resultados qualitativos.

Chagas passa, então, a apresentar os resultados das avaliações realizadas pelos profissionais da área e pelos cuidadores. Em relação ao primeiro grupo, os três profissionais convidados responderam a questões fechadas analisando a estrutura de um modo geral e o conteúdo do *site*, e todos consideraram as informações contidas no portal adequadas e



necessárias. Além disso, os mesmos profissionais analisaram como de boa qualidade os desenhos utilizados, o conteúdo em geral e a apresentação didática, fazendo sugestões e observações apenas no que concerne à linguagem utilizada no *site*, o que foi corrigido antes da avaliação realizada pelos cuidadores. Estes, por sua vez, avaliaram o *site* com base nos cinco tópicos já mencionados, os quais obtiveram diferentes escores.

No tópico "noções básicas", os escores variaram entre 4,45 e 3,56, enquanto no tópico "cuidar da criança com câncer", os escores variaram de 4,6 a 3,8. No tópico "vida familiar" – o qual foi considerado pelos participantes como o que mais ajudou na melhoria dos cuidados e na qualidade de vida dos cuidadores e das crianças –, as avaliações apontaram escores entre 4,4 e 3,75. O tópico "cuidar de si mesmo", por sua vez, recebeu escores entre 4,35 e 3,75. Em todos os casos, o maior dos escores foi o relativo ao interesse que o texto despertava no participante e o menor, a respeito da afirmação sobre as ilustrações serem esclarecedoras. No tópico "trabalhar com cuidadores", por fim, os escores foram de 3,8 em quatro itens, e os participantes demonstraram em suas falas posteriores que esperavam mais das informações abordadas no *site*. Após essa avaliação, alguns ajustes foram realizados para atender a essa expectativa.

Houve, ainda, uma situação de perguntas abertas; entretanto, segundo a autora, em nenhum momento de sua pesquisa foi possível contar com a participação de todos os respondentes. Ainda assim, diante das falas e respostas coletadas, Chagas considerou que seus objetivos foram alcançados. Segundo ela, o objetivo do trabalho foi atingido, uma vez que a maioria das orientações foi compreendida pelos usuários do *site*. Diante dos resultados encontrados nas avaliações do material, apesar de alguns ajustes que precisaram ser feitos, ficou claro para Chagas que os conteúdos apresentados serviram de auxílio para os participantes no cuidado de crianças com câncer, contribuindo ainda para uma maior tranquilidade ao enfrentar as situações rotineiras e diversas que ocorrem devido à doença e ao tratamento realizado.

Sobre a utilização de um *site* como meio de realizar a orientação aos cuidados, Chagas salienta que, nos dias atuais<sup>34</sup>, a maior parte da população utiliza a *internet* todo o tempo, e as pessoas estão conectadas constantemente através dos mais diversos meios, como celulares, *tablets* e *notebooks*, não existindo mais um horário ou local específico para que esse uso se realize. A autora aponta, ainda, que é através dessa conectividade que as pessoas têm a

---

<sup>34</sup> Consideramos a afirmação de Chagas como adequada para o momento histórico atual, uma vez que seu trabalho foi publicado em 2012. Portanto, utilizamos a expressão em questão, mantendo, ainda, os verbos no presente do indicativo.

possibilidade de encontrar ou fornecer respostas imediatas a dúvidas, o que a faz crer que seu trabalho será cada vez mais divulgado, podendo, assim, atingir cada vez mais pessoas e esclarecê-las sobre o assunto. Chagas finaliza apontando a importância desse tipo de material, e indicando que sua relevância só tende a crescer, fazendo com que mais pessoas possam se beneficiar das informações do *site* e das atualizações que o conteúdo poderá oferecer.

#### 2.4.3 Site sobre Odontologia para pais de crianças pequenas: Pauleto (2013)

O terceiro e último texto que abordaremos a respeito da criação de *sites* para compartilhamento de informações é o de Pauleto (2013), cujo objetivo foi a construção da seção Odontologia do *site* Portal dos Bebês. A autora inicia a descrição de seu trabalho apontando que o desenvolvimento e a avaliação do *site* em questão se iniciaram em pesquisas anteriores à que será apresentada.

Segundo Pauleto, várias inovações tecnológicas ocorreram na área de Odontologia, e com o uso de novas tecnologias, o trabalho do profissional da área pôde ser ampliado, uma vez que as inovações tornaram possível o acompanhamento de pacientes que se encontravam distantes dos locais de serviços de saúde e a aproximação de profissionais qualificados. Esses processos seriam parte do que é chamado de teleodontologia, ponto de partida do trabalho da autora. Segundo a resolução 092/2009 do Conselho Federal de Odontologia, a teleodontologia poderia ser definida como "o exercício da Odontologia por meio da utilização de metodologias interativas de comunicação áudio-visual e de dados, com o objetivo de assistência, educação e pesquisa em Saúde." (CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA, 2009 apud PAULETO, 2013, p. 38)

Partindo da ideia da teleodontologia como um meio para facilitar o contato médico-paciente, foi pensado um portal, no qual constariam informações a respeito de esclarecimentos e informações da área de fonologia e odontologia para bebês. A estrutura do portal, segundo Pauleto, foi idealizada pelo grupo de Telessaúde da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo e pela empresa Lecom. Como já mencionado, o *site* possuía duas seções principais, "Fonoaudiologia" e "Odontologia", sendo a segunda a construída pela autora.

De acordo com Pauleto, alguns pontos foram levados em consideração para a primeira etapa de concretização da estrutura do portal, quais sejam: a "árvore de navegação", conceito

que, segundo a autora, determinaria a profundidade da informação a ser passada através de níveis de hierarquia; a navegabilidade, a qual indicaria como o visitante pode navegar pelo *site*; e, por fim, os princípios da usabilidade e da acessibilidade, os quais estariam relacionados à flexibilidade do acesso, ou seja, à facilidade de uso do portal. Após a finalização e a integração das páginas do *site*, a verificação de todos os *links* e a confirmação de que o portal poderia ser visualizado corretamente em diferentes *browsers*<sup>35</sup> e em diferentes modos de configuração de monitor, o *site* se encontrou pronto para receber a contribuição da autora, sendo disponibilizado através do endereço <https://portaldosbebes.fob.usp.br>.

A elaboração do conteúdo para a seção de Odontologia do Portal dos Bebês iniciou-se com um projeto piloto para avaliação diagnóstica do conhecimento já existente dos pais ou cuidadores sobre a higiene e os cuidados com saúde bucal de seus bebês, com o intuito de verificar as dúvidas e problemas encontrados e, assim, utilizá-los para a confecção da seção. Um total de 60 pais e cuidadores de bebês participaram desse projeto como voluntários e responderam anonimamente a um questionário composto por 17 questões de múltipla escolha – duas sobre uso pessoal da *internet* e 15 sobre cuidados com a saúde bucal de bebês – e por um espaço disponível para comentários.

Os resultados desse primeiro passo mostraram que 60% dos participantes possuíam acesso a *internet* banda larga, principalmente em sua própria residência. A respeito dos conhecimentos sobre saúde bucal de bebês, 40% dos respondentes tinham dúvidas ou não sabiam o que deveriam fazer para que o filho tivesse um sorriso saudável e bonito, 38% já haviam recebido orientação sobre a própria saúde bucal e 62% já haviam sido orientados a respeito da higiene bucal do bebê.

Dos 60 participantes nessa primeira etapa, 31 deles indicaram as principais dúvidas sobre o assunto no espaço destinado a comentários. Com base nesses comentários somados à revisão de literatura encontrada sobre o tema, foi feita a elaboração dos módulos que passariam a compor a seção Odontologia do Portal dos Bebês. Esses módulos, também chamados por Pauleto de blocos de informações, foram nomeados da seguinte forma: alimentação do bebê; amamentação; os dentes do bebê; primeira visita ao odontopediatra; hábitos alimentares; higiene bucal; cárie precoce e transmissibilidade da cárie; chupeta; mamadeira e sucção digital; e traumatismo.

A autora destaca alguns pontos importantes para o sucesso conquistado na comunicação realizada através do *site*, como a modificação do discurso técnico para um mais

---

<sup>35</sup> *Browsers* são os navegadores utilizados para acesso à *internet*.

comum, levando em conta fatores que fizessem a compreensão do texto ser mais fácil para os visitantes, além do uso de diferentes mídias para cada bloco de informação apresentado, de modo a buscar a melhor maneira de expor os conteúdos.

Tendo finalizado a seção em questão, a autora passou à parte da avaliação do material elaborado. O primeiro passo para a avaliação, realizada tanto por profissionais da área quanto por pais, foi o convite àqueles que seriam os participantes da pesquisa, quais sejam, cirurgiões dentistas, de preferência com experiência em odontopediatria, e pais ou cuidadores de bebês de faixa etária entre zero e três anos.

De acordo com Pauleto, a primeira questão digna de avaliação foi a da análise do tráfego no portal, realizada entre os meses de Março de 2012 e Fevereiro de 2013 através da ferramenta *Google Analytics*. Segundo a autora, essa ferramenta funcionaria com um código gerado para ser inserido na página cadastrada e, a cada exibição feita, as estatísticas de visitas seriam enviadas ao sistema central e apresentadas ao responsável pelo *website*. O objetivo desse controle, aponta a autora, foi obter informações como o número de visitas ao portal, o número de visitas de um mesmo visitante, qual parte do *site* foi mais acessada e em qual dia da semana, além da localização geográfica dos usuários e a forma pela qual estes chegaram à página (através de *links* de outros *sites*, buscadores, diretamente pelo endereço, entre outras possibilidades).

Continuando a abordar a avaliação da seção Odontologia do Portal dos Bebês, Pauleto relata como foi realizada a avaliação da qualidade técnica e do conteúdo do portal pelos profissionais da área. Através do *Google Docs*, ferramenta que permite a criação de formulários e apresenta facilidade de uso e possibilidade de edição e visualização por diversos usuários, foi criado um questionário com quatro partes: a primeira, anônima, constava de um termo de consentimento livre e esclarecido, no qual participante poderia recusar ou aceitar a participação.

Ao aceitar, passava-se para a segunda parte, a qual solicitava informações sobre dados demográficos como idade, gênero, região de residência, além de dados profissionais (titulação, local e área de atuação profissional) e informações sobre o uso pessoal da *internet*. A terceira parte, por sua vez, apresentava um questionário composto por 36 itens divididos em oito categorias: conteúdo, precisão, autores, atualizações, público, navegação, *links*, e estrutura, e para cada item havia possibilidade de responder com "concordo" (que corresponderia a dois pontos), "discordo" (um ponto) e "não se aplica", (nenhum ponto). De acordo com a porcentagem final encontrada após os cálculos realizados pela autora, o *website* poderia ser classificado como excelente, adequado ou pobre, sendo o resultado final da

porcentagem em 90% ou mais como excelente; 75% a 89%, adequado; e menos de 75% pobre.

A quarta e última parte do questionário avaliava, por fim, a qualidade do conteúdo da página através de cinco opções de respostas fornecidas para os principais tópicos abordados no *site* em questão. Às cinco opções foram atribuídas pontuações que variavam de um ponto (muito ruim) a cinco pontos (muito bom), o que significava que, quanto maior a pontuação conferida a determinado tópico, melhor seria a sua avaliação. Ao final dessa última parte, havia ainda um espaço específico para sugestões e comentários a respeito do *website*.

No que concerne à avaliação realizada pelos pais ou cuidadores, a mesma também se deu através de um formulário do *Google Docs*, contendo quatro partes distintas, tendo sido as duas primeiras similares às do questionário respondido pelos profissionais, e as duas últimas, as seguintes: terceira parte, questões sobre o conteúdo da página, e quarta parte, questões sobre a satisfação geral do respondente com o *website*, sobre a busca de informações sobre saúde na *internet*; e, ao fim, novamente um espaço destinado a comentários e sugestões.

A autora passa, então, a expor os resultados encontrados em sua pesquisa. Primeiramente, no que concerne ao tráfego de visitas no *website*, Pauleto aponta que, segundo a ferramenta já mencionada *Google Analytics*, o total de visitantes na página entre os meses de março de 2012 e fevereiro de 2013 foi de 23.673, sendo 90% novas visitas, contra 10% de visitas recorrentes.

A segunda parte dos resultados encontrados diz respeito às avaliações realizadas pelos profissionais da área, tendo sido 49 os participantes nessa etapa. No que concerne à avaliação da qualidade técnica por parte dos profissionais, Pauleto aponta que, de acordo com a classificação encontrada através do questionário aplicado, 41% dos participantes consideraram a seção Odontologia do Portal dos Bebês excelente, enquanto 57% a julgaram adequada.

A avaliação dos pais e cuidadores, por sua vez, demonstrou que 94% deles alegaram estar satisfeitos (60%) ou muito satisfeitos (34%) com o *site*, enquanto somente 6% apontaram insatisfação. Embora houvesse um espaço destinado a isso, os participantes que se demonstraram insatisfeitos não teceram comentários justificando os motivos para tal avaliação. Em relação a uma questão que avaliava o quanto os conteúdos da página auxiliaram os respondentes em relação à saúde bucal de seus filhos, as médias variaram entre 4,4 e 4,2, tendo sido a média geral do *site*, segundo apontou a autora, de 4,3.

Ao finalizar seu texto, Pauleto concluiu que, de maneira geral, os resultados de seu trabalho apontaram o potencial da Seção Odontologia do Portal dos Bebês criada pela autora

como um instrumento para realização à distância de ações educacionais voltadas para pais e cuidadores de bebês. A autora salienta que seria necessário realizar um trabalho mais abrangente para confirmar os resultados encontrados, uma vez que, segundo ela, a adesão dos participantes à sua pesquisa foi relativamente baixa, impedindo que seja possível fazer generalizações em relação ao que foi observado ao fim de seu trabalho.

### 3 DESCRIÇÃO DO *SITE*

Como já mencionado em capítulos anteriores, nosso trabalho consistiu na criação de um *site* com o objetivo de realizar uma divulgação mais ampla e eficiente do tema preconceito linguístico. Essa ideia surgiu com base em Baronas (2010), que expôs em seu artigo a ideia da criação de um *site* cuja administração seria de responsabilidade dos três principais grupos de estudo de linguística do Brasil: o Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo (GEL); a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL); e a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Segundo Baronas, o objetivo do *site* seria levar o conhecimento linguístico que está dentro das universidades para fora das mesmas, atingindo grandes públicos e buscando modificar ideias errôneas e preconceituosas sobre a língua.

Esse *site* deveria abrigar, segundo aponta o autor, trabalhos diversos realizados por pesquisadores da área de linguística, os quais seriam disponibilizados, em um primeiro momento, somente em português, e, posteriormente, em inglês, francês e espanhol, de modo a possibilitar que não somente os falantes de língua portuguesa pudessem ter acesso às pesquisas publicadas. Muito embora seja uma ideia inovadora, esta nunca foi colocada em prática do modo como o autor a propôs. Entretanto, serviu como uma motivação para a criação do nosso *site*, voltado para a divulgação especificamente de questões sociolinguísticas, e sem qualquer relação direta com os grupos de estudo supracitados.

A criação do *site* envolveu diversas etapas, as quais se iniciaram com a contratação de um profissional *web designer* para realizar a configuração da estrutura do portal e somente se finalizaram com a avaliação do material realizada por três grupos distintos. Neste capítulo, detalharemos as questões relativas à construção do *site*, descrevendo sua estrutura e seus conteúdos. Principiaremos com os detalhes a respeito do *layout* do *site*, em 3.1, seguidos de considerações sobre os textos do portal, a linguagem utilizada no mesmo e a interação com o visitante, abordadas em 3.2. Passaremos, então, a expor os conteúdos das páginas do *site*, iniciando na subseção 3.3 com as páginas principais, seguindo por 3.4 com as páginas complementares e finalizando com 3.5, seção na qual abordaremos uma página do *Facebook* criada como complemento para o trabalho de divulgação realizado.

### 3.1 *Layout*

A estrutura do *site* foi pensada inicialmente pela autora, mas precisou de adaptações de acordo com as ideias do *web designer* responsável, uma vez que este nos apresenta uma visão especialista sobre a construção de um *site*, aconselhando-nos sobre o que seria ou não de possível realização, e qual seria a melhor forma de fazê-lo.

Primeiramente, foi elaborada a estrutura de uma página inicial contendo as principais informações que o *site* buscaria passar. Essa estrutura, segundo indicou o *web designer*, deveria ser do tipo com rolagem de barra, com todas as indicações dos conteúdos e de localizações dos mesmos, de modo a tornar mais fácil para o usuário o processo de encontrar o que procura e de navegar pelas páginas. Com a ajuda do profissional, decidimos a quantidade de imagens e textos necessários para uma estrutura chamativa, porém não exagerada ou confusa.

Devido a impedimentos financeiros e de tempo, foi decidido que o *layout* do *site* seria adquirido através de um servidor<sup>36</sup> *online* de vendas de *templates*<sup>37</sup>, pois, dessa forma, o trabalho do *web designer* se limitaria à inclusão de conteúdos, edição de imagens e textos, e posteriores mudanças no *layout*. Buscou-se um *template* que atendesse às expectativas já mencionadas anteriormente, de modo a ser chamativo, porém simples e de fácil navegação. O modelo escolhido foi tido como o mais adequado ao nosso trabalho, com uma página inicial que se divide em: título do *site*; ícones clicáveis com *links* para redes sociais; espaço para cinco menus; uma barra de pesquisa; uma apresentação de imagens não clicáveis; quatro espaços para tópicos complementares; espaços para breves textos de apresentação da autora, do objetivo do *site* e da descrição do projeto no qual este se insere; e um rodapé para informações de direitos autorais e contato. Em todas as páginas do *site*, ao se realizar a rolagem da barra, uma opção de botão para clique com o nome de *top* aparece na parte inferior direita da tela, e, ao clicar neste botão, é feita uma rolagem automática e rápida que leva o usuário de volta ao topo da página.

As cores do modelo se dividem entre verde e preto como plano de fundo, sendo a primeira cor correspondente ao espaço que se inicia no título do *site* e se finaliza logo após a apresentação de fotos, no caso da página inicial. Desse ponto em diante, o fundo é preto,

---

<sup>36</sup> O *layout* foi adquirido na empresa *online Template Monster*.

<sup>37</sup> Modelo de estrutura de um *website*.



exceto pelas cores de fundo dos quatro tópicos complementares – na ordem em que são apresentados: cinza, verde escuro, verde claro e laranja – e pela cor do rodapé, que volta a ser verde como no início da página. Nas páginas principais e complementares, o título, os ícones das redes sociais, a barra de pesquisa e os menus principais se mantêm na parte superior, e o rodapé, na parte inferior, ambos na mesma cor verde. O fundo de todas as páginas, nos espaços de conteúdo propriamente dito, é preto e todos os textos se encontram nas cores cinza e branco, de modo a serem realçadas no plano de fundo.

Após a realização da compra do *template*, foi realizado o pagamento do servidor de hospedagem para o *site*, a qual ocorreu pela empresa *Locaweb*. O domínio adquirido para endereço do *site* foi [www.pelofimdopreconceitolingustico.com](http://www.pelofimdopreconceitolingustico.com). Decididos esses pormenores financeiros e burocráticos, deu-se início a uma nova etapa da construção do *site*: a definição dos conteúdos que seriam postados, os locais nos quais seriam alocados e como deveriam se adaptar da melhor maneira possível à estrutura já definida.

### 3.2 Textos, linguagem e interação

A primeira preocupação que tivemos em relação ao *site* foi relativa aos conteúdos que seriam disponibilizados para o público. Além dos materiais como vídeos e imagens que seriam compilados na página, havia ainda a necessidade de explicações de determinadas questões e conceitos sociolinguísticos, uma vez que acreditamos ser necessário um espaço de conteúdos específicos, pois o *site* busca ser não somente uma fonte de diversão e materiais diversificados, mas também de informações que possam ser úteis para o visitante.

Para produzir esses conteúdos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que nos serviu de base para a produção de textos que abordassem os principais tópicos concernentes à sociolinguística, sendo os mesmos adaptados e resumidos de modo a se adequarem ao contexto de uma página virtual. Embora o *site* esteja disponível para todos os públicos, foi necessário decidir um público-alvo específico para nosso trabalho. Procurando dialogar com Bagno & Rangel (2005) e com o princípio de indissociabilidade entre EPE, decidimos por definir nosso público-alvo principal como alunos e professores de ensino médio, os quais podem aproveitar o conteúdo do *site* para, no caso dos professores, aprimorar suas aulas de língua portuguesa ou discutir a questão do preconceito linguístico em sala de aula de

quaisquer disciplinas, e, no caso dos alunos, como fonte de busca de materiais que possam contribuir para seus trabalhos escolares.

Devido à escolha desse público-alvo, e, ainda, ao fato de que um *site* que busca ampliar a circulação de determinado conhecimento a um grande público deve se adaptar ao mesmo, a linguagem utilizada nos textos e materiais publicados na página é mais simples, informal e com frequentes marcas de oralidade. Os conceitos apresentados foram simplificados, pois consideramos não ser este o espaço de se passar todas as informações úteis e necessárias de uma única vez, esclarecendo apenas pontos principais e apresentando um nível básico de conhecimento do assunto. Dessa maneira, objetivamos criar uma aproximação com o usuário do *site*, fazendo com que se sinta confortável e interessado em buscar mais informações sobre o tema.

### 3.3 Páginas principais

O conteúdo do *site*, conforme já mencionamos em capítulos anteriores, foi composto por materiais diversos a respeito do tema preconceito linguístico, quais sejam: artigos, uma cartilha, vídeos e imagens. Dentre esses materiais se encontram aqueles que são de autoria da própria pesquisadora, porém, há ainda a compilação de materiais de diversas outras fontes, como alunos de graduação em Letras da UERJ, vídeos interessantes encontrados no *site YouTube*, textos livremente divulgados na *internet* e materiais diversos produzidos por alunos, professores ou pessoas interessadas no assunto.

O objetivo principal do *site* é servir como um local de compilação de materiais diversificados sobre o tema, sendo imprescindível a sua atualização sempre que possível e/ou necessário, uma vez que materiais midiáticos surgem com grande rapidez na rede. Levando em consideração a primeira versão do *site*, ou seja, a versão apresentada aos grupos de avaliadores, realizaremos a descrição de cada uma das páginas que o compõem, explicitando seus conteúdos e esclarecendo seus objetivos.

### 3.3.1 Página Inicial (Início)

A página inicial consta, à esquerda, de um título com o nome do *site* – *Pelo Fim do Preconceito Linguístico* –, e, à direita, de ícones através dos quais o visitante consegue acesso direto às principais redes sociais nas quais o projeto está inserido. Logo abaixo, vemos um menu com cinco divisões, além de uma barra de pesquisa, na qual o visitante pode digitar o termo sobre o qual tem interesse. As divisões, por sua vez, levam cada uma a um espaço diferente, sendo a primeira – início – a que leva à página inicial aqui descrita e as outras, seguintes, às respectivas páginas: Informação, Diversão, Interação e Referências. Trataremos desses espaços detalhadamente em um momento posterior.

Logo após esse menu, encontramos uma sequência de três fotos não clicáveis, que são apresentadas em menos de 10 segundos cada, com o objetivo de ilustrar as três partes principais do *site*, determinadas por escrito em cada imagem: Informação, Diversão e Interação. No canto inferior esquerdo das fotos, há uma sequência de um ponto em laranja e dois pontos em branco representando cada uma das figuras, nos quais o usuário pode clicar para retornar ou avançar para uma das fotos da apresentação. As imagens contidas nesta apresentação foram retiradas de um *site*<sup>38</sup> que as oferece de modo gratuito, destinadas ao livre compartilhamento e uso. Todas foram editadas e modificadas pelo *web designer* para que melhor se adaptassem ao *site* e aos seus objetivos.

Ao rolarmos a página, encontramos ainda quatro tópicos que consideramos dignos de atenção e discussão na página sobre assuntos relativos ao tema do preconceito linguístico, cujos títulos são: o que é preconceito linguístico; cartilha contra o preconceito linguístico; polêmica do livro didático; e preconceito linguístico e ensino de português. Estes tópicos são apresentados em destaque, seguidos de um breve texto introdutório para cada um dos assuntos abordados e de um *link* denominado "saiba mais", através do qual o usuário, ao clicar, é direcionado para a página que aborda o tópico escolhido. Descreveremos estes tópicos em detalhes posteriormente.

Ainda na página inicial do *site*, abaixo dos tópicos mencionados, o visitante encontra um pequeno espaço ao lado esquerdo com a foto e as informações sobre a autora do projeto, incluindo um *link* para seu currículo na plataforma *Lattes*. Na mesma altura, ao lado direito, encontra-se um breve texto explicando o objetivo de nosso trabalho, ilustrado pela imagem de

---

<sup>38</sup> O *site* em questão pode ser acessado através do endereço: <http://www.freeimages.com/>

um *logo* do *site* criado pelo *web designer* especificamente para nosso uso. Abaixo das informações sobre a autora, há ainda mais um breve texto que inclui o objetivo principal do *site* e uma mensagem de boas vindas aos visitantes. Todos os textos foram produzidos pela autora, sendo apenas uma breve explicitação das informações já mencionadas nesta dissertação.

Por fim, no rodapé da página inicial, encontramos um *link* para contato à direita, e à esquerda, um segundo *link* que leva o visitante diretamente à página do projeto no *Facebook*, além de uma declaração de direitos autorais protegidos. Na figura 1, podemos ver um panorama geral da página inicial do *site Pelo Fim do Preconceito Linguístico*.

Figura 1 - Imagem da página inicial do *site Pelo Fim do Preconceito Linguístico*. (página seguinte)

# PELO FIM DO PRECONCEITO LINGÜÍSTICO


[INÍCIO](#)
[INFORMAÇÃO](#)
[DIVERSÃO](#)
[INTERAÇÃO](#)
[REFERÊNCIAS](#)



O que é  
*Preconceito  
Linguístico?*

O Preconceito Linguístico está presente no nosso dia-a-dia, nas conversas

*Cartilha  
contra o  
Preconceito  
Linguístico*

O Preconceito Linguístico é

*Polêmica do  
livro didático*

Um dos casos mais conhecidos de Preconceito Linguístico e que mostrou o quanto ele está presente no dia-a-dia das pessoas foi

*Preconceito  
Linguístico e  
Suaus de  
Português*

Você pode estar se perguntando como vai

### 3.3.2 Página “Informação”

Ao clicarmos na parte Informação, encontrada no menu principal do *site*, o mesmo é redirecionado para uma página cujos cabeçalho e rodapé são os mesmos da inicial, modificando-se apenas seu conteúdo. Nesse espaço, o visitante encontra informações gerais a respeito das bases científicas utilizadas em nosso trabalho, através de um texto que busca seguir um caminho lógico e que explica como surgiu a sociolinguística, suas pesquisas, objetivos e conclusões, e como tudo isso culminou em um projeto para combate ao preconceito linguístico. O texto é guiado pelos seguintes tópicos: sociolinguística, variação linguística, mudança linguística e variedades estigmatizadas e prestigiadas.

O objetivo desse primeiro *link* é apresentar o plano de fundo por trás da função do *site*, de modo a explicar como o assunto preconceito linguístico surgiu e quais são as bases científicas que regem o nosso projeto. Os textos são curtos e simplificados, pois acreditamos que a ideia de um *site* que torne o tema acessível a uma parcela da população que dificilmente ouvirá falar do assunto senão através desse tipo de trabalho não combina com textos demasiado extensos e com expressões e explicações técnicas de difícil compreensão para quem não está acostumado com os conceitos e ideias da área.

O visitante encontra, ainda, após o texto explicativo, uma imagem com 16 indicações de livros sobre sociolinguística<sup>39</sup>, preconceito linguístico e ensino de língua portuguesa, na qual é possível visualizar os livros e seus respectivos nomes e autores, listados logo abaixo das reproduções de suas capas<sup>40</sup>. Há ainda *links* para os *sites* dos professores Marcos Bagno e Stella Bortoni-Ricardo, para os das principais associações de linguística do Brasil e para alguns projetos realizados na área de sociolinguística. Por fim, elencamos ainda indicações de artigos e textos que discutem o assunto, selecionados na *internet* pela autora com o objetivo de, além de informar ainda mais o visitante, demonstrar que este é um tema que pode e deve estar presente na rede, validando ainda mais o nosso trabalho.

---

<sup>39</sup> São eles: Bagno (1997, 1999, 2000, 2003, 2007, 2009, 2013); Scherre (2005); Leite (2008); Mollica & Braga (2003); Calvet (2002); Bortoni-Ricardo (2004, 2014); Martins, Tavares & Vieira (2014); Bortoni-Ricardo, Sousa, Freitas & Machado (2014); e Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1975]).

<sup>40</sup> Há ainda muitos outros bons livros que poderiam ser incluídos nas indicações do *site*; porém, preferimos elencar apenas alguns, para evitar que o conteúdo se estendesse ainda mais e se tornasse cansativo.

### 3.3.3 Página “Diversão”

Na segunda página do menu principal, chamada Diversão, o visitante encontra uma compilação dos principais vídeos encontrados sobre o tema preconceito linguístico. Alguns dos vídeos foram realizados pela própria autora, enquanto outros são frutos de trabalhos da autora em conjunto com colegas, além de materiais feitos por alunos de turmas dos últimos quatro anos da disciplina Linguística I ministrada pelo orientador deste trabalho na UERJ. Há ainda vídeos realizados por bolsistas de projetos de extensão da mesma universidade, e vídeos encontrados no *site YouTube* criados por adolescentes, adultos, alunos de ensino médio e de graduação de diversos lugares do país. Ao fim da página, ainda é possível encontrar a indicação de locais onde o visitante poderá acessar imagens e tirinhas sobre o tema, criadas pela autora e por bolsistas de um projeto de extensão da UERJ. Alguns desses materiais são dignos de exemplificação e descrição, como os que descreveremos a seguir.

O vídeo "Sô & Ci - Contra o Preconceito Linguístico", foi idealizado e criado com o intuito de passar uma mensagem anti preconceito linguístico que poderia ser voltada tanto para crianças – devido à maneira como o vídeo foi produzido – como para adultos. A principal motivação para a realização deste material foi a descoberta de vídeos da Tv Escola<sup>41</sup> disponibilizados no *site YouTube* de uma série chamada "Orto & Grafia". Nessa série, bonecos de fantoche apresentavam situações de conversas cotidianas, em que faziam uso de determinadas expressões, palavras ou frases de acordo com a gramática normativa, as quais eram enfatizadas por uma legenda que aparecia na parte de baixo da tela. Ao final dos vídeos, os personagens reforçavam tudo o que tinha sido falado nos diálogos, salientando que aquelas formas de falar eram as corretas e indicando aos espectadores que não falassem de modo errado, ou seja, em desacordo com a norma padrão.<sup>42</sup>

Pensando em criar um material que servisse como uma resposta aos veiculados pela Tv Escola, foi idealizado um vídeo seguindo o mesmo modelo dos apresentados na série "Orto & Grafia": dois fantoches, de nome Sô e Ci<sup>43</sup> conversam entre si, apresentando em suas falas estruturas características da norma não-padrão, que são evidenciadas através de uma

---

<sup>41</sup> Canal de televisão do Ministério da Educação que produz programas, séries e documentários voltados para o ensino de diversas disciplinas.

<sup>42</sup> Aos usos que ocorrem em desacordo à norma padrão demos o nome de norma não-padrão, para efeitos de contraste.

<sup>43</sup> Os nomes Sô e Ci foram escolhidos para os personagens que dão título ao vídeo devido à semelhança fonética com o sobrenome de Ferdinand de Saussure.

legenda logo após cada fala de um personagem, como pode ser visto na figura 2. O vídeo finaliza com uma cena à parte em que os personagens esclarecem que todas as construções linguísticas utilizadas durante o vídeo possuem regra e não estão incorretas e que, portanto, não se deve julgar algo como errado sem conhecer ou saber sobre, pois isto caracteriza preconceito.

Figura 2 - Vídeo “Sô & Ci – Contra o Preconceito Linguístico”



Com apenas um minuto e meio de duração, o vídeo em questão tem como objetivo chamar a atenção do espectador para um assunto, incitando sua curiosidade e interesse sobre o tema através do diálogo apresentado e das frases de efeito utilizadas ao final<sup>44</sup>. Embora não forneça explicações extensas a respeito das construções estigmatizadas, o vídeo cumpre seu papel de servir como um material introdutório, que pode render reflexões e discussões por parte dos espectadores.

O uso de vídeos como o que acabamos de descrever é limitado ao objetivo de se chamar a atenção do espectador para o tema, incitando sua curiosidade e promovendo reflexões, ainda que básicas, a respeito do assunto. Entretanto, com o intuito de apresentar explicações mais específicas e esclarecedoras no que concerne às regras existentes no uso de expressões consideradas erradas na fala, criamos a série de vídeos "Com Que Fala Eu Vou?", divulgada através de um canal no *site YouTube*<sup>45</sup>. A intenção desta série é, principalmente, desmistificar o preconceito linguístico, seja explicando e legitimando os supostos erros encontrados na fala das pessoas, seja apresentando noções e informações concernentes ao assunto. A ideia do nome da série se deu devido à questão da variação linguística, uma vez

<sup>44</sup> O vídeo em questão pode ser acessado através do *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=Irg3U0dnrM8>

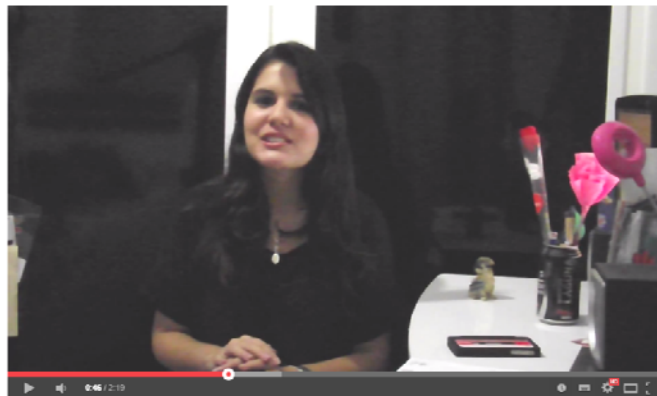
<sup>45</sup> O canal "Com Que Fala Eu Vou?" está disponível para acesso no endereço: <https://www.youtube.com/user/comquefala>



que concordamos com Bagno (1997), que afirma que o falante deve saber onde e quando utilizar cada variedade, dependendo do contexto em que se encontra.

Um dos vídeos desta série, o de número três, dedica-se a esclarecer a regra que embasa o uso da palavra *menas*, de modo a demonstrar que esse uso não é arbitrário ou equivocado, e, muito pelo contrário, segue uma lógica natural da mente de qualquer falante de português brasileiro. Todos os vídeos da série "Com Que Fala Eu Vou?" se desenrolam em um mesmo modelo, pensado para ser algo simples porém direto e interativo: uma pessoa sentada de frente para uma câmera, falando de modo natural, comunicativo e, muitas vezes, divertido, no intuito de passar a mensagem desejada do modo mais atraente e confortável possível para aqueles que assistem ao vídeo (ver figura 3).

Figura 3 - Vídeo "Com Que Fala Eu Vou? – Menas"



O início do vídeo sobre a palavra *menas* se constitui de um trecho retirado de um dos vídeos da série já mencionada "Orto & Grafia" da Tv Escola. O trecho em questão apresenta a cena final de um vídeo que trata a respeito do uso da palavra *menos* diante de substantivos femininos, no qual os personagens enfatizam que o uso correto é sempre sem a variação do advérbio mencionado, afirmando ainda que a palavra *menas* não existe. Logo após esse trecho, inicia-se a abertura musicada criada especialmente para a série, e, então, passa-se ao conteúdo em si, no qual a apresentadora explica sucintamente a regra que rege o uso da palavra *menas* enquanto pronome, comparando-o com os usos dos pronomes *muito* e *pouco*, os quais variam em gênero quando diante de um substantivo feminino<sup>46</sup>.

Esclarecendo que não é possível dizer que este uso é incorreto, uma vez que possui uma regra linguística previamente explicada e que funciona também para outras palavras de mesma função, o vídeo é finalizado com a apresentadora indicando que não se deve, portanto,

<sup>46</sup> Antunes & Lima (2011).

julgar e/ou humilhar aqueles que fazem uso desta e de outras palavras e expressões diferentes do que é considerado correto.

Um segundo tipo de material explorado em nosso trabalho de divulgação e que está incluído na página Diversão são as tirinhas e imagens que constantemente postamos em nossa página do *Facebook*. Apresentaremos duas delas neste momento, as quais estão ainda, junto com diversas outras, compiladas em nosso perfil no *site Tumblr*<sup>47</sup>, um espaço dedicado ao compartilhamento de imagens, áudios, *links* e pequenos vídeos.

A primeira imagem que descreveremos foi idealizada devido à popularidade desse tipo de postagem em diversas páginas de humor na rede social *Facebook*. Com o título de "Agora, um poema", foram criadas diversas versões para uma tirinha em que um personagem lê um poema em um pedaço de papel, sempre rimando e abordando algum tema de modo divertido. Em nosso caso, criamos um "poema" contra o preconceito linguístico, que pode ser visto na figura 4. Embora simples e sem muitas informações, essa postagem cumpriu de modo eficaz seu papel enquanto propagadora do assunto, uma vez que obteve 45 curtidas e 68 compartilhamentos, atingindo um público total de 3.498 pessoas<sup>48</sup>.

Figura 4 - Tirinha "Poema contra o Preconceito Linguístico"



Um segundo tipo de postagem muito comum em páginas do *Facebook* inclui uma imagem retirada de filmes, animações ou até mesmo fotos ou pinturas famosas com uma

<sup>47</sup> É possível acessar o perfil na rede *Tumblr* através do endereço <http://pelofimdopreconceitolinguistico.tumblr.com/>.

<sup>48</sup> Segundo dados fornecidos pela rede de relacionamentos *Facebook*, até a data de 26 de Janeiro de 2015.

legenda, normalmente na cor branca, que apresenta um comentário humorístico a respeito de algum assunto. Aproveitando também essa ideia, criamos a figura 5, na qual aproveitamos a expressão facial da atriz em uma cena retirada de um filme americano para realizar um comentário sobre a dificuldade das pessoas em reconhecerem o preconceito linguístico como um verdadeiro preconceito. Essa imagem, por sua vez, obteve 43 curtidas e 40 compartilhamentos, alcançando 1.812 pessoas.

Figura 5 - Imagem divertida com mensagem sobre a dificuldade de se reconhecer o preconceito linguístico como um preconceito.



Além destes, ainda há na página Diversão outros materiais, em sua maioria vídeos, além dos *links* de acesso a páginas que contém imagens e tirinhas sobre o assunto. Todos os vídeos estão inseridos na página, ou seja, o visitante somente necessita clicar no *player* do *YouTube* para dar início à visualização, sem necessidade de sair do *site*. No caso das imagens e tirinhas, devido ao já extenso tamanho da página em questão, foi decidido que seria melhor apenas disponibilizar os *links* necessários para que estas pudessem ser acessadas diretamente na página do *Facebook* e no perfil do *Tumblr*.

#### 3.3.4 Página “Interação”

A terceira página localizada no menu principal do *site* é destinada à interação entre a autora e os visitantes. Nessa página, podemos encontrar os principais meios de comunicação para que essa interação seja realizada, quais sejam: um *e-mail* de comunicação exclusivo, uma página na rede social *Facebook*, um *link* para um fórum criado especificamente para uso no

*site* e, ainda, instruções de como o visitante deve proceder para enviar seus próprios materiais e trabalhos, que podem vir a fazer parte dos materiais do portal.

Com esse tipo de iniciativa, que permite a participação das pessoas tanto em comentários como em envio de materiais, buscamos, além de ampliar a circulação de saberes, dar voz ao outro, entendendo o outro como aquele que não está inserido no ambiente acadêmico, e que, portanto, pode ter visões diferentes e até mesmo opostas às nossas. Muito embora este seja um trabalho difícil de realizar, acreditamos ser necessária essa aproximação e esse diálogo entre academia e sociedade. Compreendendo ambos como dignos de voz e opinião, criamos o fórum de discussões e a página no *Facebook*, espaços onde todos têm direito à livre expressão de seus pensamentos e ideias.

Assim, estamos agindo de acordo com o que propõe o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão discutido no primeiro capítulo desta dissertação: ao levarmos os saberes às pessoas de fora do meio acadêmico e darmos oportunidade para que expressem suas opiniões em relação a esses saberes e aos trabalhos que realizamos, estamos promovendo um verdadeiro trabalho extensionista, uma vez que este se caracteriza por ser uma via de mão dupla entre os conhecimentos do pesquisador e da sociedade. Ademais, acreditamos ser necessária a participação da sociedade em nossos trabalhos devido ao fato de serem estes os principais beneficiados em nossa busca por uma conscientização sobre o preconceito linguístico e suas consequências. Ao promovermos um trabalho que busca incentivar o respeito às variedades linguísticas, esclarecendo que todas são iguais em valor linguístico, estamos também motivando as pessoas a sentirem orgulho de sua identidade linguística, incentivando-as a aceitarem que são donas de sua língua e que, portanto, têm todo o direito de pensar e opinar sobre ela.

Para tornar a interação entre os usuários e a autora ainda mais possível, em todas as páginas do *site* - exceto na página Diversão<sup>49</sup> - foi incluído um *plug-in* de comentários do *Facebook*. Através desse instrumento, qualquer pessoa pode fazer seu comentário diretamente no *site*, bastando estar previamente conectado à rede social, e podendo, ainda, publicar seu comentário também em seu próprio mural no *site* de relacionamentos.

---

<sup>49</sup> A página não recebeu o *plug-in* devido ao peso dos materiais já incluídos no espaço. De todas as páginas do *site*, esta é a que mais demora a carregar devido à grande quantidade de informações de multimídia. Segundo a orientação do *web designer*, ao incluir o *plug-in*, essa demora poderia ser ainda maior, devido às configurações necessárias para sua publicação, o que prejudicaria um bom acesso a essa página específica do *site*.

### 3.3.5 Página “Referências”

A última página do menu principal do *site* tem como finalidade apresentar as referências bibliográficas utilizadas pela autora para a elaboração do conteúdo textual das páginas. Esta pode ser considerada a parte menos informal do *site*, pois apresenta as referências de acordo com as regras ditadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Por ser o *site* um trabalho vinculado a um projeto de curso de mestrado, a página de referências destina-se a ser uma constatação de que os conteúdos apresentados foram baseados em trabalhos científicos sérios, de modo a dar mais validade ao que está sendo exposto e, ao mesmo tempo, esclarecer que tudo o que foi escrito pela autora foi retirado de fontes confiáveis.

É importante comentar que nem todas as fontes bibliográficas mencionadas na parte de informação se encontram também na página Referências, uma vez que nem todas foram diretamente utilizadas para a composição dos conteúdos do *site*, servindo apenas como indicações de leituras para os visitantes, caso queiram se aprofundar no assunto.

### 3.4 **Páginas complementares**

Além dos menus principais, foram incluídas no *site* quatro páginas complementares, com temas que acreditamos serem importantes e que esclarecem questionamentos que o visitante pode levantar a respeito do assunto. A primeira delas, e mais importante, explica o que é o preconceito linguístico, fazendo uma complementação ao que é abordado na página Informação. A segunda, por sua vez, apresenta a cartilha criada pela autora com o intuito de propagar uma mensagem anti preconceito, e as duas últimas tratam de assuntos similares: a polêmica ocorrida em 2011 em torno do livro didático da série “Por uma vida melhor”, e uma breve discussão a respeito do ensino de português a partir de uma visão da sociolinguística.

### 3.4.1 O que é preconceito linguístico?

Neste primeiro dos quatro tópicos apresentados em destaque na página inicial, encontramos uma breve explicação do que a sociolinguística define como preconceito linguístico. Para iniciar o tema, primeiramente há um esclarecimento do que seria preconceito, com exemplos que buscam demonstrar que uma atitude preconceituosa equivale a julgar algo ou alguém sem saber nada sobre aquilo ou aquela pessoa. A partir de então, passamos à definição da expressão “preconceito linguístico” segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, seguida de exemplos de situações cotidianas nas quais esse preconceito está presente, muito embora as pessoas não percebam por falta de conhecimento sobre o mesmo.

Por fim, apresentamos uma explicação sucinta do motivo pelo qual o preconceito linguístico deve ser considerado errado, equiparando-o ainda a outros preconceitos sobre os quais as pessoas já estão acostumadas a ouvir e discutir. Julgamos importante ainda enfatizar que todos esses preconceitos – inclusive o linguístico – devem ser desconstruídos e punidos, devido às suas consequências que somente fazem prejudicar aqueles que os sofrem.

### 3.4.2 Cartilha contra o preconceito linguístico

No segundo tópico apresentado na página inicial de nosso *site*, abordamos a cartilha criada pela autora durante seu período de bolsista de Iniciação Científica. A cartilha em questão foi idealizada com base em outros materiais similares distribuídos pelo governo em escolas e eventos diversos, e possui uma linguagem acessível, cores e estrutura chamativas e imagens para fins de ilustração.

A cartilha foi disponibilizada de maneira virtual através de um *blog*<sup>50</sup> e possui 12 páginas, sendo 10 de texto, uma de capa e uma de contracapa. A cartilha discorre a respeito dos principais preconceitos encontrados em nossa sociedade, tais quais o religioso, o relativo à orientação sexual e o racial, deixando claro que todos são ruins e possuem respaldo na Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988) para que sejam considerados atitudes condenáveis por parte do governo. Ao apresentar o preconceito linguístico, buscamos

---

<sup>50</sup> O *blog* no qual a cartilha foi primeiramente hospedada pode ser acessado neste endereço: <http://cartilhacontraopreconceitolinguistico.blogspot.com.br/>

equipará-lo aos demais preconceitos, utilizando a Declaração Universal de Direitos Linguísticos (UNESCO, 1996) como base para demonstrar que o mesmo também deve ser condenável perante a lei.

Por estarmos tratando de um preconceito sobre os quais as pessoas provavelmente nunca ouviram falar, considerou-se importante apresentar uma parte da cartilha dedicada à desconstrução do preconceito linguístico, utilizando, para isso, a explicação da regra de uso da palavra *menas*, de modo a provar que são errôneas as ideias sobre a língua que afirmam que determinadas palavras e expressões não existem ou, ainda, que não possuem regra alguma. A cartilha é finalizada com uma discussão a respeito de intolerância e de *bullying*, no que concerne não somente ao preconceito linguístico, mas a todos os outros.

### 3.4.3 Polêmica do livro didático

No tópico denominado "Polêmica do livro didático" – o terceiro a ser exibido em nossa página inicial logo abaixo da apresentação de imagens – discutimos sucinta e objetivamente o que ocorreu no ano de 2011, quando um livro aprovado pelo MEC para educação de jovens e adultos foi criticado por conter uma seção supostamente destinada a ensinar os alunos a "falar errado".

Após explicar como se iniciou a polêmica em questão, relatamos a proposta do livro, que nada mais fazia além de apresentar exemplos de usos da norma não-padrão, alertando o aluno para o fato de que, ao falar daquela maneira, ele correria o risco de sofrer o preconceito linguístico. Apresentamos ainda uma imagem da página do livro que explicita essa proposta, mostrando claramente que a intenção do material nunca foi o de deslegitimar a norma padrão em detrimento de uma norma não-padrão. Ao fim do texto, esclarecemos que essa polêmica foi uma das nossas motivações principais para a busca de uma forma inovadora e acessível de divulgação do tema, a qual culminou na criação do *site* sobre o qual discorreremos.

#### 3.4.4 Preconceito linguístico e ensino de português

O último tópico complementar em nossa página inicial continua, de certo modo, a discussão apresentada no tópico anterior, a respeito da polêmica do livro didático. Um dos principais questionamentos feitos por aqueles que não conhecem o trabalho da sociolinguística é o que diz respeito às influências dos trabalhos da área no ensino de língua portuguesa. A preocupação predominante, principalmente dos professores<sup>51</sup>, seria a de que, com a inserção dos conceitos e resultados da sociolinguística em sala de aula, o ensino de norma padrão se tornaria inútil, acarretando, assim, em problemas que iriam desde uma qualidade inferior da aprendizagem à falta de necessidade de professores de língua materna.

Buscando responder a essas perguntas, apresentamos nessa página os principais objetivos da sociolinguística no que concerne ao ensino de língua portuguesa, esclarecendo que essa área busca uma melhoria no ensino e na aprendizagem de português através do respeito às variações linguísticas e de um combate ao preconceito linguístico em sala de aula. Explicamos, ainda, que isso não impede ou invalida o ensino da norma culta<sup>52</sup>, apenas modifica o método como esse ensino deve acontecer, tornando-o mais palpável para o aluno e auxiliando o trabalho do professor.

### 3.5 **Trabalhos complementares: *Facebook***

Como forma de complementar o trabalho realizado com o *site*, foi criada também uma página na rede de relacionamentos *Facebook*<sup>53</sup>, na qual conteúdos interativos e divertidos são compartilhados, de modo não somente a conquistar a atenção dos visitantes, mas também a despertar o interesse das pessoas para o assunto.

---

<sup>51</sup> Podemos comprovar isso ao observar os comentários e opiniões expressados por leitores em jornais, *sites* e revistas a respeito da situação da polêmica do livro didático.

<sup>52</sup> O uso do termo norma culta é empregado de acordo com o conceito já apresentado em Bagno (1997), abordado no subtítulo 2.2.1, qual seja, norma utilizada por falantes que possuem curso superior.

<sup>53</sup> A página pode ser acessada através do endereço <https://www.facebook.com/PeloFimdoPreconceitoLinguistico>



A ideia de utilizar essa rede de relacionamentos surgiu devido à percepção de que o *Facebook* é hoje um dos meios mais comuns de compartilhamento de ideias e de interação entre as pessoas, sendo frequentado por indivíduos de diferentes classes sociais, idades, gêneros e escolaridades, o que faz com que o nosso trabalho possa ser levado a uma parcela ainda maior da população. Com a ajuda da configuração do próprio *Facebook*, que permite que as postagens sejam curtidas, comentadas e compartilhadas, conseguimos realizar um trabalho de circulação do conhecimento sociolinguístico de modo mais democrático, pois os conteúdos postados não estão restritos somente àqueles que acompanham a página, mas também aos seus amigos, alcançando cada vez mais pessoas de modo indireto, porém, eficaz no que concerne a apresentar o tema.

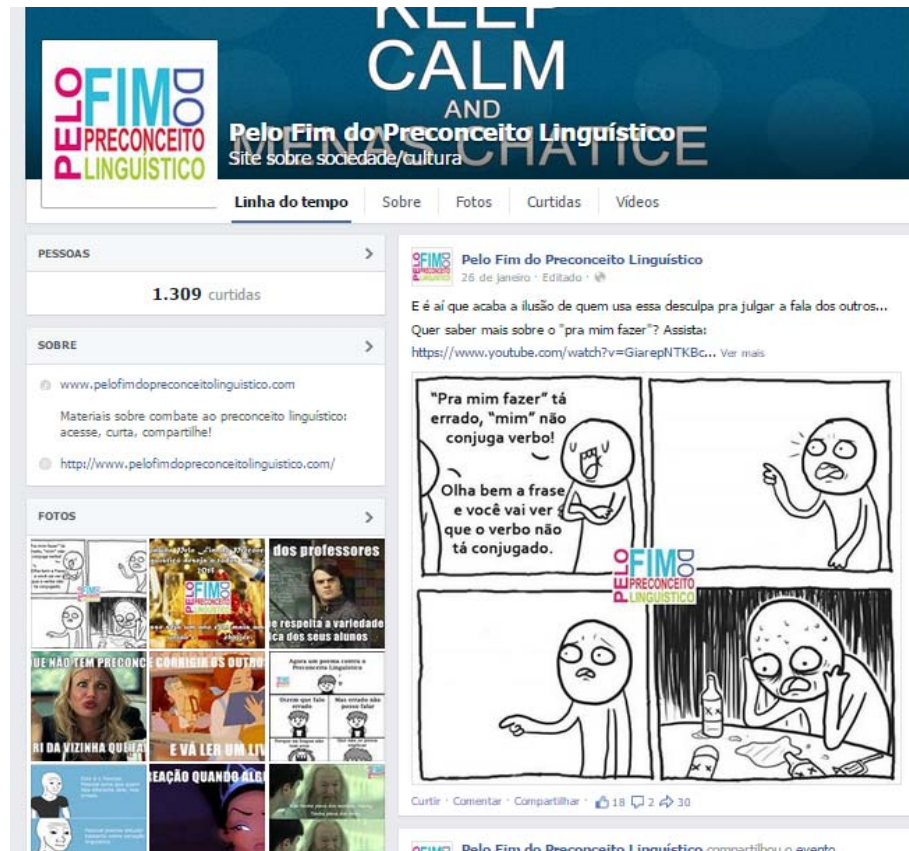
As postagens realizadas na página em questão são, em sua maioria, humorísticas, buscando sempre passar uma mensagem contra o preconceito linguístico de forma divertida e lúdica<sup>54</sup>. A página *Pelo Fim do Preconceito Linguístico* já conta com mais de 1.300 curtidas, havendo, dentre os curtidores, pessoas de diversos lugares do Brasil e, inclusive, de outros países.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> Duas dessas postagens foram mencionadas e detalhadas na subseção 3.3.3 deste capítulo.

<sup>55</sup> Informações retiradas das ferramentas de controle de curtidas da própria rede de relacionamentos *Facebook*.

Figura 6 - Visão geral da página *Pelo Fim do Preconceito Linguístico*, no Facebook.



Tendo finalizado o relato da criação e organização do *site* e a descrição de suas páginas, passaremos à próxima etapa realizada em nosso trabalho, qual seja, a avaliação do *site* em questão por três grupos distintos de pessoas. No próximo capítulo, descreveremos como foi realizada essa avaliação, explicitando como foram formados os grupos e os motivos para tais organizações, além dos resultados encontrados após as análises realizadas.

## 4 AVALIAÇÃO E RESULTADOS

Como forma de avaliar a eficácia de nosso trabalho, buscamos três grupos de pessoas para responderem a um questionário após visitarem o *site* e suas páginas, de modo a podermos avaliar diversos aspectos relativos à página, tanto na parte estrutural, quanto em seus conteúdos.

As avaliações foram realizadas através de questionários, assim como fizeram Ribeiro (2006), Chagas (2012) e Pauleto (2013). Esses questionários foram alocados na ferramenta *Google Docs*, disponibilizada gratuitamente a usuários do *Gmail*, *e-mail* do servidor *Google*. Essa ferramenta permite criar um questionário de qualquer tipo, incluindo questões de múltipla escolha ou discursivas, com uma ou mais páginas, na quantidade que for necessária. Além disso, é possível garantir que o participante responda a todas as perguntas devido a uma opção de obrigatoriedade de resposta que pode ser incluída em cada questão, não permitindo que o respondente envie o formulário sem ter completado todas as respostas de todas as questões apresentadas.

Depois de criados os questionários, a ferramenta *Google Docs* disponibiliza um endereço de acesso para cada um deles, que pode ser enviado para qualquer pessoa via *internet*, sendo apenas necessário que o participante clique sobre o *link* e, assim, abra a página do formulário, a qual é fácil de navegar e de estrutura simples e intuitiva, sem a necessidade de instruções específicas para os respondentes no que concerne à sua utilização. Além dos formulários, criados a partir de uma conta de *e-mail* específica de um usuário do servidor *Gmail*, a ferramenta também realiza um trabalho de organização das respostas em tabelas, sendo possível ao usuário do *e-mail* em questão visualizar as respostas de modo organizado, com a data e a hora em que foram realizadas. Esse conteúdo pode ainda ser exportado, sendo salvo em diversos formatos suportados pelo *Google Docs*.

Para realizar a avaliação, selecionamos três grupos. O primeiro grupo, formado por profissionais da área de ensino, foi composto dos seguintes profissionais: um professor adjunto do departamento de informática e ciência da computação da UERJ; um professor de língua portuguesa e redação das redes particular e pública municipal da cidade de Seropédica; um professor de história das redes particular e estadual do Rio de Janeiro; e uma professora de língua portuguesa da rede municipal da cidade de Paracambi, mestre em linguística com ênfase em sociolinguística. O segundo grupo foi composto de sete alunos de uma turma de Linguística I da UERJ, os quais cursavam o primeiro período de graduação em Letras e cujas

habilitações variavam entre Francês, Italiano e Japonês. O terceiro e último grupo, por sua vez, foi formado por um público geral, não específico, de 35 pessoas, que responderam ao questionário anonimamente.

Os questionários apresentados aos grupos para avaliação eram compostos, em sua maioria, por questões de múltipla escolha com possibilidade de marcação de apenas uma alternativa. Para classificar as respostas dos participantes dos três grupos de avaliadores nessas questões, utilizamos a escala Likert, que é comumente empregada em pesquisas de opinião e foi utilizada também por Ribeiro (2006) e Chagas (2012) em seus respectivos trabalhos. O objetivo dessa escala é determinar o grau de concordância do respondente com as afirmações apresentadas, que pode variar entre concordar totalmente, concordar parcialmente, ser indiferente, discordar parcialmente e discordar totalmente.

Além das questões de múltipla escolha, as quais foram analisadas quantitativamente, tivemos ainda nos questionários aplicados aos profissionais e aos alunos duas questões abertas que objetivaram receber opiniões, críticas, sugestões e ideias para a melhoria do *site*. As respostas dessas duas questões foram analisadas qualitativamente, sendo levadas em consideração as sugestões julgadas pertinentes e tendo sido feitas as mudanças necessárias apontadas antes da aplicação do questionário de avaliação ao público em geral.

Descreveremos agora as características de cada grupo de avaliadores, suas respostas aos questionários, e seus comentários, no caso dos dois primeiros grupos, além de nossos apontamentos e resultados encontrados após análise. A ordem de apresentação respeitará a ordem de realização das avaliações: iniciaremos com o grupo dos profissionais, em 4.1, seguido, em 4.2, pelo grupo de alunos de Linguística I e, por fim, em 4.3, apresentaremos os resultados do grupo do público em geral.

#### **4.1 Profissionais**

Os profissionais escolhidos para realizarem a avaliação, como já assinalamos, foram quatro professores, os quais foram convidados devido a determinados motivos pertinentes ao nosso trabalho. O primeiro profissional mencionado – professor da área de informática e ciência da computação – foi convidado a participar em razão de sua experiência na área de *websites* e tecnologias, sendo sua opinião de grande valia por vir de um especialista no que concerne à estrutura e ao funcionamento de um *site*, além de proporcionar uma visão

avaliativa que complementa a apresentada pelo profissional *web designer* responsável pela feitura da página.

O segundo e o terceiro profissionais citados foram convidados à participação devido à sua identificação como parte do público-alvo de nosso trabalho – qual seja, professores de ensino médio. A escolha por profissionais de áreas diferentes, sendo um de língua portuguesa e redação e outro de história se deveu ao fato de que o *site*, embora voltado para um tema da área de Letras, tem principalmente o objetivo de divulgar o assunto, não somente durante aulas de língua portuguesa, mas, também, em quaisquer outras disciplinas. Sabe-se que o preconceito linguístico ocorre entre os alunos em momentos diversos, e também, entre alunos e professores, sejam de qual disciplina forem, e, portanto, esse tipo de informação é útil e importante para todos.

Acreditamos, portanto, serem necessárias tanto a avaliação de um professor de língua portuguesa, que pode vir a utilizar os materiais para conscientizar os alunos ou, ainda, para modificar sua própria visão a respeito do ensino de língua materna, quanto a de um professor de outra área, que pode discutir o tema em sala de aula diante de alguma situação de preconceito ou, também, conscientizar a si próprio quanto a seu papel de professor e a sua forma de lidar com determinadas situações.

Por fim, o quarto e último profissional a participar da avaliação tem seu convite justificado em virtude da sua formação, possuindo titulação de mestre em linguística, com trabalho realizado na área de sociolinguística, o que o habilita para avaliar de modo mais atento a questões da área, devido à sua experiência.

O convite aos profissionais foi realizado previamente via *e-mail*, sendo confirmadas suas participações antes do envio do questionário. Na data prevista, após a finalização do *site*, foram enviados *e-mails* com as instruções e informações necessárias para a participação, além de um pedido de autorização para que os dados dos participantes e suas respostas pudessem ser utilizados nesta dissertação. O *e-mail* em questão iniciava-se com uma breve explicação do objetivo do trabalho, seguida do *link* para acesso ao *site* e de um pedido para que o participante navegasse por suas páginas e analisasse sua estrutura e conteúdo. Logo após, havia o *link* para o questionário de avaliação, o qual era sucintamente descrito no *e-mail*. Por fim, era pedido aos participantes que enviassem também seus dados de profissão e local de trabalho, além da autorização já mencionada para utilização dessas informações.

Abordaremos, na subseção 4.1.1, os resultados encontrados nos questionários respondidos pelos participantes, seguidos de uma discussão a respeito e de uma análise dos comentários realizados pelos professores em relação ao *site*, em 4.1.2.

#### 4.1.1 Resultados do questionário

A avaliação realizada com os profissionais foi constituída de um questionário com um total de 12 questões, sendo 10 de múltipla escolha e duas dissertativas, todas relativas ao conteúdo e à estrutura do *site*. As questões de múltipla escolha foram elaboradas com base nas principais preocupações que tivemos ao idealizar e criar o *site*, como por exemplo, a adequação da linguagem ao público-alvo, a extensão dos textos para que não se tornassem cansativos e o *layout* da página, que deveria chamar a atenção e despertar o interesse do visitante.

Essas questões foram apresentadas como frases afirmativas, sendo oito de caráter positivo, ou seja, apontando possíveis qualidades do *site*, e duas de caráter negativo, evidenciando possíveis defeitos (APÊNDICE A). As duas questões de teor negativo foram incluídas para que o respondente não se sentisse impelido a afirmar concordância total ou parcial em todas as questões, além de garantir uma maior atenção por parte dos participantes ao responder ao questionário. As duas questões dissertativas, por sua vez, requisitavam que o participante tecesse comentários gerais a respeito do *site* e comentários específicos sobre trabalhos de divulgação científica desse tipo. Todas as questões foram previamente configuradas para exigirem obrigatoriamente uma resposta, não sendo possível que o participante deixasse alguma em branco.

Para simplificar as referências aos profissionais participantes, os numeramos de acordo com a ordem em que responderam ao questionário, sendo, portanto: 1) o professor adjunto do departamento de informática e ciência da computação da UERJ; 2) o professor de língua portuguesa e redação das redes particular e pública municipal da cidade de Seropédica; 3) o professor de história das redes particular e estadual do Rio de Janeiro; e 4) a professora de língua portuguesa da rede municipal da cidade de Paracambi, mestre em linguística com ênfase em sociolinguística. Por se tratar de apenas quatro participantes nessa primeira etapa, apresentaremos as respostas individuais a cada uma das questões.

A primeira afirmativa dizia respeito a questões estruturais. Como é possível perceber ao observarmos a tabela 1, as respostas dos profissionais foram positivas em relação à estrutura do *site*, demonstrando que a mesma é eficiente em relação a chamar a atenção do visitante para que se interesse pelos conteúdos e resolva navegar por suas páginas.

Tabela 1 - Respostas dos profissionais à afirmação "A estrutura do *site* chama a atenção do visitante."

Afirmativa 1: <b>A estrutura do <i>site</i> chama a atenção do visitante.</b>	
Profissional 1	Concordo totalmente
Profissional 2	Concordo totalmente
Profissional 3	Concordo totalmente
Profissional 4	Concordo parcialmente

Na segunda afirmativa, apresentada na tabela 2, o item em questão é a facilidade de navegação das páginas do *site*, a qual também foi aprovada pelos profissionais, indicando não haver dificuldades de um modo geral para que os visitantes possam acessar o portal.

Tabela 2 - Respostas dos profissionais à afirmação "É fácil navegar pelas páginas do *site*."

Afirmativa 2: <b>É fácil navegar pelas páginas do <i>site</i>.</b>	
Profissional 1	Concordo parcialmente
Profissional 2	Concordo totalmente
Profissional 3	Concordo totalmente
Profissional 4	Concordo totalmente

Ainda em relação à estrutura, a terceira afirmativa dispõe a respeito da organização dos tópicos encontrados no *site*, sendo esta uma das questões com teor negativo em relação ao trabalho, ao apontar que a disposição dos conteúdos estaria confusa. Como demonstra a tabela 3, todos os participantes discordaram totalmente da informação, o que nos aponta uma aprovação da estrutura de organização escolhida para o *site*.

Tabela 3 - Respostas dos profissionais à afirmação "A disposição dos tópicos do *site* está confusa."

Afirmativa 3: <b>A disposição dos tópicos do <i>site</i> está confusa.</b>	
Profissional 1	Discordo totalmente
Profissional 2	Discordo totalmente
Profissional 3	Discordo totalmente
Profissional 4	Discordo totalmente

Uma de nossas principais preocupações, como mencionado no capítulo 3 desta dissertação, foi a adequação da linguagem do *site* de acordo com seu público-alvo principal,

qual seja, professores e estudantes de ensino médio. A respeito desta questão, as respostas à afirmativa apontada na tabela 4 foram favoráveis, demonstrando que foi possível veicular os conteúdos relativos à sociolinguística de modo satisfatório e adequado ao público em questão.

Tabela 4 - Respostas dos profissionais à afirmação "A linguagem usada no *site* está adequada ao público-alvo."

Afirmativa 4: <b>A linguagem usada no <i>site</i> está adequada ao público-alvo.</b>	
Profissional 1	Concordo parcialmente
Profissional 2	Concordo parcialmente
Profissional 3	Concordo totalmente
Profissional 4	Concordo parcialmente

No que concerne ao objetivo do *site*, acreditamos ser necessário que este fique claro para quem o está visitando, de modo a facilitar a navegação e permitir que as pessoas possam saber sobre o que se trata a página na qual se encontram. Em relação a isso, os profissionais concordaram unanimemente com a afirmativa da tabela 5, apontando a eficiência na clareza de apresentação dos objetivos principais do trabalho em questão para os visitantes.

Tabela 5 - Respostas dos profissionais à afirmação "O objetivo do *site* está claro para o visitante."

Afirmativa 5: <b>O objetivo do <i>site</i> está claro para o visitante.</b>	
Profissional 1	Concordo totalmente
Profissional 2	Concordo totalmente
Profissional 3	Concordo totalmente
Profissional 4	Concordo totalmente

A tabela 6 apresenta as respostas para a afirmativa que diz respeito aos textos incluídos no *site* e à apresentação dos conceitos e das informações veiculadas. Todas as respostas foram favoráveis, o que significa que os conteúdos estavam claros para os visitantes.

Tabela 6 - Respostas dos profissionais à afirmação "Os textos do *site* fornecem conceitos e informações de forma clara." (continua)

Afirmativa 6: <b>Os textos do <i>site</i> fornecem conceitos e informações de forma clara.</b>	
Profissional 1	Concordo parcialmente
Profissional 2	Concordo totalmente



Tabela 6 - Respostas dos profissionais à afirmação "Os textos do *site* fornecem conceitos e informações de forma clara." (conclusão)

Profissional 3	Concordo totalmente
Profissional 4	Concordo parcialmente

A afirmativa da tabela 7 também diz respeito aos textos do *site*, desta vez com a preocupação concernente à sua extensão. Essa é a segunda e última afirmativa do questionário com teor negativo, e todos os respondentes discordaram total ou parcialmente da afirmação.

Tabela 7 - Respostas dos profissionais à afirmação "Considerando o público-alvo, os textos do *site* são longos e cansativos."

<b>Afirmativa 7: Considerando o público-alvo, os textos do <i>site</i> são longos e cansativos.</b>	
Profissional 1	Discordo parcialmente
Profissional 2	Discordo parcialmente
Profissional 3	Discordo totalmente
Profissional 4	Discordo parcialmente

Em relação às fontes de referência das informações publicadas no *site*, houve a afirmativa descrita na tabela 8, a qual questionava a confiabilidade das mesmas. O resultado foi uma concordância favorável por todos os respondentes.

Tabela 8 - Respostas dos profissionais à afirmação "O *site* apresenta fontes confiáveis sobre as informações veiculadas."

<b>Afirmativa 8: O <i>site</i> apresenta fontes confiáveis sobre as informações veiculadas.</b>	
Profissional 1	Concordo parcialmente
Profissional 2	Concordo totalmente
Profissional 3	Concordo totalmente
Profissional 4	Concordo totalmente

No que concerne aos materiais incluídos no *site*, tivemos a afirmativa de número 9, cujo objetivo foi o de verificar a recepção dos respondentes diante dos materiais em questão. A afirmativa teve concordância total ou parcial por parte de todos os participantes, como vemos na tabela 9, a seguir.

Tabela 9 - Respostas dos profissionais à afirmação "Os materiais do *site* são diversificados e lúdicos."

Afirmativa 9: <b>Os materiais do <i>site</i> são diversificados e lúdicos.</b>	
Profissional 1	Concordo parcialmente
Profissional 2	Concordo parcialmente
Profissional 3	Concordo totalmente
Profissional 4	Concordo parcialmente

Por fim, na tabela 10, temos a última afirmativa do questionário aplicado aos profissionais para avaliação. Nesta, abordamos a facilidade de contato entre o visitante e os autores do *site*, a qual foi julgada como favorável por três dos participantes, tendo o último optado por manter-se indiferente a essa resposta.

Tabela 10 - Respostas dos profissionais à afirmação "Há facilidade de contato entre o visitante e os autores do *site*."

Afirmativa 10: <b>Há facilidade de contato entre o visitante e os autores do <i>site</i>.</b>	
Profissional 1	Concordo totalmente
Profissional 2	Concordo totalmente
Profissional 3	Concordo totalmente
Profissional 4	Indiferente

Passaremos agora à discussão a respeito dos resultados encontrados nas questões de múltipla escolha e à apresentação e análise dos comentários realizados pelos profissionais nas duas questões dissertativas ao final do questionário.

#### 4.1.2 Discussão dos resultados e comentários dos profissionais

Ao analisarmos as respostas dos profissionais, percebemos que, em todas as questões, os resultados apresentaram um parecer favorável de aprovação ao *site* e seus conteúdos. Especificamente nas afirmativas "A disposição dos tópicos do *site* está confusa" e "O objetivo do *site* está claro para o visitante", obtivemos, respectivamente, quatro respostas de discordância total e quatro de concordância total, significando que todos os profissionais

aprovaram a organização dos tópicos da página e que não há dúvidas para o visitante sobre o objetivo do *site*.

Os resultados foram favoráveis e positivos também nas outras afirmativas, mas, no caso de quatro delas, acreditamos ser necessária uma breve discussão a respeito das possíveis motivações para determinadas respostas dos profissionais. Na afirmação “A linguagem usada no *site* está adequada ao público-alvo”, muito embora todos tenham afirmado concordância com a frase, esta se deu, em três dos quatro casos, de modo parcial e não total. Acreditamos que a não concordância total com a afirmativa se deve à dificuldade pela qual a questão da linguagem perpassa ao se criar um discurso técnico que busca passar determinadas informações sem fazer uso de conceitos e nomenclaturas que possam dificultar a compreensão ou diminuir o interesse do visitante no assunto. Por outro lado, sem especificar determinados termos, deixamos o discurso com lacunas em explicações específicas, o que nos levaria contra um dos objetivos de nosso *site*, que é o de servir como local de pesquisa e busca de informações complementares e mais aprofundadas sobre o tema.

Uma segunda afirmativa que consideramos digna de uma observação mais atenta aos resultados foi a que dizia que “Os textos do *site* fornecem conceitos e informações de forma clara.”. As respostas, também nesse caso, demonstram aprovação, porém, dois respondentes concordaram apenas parcialmente com a frase, enquanto os outros dois apontaram concordância total. Devido à preocupação com a linguagem mencionada anteriormente no capítulo 3, buscou-se criar textos que não se estendessem em demasia no que concerne ao uso de conceitos e nomenclaturas, porém, explicassem de forma sucinta e básica o que a sociolinguística propõe, algumas de suas pesquisas e seus principais interesses. Talvez por isso, embora favoráveis, as respostas dos profissionais tenham sido divididas entre os que concordaram totalmente e os que concordaram parcialmente, uma vez que podem ter sentido a ausência de explicações ou informações mais detalhadas nos textos apresentados.

Selecionamos, ainda, a afirmativa “Considerando o público-alvo, os textos do *site* são longos e cansativos.” para uma análise mais detalhada, uma vez que três dos quatro participantes declaram discordância parcial, e não total. Em relação a essas três respostas discordando parcialmente, acreditamos que a questão dos textos reside na mesma situação da adequação da linguagem. Há uma dificuldade entre decidir por um texto curto porém pouco informativo e um texto longo porém com muitas informações. Portanto, decidimos unir, como mencionado no capítulo 3 desta dissertação, suportes diferentes de trabalho para esse tipo de divulgação: os materiais alocados no *Facebook* e no *YouTube* são oportunidades para que as pessoas possam ter um primeiro contato com o tema, sem muito aprofundamento no mesmo,

servindo apenas como um chamativo para que se interessem ou busquem mais sobre o assunto. O *site*, por sua vez, seria o local aonde as pessoas iriam para entender mais sobre o tema, e, portanto, deve conter informações a mais, o que, para ocorrer, necessita, em algum momento, da utilização de textos. Ainda assim, buscamos ao máximo simplificar e resumir diversos conceitos e questões inerentes à sociolinguística, de modo a criar textos que não carecessem de informações, e ainda, não se tornassem demasiado cansativos para quem os lê.

Por fim, temos a afirmativa “Os materiais do *site* são diversificados e lúdicos.”, que obteve concordância em todas as respostas; porém, dos quatro participantes, apenas um concordou totalmente com a afirmativa. Nossa hipótese para tal resultado reside no desafio de se criar materiais diversificados para tornar o tema do preconceito linguístico público, uma vez que livros, artigos e pôsteres em congressos, sabemos, são limitados apenas a um público seletivo, como apontamos no capítulo 1 desta dissertação. Buscamos, portanto, criar materiais como vídeos, imagens, tirinhas e uma cartilha, mas ainda há outros suportes que podem ser explorados, o que pode ter incitado essas respostas.

Em relação aos comentários apresentados pelos profissionais (APÊNDICE B), todos elogiaram o *site*, apontando-o como importante para a sociedade e para o trabalho do professor, além de exaltando sua relevância social. Os profissionais 1 e 2 apontaram sugestões relativas à revisão de alguns textos do *site*. O profissional 2, especificamente, teceu comentários a respeito da falta de determinados conceitos sociolinguísticos, como a noção de erro, e, ainda, indicou mais opções de livros para serem incluídos como sugestão de leitura na página Informação.

No que concerne a revisões textuais, verificamos a necessidade de realizá-las e analisamos todas as sugestões dos dois profissionais. Considerando-as pertinentes, foram feitas as devidas correções e modificações antes do envio do questionário de avaliação para os alunos de Linguística I.

Em relação à falta de alguns conceitos, devemos retornar à questão da afirmativa do questionário que versa a respeito do tamanho dos textos, de acordo com o público alvo: buscamos encontrar um ponto de equilíbrio entre textos com conteúdo e textos cansativos e longos. Infelizmente, nem todas as noções, conceitos e informações da sociolinguística foram abordadas nos textos do *site* devido a essa questão, uma vez que desejamos tanto informar quanto chamar a atenção e não perder o interesse do nosso visitante/leitor. Por termos a necessidade de suprimir certos conteúdos, indicamos leituras complementares, para que as pessoas possam se aprofundar sobre o tema, papel que somente é cumprido pelo *site* no que concerne a uma noção um pouco menos superficial do assunto.

A respeito das sugestões de mais livros para inclusão na página, acreditamos não ser possível ou viável mencionar no *site* todos os livros, textos e materiais sobre o assunto. Além de tornar a página pesada de um ponto de vista estrutural, isso a tornaria demasiado extensa, e retornaríamos novamente à questão do desafio de veicular conteúdos específicos sem cansar um público que talvez não tenha o costume de ler este tipo de texto, principalmente sobre o tema em questão, desconhecido para uma maioria. Entretanto, para proporcionar ao visitante mais opções de escolha, foram incluídos na página Informação *links* para os *sites* das editoras Parábola e Contexto, as principais editoras brasileiras que publicam livros sobre linguística, sociolinguística, preconceito linguístico, entre outros.

Os profissionais 3 e 4 somente elogiaram o trabalho e não realizaram nenhuma sugestão de mudança ou adição de conteúdos. Além disso, nenhum dos profissionais utilizou as questões dissertativas para justificar nenhuma de suas respostas.

Passaremos agora à análise das respostas e dos comentários do segundo grupo de avaliadores, quais sejam, os alunos de uma turma de Linguística I do semestre de 2014.2 da UERJ.

#### 4.2 Alunos de Linguística I

A escolha desse segundo grupo ocorreu devido a questões de falta de estrutura e disponibilidade por parte das escolas na época em que o trabalho estava sendo realizado, não tendo sido possível, portanto, realizar a avaliação em questão com alunos de ensino médio. Escolhemos, então, como segunda opção de avaliadores, estudantes de primeiro período de Letras, uma vez que, além de, em sua maioria, terem concluído há pouco tempo o ensino médio, ainda possuem uma noção básica sobre o assunto, podendo avaliar o *site* de modo mais crítico, ajudando-nos a melhorar este trabalho antes de o mesmo ser disponibilizado ao público em geral.

Os alunos em questão fazem parte de uma turma que cursou a disciplina Linguística I ministrada pelo professor Ricardo Lima, orientador desta dissertação, no segundo semestre de 2014, no Instituto de Letras da UERJ. A turma era composta por alunos de três habilitações diferentes, sendo estas: Português/Francês, Português/Italiano e Português/Japonês, o que foi um fator interessante, pois nos permitiu ampliar a discussão sobre o preconceito linguístico

entre futuros professores de língua estrangeira, uma vez que esse preconceito ocorre em todas as línguas.

O instrumento utilizado para a avaliação dos alunos também foi um questionário, porém, dessa vez, com um total de 15 questões, sendo 13 de múltipla escolha. Destas 13, 10 foram idênticas às apresentadas aos profissionais e três foram inéditas, elaboradas especificamente para o grupo de alunos e incluídas ao final do questionário, logo após a décima afirmação. Houve ainda, novamente, duas questões dissertativas que requisitavam o mesmo que as aplicadas aos profissionais. A escolha por repetir as 10 questões mencionadas como idênticas se deveu pelo fato de não acreditarmos haver necessidade de mudança nessas questões, uma vez que a linguagem estava adequada a ambos os públicos, pois todos se encontravam em ambiente acadêmico. As três questões adicionadas foram elaboradas a partir do ponto de vista de um estudante (APÊNDICE C), e, portanto, fizeram sentido apenas para uso no questionário aplicado aos alunos de Linguística I.

Para convidar os estudantes a participarem da avaliação do *site*, foi primeiramente informado a eles, através de seu professor em um momento de aula, que fariam parte de uma pesquisa de Mestrado, e, para isso, deveriam navegar pelas páginas de um *site* que lhes seria informado posteriormente, e, logo depois, responder a um questionário de 15 perguntas. Como forma de incentivar a participação e dar aos alunos uma recompensa, foram oferecidas duas horas de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACCs)<sup>56</sup>, a serem entregues após responderem à pesquisa. Para isso, foi necessário acrescentar ao questionário um espaço para preenchimento dos nomes dos alunos, tendo sido deixado claro que esses nomes não seriam mencionados na dissertação e serviriam somente como forma de confirmação da resposta para lançamento das horas.

Como meio facilitador de contato com seus alunos, o professor criou um grupo na rede de relacionamentos *Facebook*, através do qual se comunicava constantemente com os estudantes, tanto no que concerne a assuntos acadêmicos quanto a assuntos diversos relativos ao tema da disciplina que cursavam. Para enviar aos alunos o convite de participação para avaliação do *site*, fizemos uso desse mesmo grupo, no qual o professor realizou uma postagem explicando do que tratava o trabalho e indicando as instruções para a realização da avaliação. Não foi cobrada a participação obrigatória na pesquisa, e, por fim, após a divulgação, um total de sete alunos respondeu ao questionário.

---

<sup>56</sup> As AACCs são horas atribuídas a atividades extracurriculares, as quais os alunos precisam cumprir como requisito para a conclusão do curso de bacharelado, em um total de 200 horas.

#### 4.2.1 Resultados do questionário

O segundo grupo de avaliadores, como já dito, foi composto por sete alunos de uma turma de Linguística I do segundo semestre do ano de 2014 da UERJ. Devido ao número de respondentes desse segundo grupo, apresentaremos os resultados das respostas das questões de múltipla escolha em tabelas, especificando a frequência de cada uma das alternativas nas afirmativas. Por se tratar do mesmo questionário, as 10 primeiras afirmativas são idênticas às já previamente apresentadas no subtítulo anterior, não havendo necessidade de explicá-las em detalhes novamente. Portanto, passaremos direto à análise dos resultados.

Na afirmativa de número 1, observamos um resultado em sua maioria positivo, com 5 respostas concordando parcial ou totalmente com a afirmação e apenas duas discordando parcialmente da mesma (tabela 11).

Tabela 11 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "A estrutura do *site* chama a atenção do visitante."

<b>Afirmativa 1: A estrutura do <i>site</i> chama a atenção do visitante.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Concordo totalmente</b>	<b>3</b>
<b>Concordo parcialmente</b>	<b>2</b>
Indiferente	0
<b>Discordo parcialmente</b>	<b>2</b>
Discordo totalmente	0
<b>Total</b>	<b>7</b>

A afirmativa de número 2 teve somente a alternativa de concordar totalmente assinalada por todos os sete participantes, como mostra a tabela 12, confirmando o que já havíamos observado na avaliação dos profissionais: há uma facilidade de se navegar pelas páginas do *site*, o que, conseqüentemente, faz com que as pessoas tenham mais prazer e vontade de continuar acessando o portal.

Tabela 12 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "É fácil navegar pelas páginas do *site*." (continua)

<b>Afirmativa 2: É fácil navegar pelas páginas do <i>site</i>.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Concordo totalmente</b>	<b>7</b>
Concordo parcialmente	0
Indiferente	0

Tabela 12 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "É fácil navegar pelas páginas do *site*." (conclusão)

Discordo parcialmente	0
Discordo totalmente	0
<b>Total</b>	<b>7</b>

Na terceira afirmativa do questionário, a primeira com teor negativo em relação ao *site*, todos os participantes apontaram discordância com a frase, sendo 5 totais e 2 parciais, totalizando 7 respostas nas quais os respondentes demonstraram considerar a organização dos tópicos do *site* agradável e simples para o visitante (tabela 13).

Tabela 13 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "A disposição dos tópicos do *site* está confusa."

<b>Afirmativa 3: A disposição dos tópicos do <i>site</i> está confusa.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
Concordo totalmente	0
Concordo parcialmente	0
Indiferente	0
<b>Discordo parcialmente</b>	<b>2</b>
<b>Discordo totalmente</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>7</b>

A afirmativa 4, como podemos observar na tabela 14, obteve concordância total de todos os respondentes, indicando novamente que a linguagem utilizada no *site* foi corretamente adequada a seu público-alvo.

Tabela 14 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "A linguagem usada no *site* está adequada ao público-alvo."

<b>Afirmativa 4: A linguagem usada no <i>site</i> está adequada ao público-alvo.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Concordo totalmente</b>	<b>7</b>
Concordo parcialmente	0
Indiferente	0
Discordo parcialmente	0
Discordo totalmente	0
<b>Total</b>	<b>7</b>

Novamente, na afirmativa de número 5, temos uma concordância total por parte dos sete participantes (tabela 15), confirmando o que já havíamos observado nos resultados dos profissionais: não há quaisquer dúvidas para o visitante a respeito do objetivo do *site*.



Tabela 15 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "O objetivo do *site* está claro para o visitante."

<b>Afirmativa 5: O objetivo do <i>site</i> está claro para o visitante.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Concordo totalmente</b>	<b>7</b>
Concordo parcialmente	0
Indiferente	0
Discordo parcialmente	0
Discordo totalmente	0
<b>Total</b>	<b>7</b>

No caso da afirmativa 6, que aborda a clareza dos textos incluídos no *site*, confirmamos a possível dúvida existente nos resultados dos profissionais: entre os alunos, todos apresentaram concordância com a afirmação, sendo apenas 1 de concordância parcial (tabela 16). Isso demonstra que o conteúdo foi claro e os conceitos e informações podem ser veiculados de modo eficiente.

Tabela 16 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Os textos do *site* fornecem conceitos e informações de forma clara."

<b>Afirmativa 6: Os textos do <i>site</i> fornecem conceitos e informações de forma clara.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Concordo totalmente</b>	<b>6</b>
<b>Concordo parcialmente</b>	<b>1</b>
Indiferente	0
Discordo parcialmente	0
Discordo totalmente	0
<b>Total</b>	<b>7</b>

A segunda afirmativa com teor negativo em relação ao *site*, a de número 7, teve a maioria dos participantes apontando discordância total e parcial, em um total de 5 respostas. Houve, ainda, 2 respostas indicando concordância parcial, como vemos na tabela 17.

Tabela 17 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Considerando o público-alvo, os textos do *site* são longos e cansativos."

<b>Afirmativa 7: Considerando o público-alvo, os textos do <i>site</i> são longos e cansativos.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
Concordo totalmente	0
<b>Concordo parcialmente</b>	<b>2</b>
Indiferente	0
<b>Discordo parcialmente</b>	<b>1</b>
<b>Discordo totalmente</b>	<b>4</b>
<b>Total</b>	<b>7</b>

No que concerne às referências das informações publicadas no *site*, obtivemos uma maioria de respostas concordando total ou parcialmente com a afirmação positiva sobre a confiabilidade das fontes utilizadas, indicando que as mesmas estão claras para o visitante e passam confiança para que ele as leia e compartilhe. Apenas uma pessoa declarou-se indiferente à afirmação, como vemos na tabela 18.

Tabela 18 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "O *site* apresenta fontes confiáveis sobre as informações veiculadas."

<b>Afirmativa 8: O <i>site</i> apresenta fontes confiáveis sobre as informações veiculadas.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Concordo totalmente</b>	<b>4</b>
<b>Concordo parcialmente</b>	<b>2</b>
<b>Indiferente</b>	<b>1</b>
Discordo parcialmente	0
Discordo totalmente	0
<b>Total</b>	<b>7</b>

A respeito dos materiais encontrados no *site*, obtivemos na afirmativa 9 uma maioria de 5 respostas concordando total ou parcialmente com a frase que os indica como diversificados e lúdicos. Apenas um participante afirmou discordar parcialmente da informação, enquanto outro se declarou indiferente, como vemos na tabela 19.

Tabela 19 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Os materiais do *site* são diversificados e lúdicos."

<b>Afirmativa 9: Os materiais do <i>site</i> são diversificados e lúdicos.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Concordo totalmente</b>	<b>4</b>
<b>Concordo parcialmente</b>	<b>1</b>
<b>Indiferente</b>	<b>1</b>
<b>Discordo parcialmente</b>	<b>1</b>
Discordo totalmente	0
<b>Total</b>	<b>7</b>

As respostas da afirmativa 10, indicadas na tabela 20, demonstram que a maioria dos respondentes considerou haver facilidade para que o visitante entre em contato com os autores do *site*, tendo sido 6 respostas concordando parcial ou totalmente, e somente uma indiferente, sobre a qual não podemos fazer nenhuma aferição.

Tabela 20 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Há facilidade de contato entre os visitantes e os autores do *site*."

<b>Afirmativa 10: Há facilidade de contato entre o visitante e os autores do <i>site</i>.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Concordo totalmente</b>	<b>5</b>
<b>Concordo parcialmente</b>	<b>1</b>
<b>Indiferente</b>	<b>1</b>
Discordo parcialmente	0
Discordo totalmente	0
<b>Total</b>	<b>7</b>

Nas três afirmativas inéditas acrescentadas ao questionário dos alunos da turma de Linguística I, os resultados foram unanimemente favoráveis: nas três questões, todos os respondentes apontaram concordância total com as frases apresentadas. Cada questão tratou de um aspecto da vida estudantil, levando o aluno a responder por sua própria experiência e visão. Na de número 11, o objetivo foi o de verificar até que ponto o *site* foi considerado pelo discente como um trabalho digno de recomendação a outros colegas (tabela 21).

Tabela 21 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Eu recomendaria esse *site* para meus amigos."

<b>Afirmativa 11: Eu recomendaria esse <i>site</i> para meus amigos.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Concordo totalmente</b>	<b>7</b>
Concordo parcialmente	0
Indiferente	0
Discordo parcialmente	0
Discordo totalmente	0
<b>Total</b>	<b>7</b>

Na afirmativa 12, avaliamos o quanto os alunos consideraram o conteúdo do *site* relevante até mesmo para auxílio em seus próprios trabalhos acadêmicos (tabela 22).

Tabela 22 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Eu usaria o conteúdo do *site* como uma das fontes para algum trabalho acadêmico/escolar."

<b>Afirmativa 12: Eu usaria o conteúdo do <i>site</i> como uma das fontes para algum trabalho acadêmico/escolar.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Concordo totalmente</b>	<b>7</b>
Concordo parcialmente	0
Indiferente	0
Discordo parcialmente	0
Discordo totalmente	0
<b>Total</b>	<b>7</b>

Por fim, na última afirmativa aplicada, os respondentes deixaram claro o seu desejo de que outras disciplinas realizassem trabalhos desse tipo, indicando que, portanto, consideraram como úteis o *site* e seus conteúdos (tabela 23).

Tabela 23 - Frequência de respostas dos alunos à afirmação "Eu gostaria que fossem elaborados trabalhos semelhantes a esse em outras disciplinas."

<b>Afirmativa 13: Eu gostaria que fossem elaborados trabalhos semelhantes a esse em outras disciplinas.</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Concordo totalmente</b>	<b>7</b>
Concordo parcialmente	0
Indiferente	0
Discordo parcialmente	0
Discordo totalmente	0
<b>Total</b>	<b>7</b>

Seguiremos agora para a discussão dos resultados relativos às respostas dos alunos de Linguística I, apresentando, ainda, nossas análises e considerações a respeito de seus comentários nas questões dissertativas.

#### 4.2.2 Discussão dos resultados e comentários dos alunos de Linguística I

Os resultados do questionário destinado aos alunos de Linguística I se mostraram positivos em relação a todas as questões. Entretanto, houve aquelas que se destacaram devido às respostas conquistadas, como é caso das afirmativas “É fácil navegar pelas páginas do *site*.”, “A linguagem usada no *site* está adequada ao público-alvo.”, “O objetivo do *site* está claro para o visitante.”, “Eu recomendaria esse *site* para meus amigos.”, “Eu usaria o conteúdo do *site* como uma das fontes para algum trabalho acadêmico/escolar.” e “Eu gostaria que fossem elaborados trabalhos semelhantes a esse em outras disciplinas.”. Todas essas afirmações receberam concordância total por parte dos sete alunos respondentes, indicando a aprovação da estrutura do *site*, da linguagem utilizada, da clareza de seu objetivo e, de um modo geral, da utilidade deste tipo de trabalho.

Houve ainda questões dignas de discussão devido a algumas respostas recebidas, como é o caso da afirmativa “A estrutura do *site* chama a atenção do visitante.”, que recebeu duas respostas de discordância parcial, o que não consideramos como um resultado ruim devido ao

fato de serem poucas respostas contrárias e de, em comparação a outros tópicos de maior importância, como a facilidade de navegação e a linguagem utilizada, esta não ser uma questão que prejudique tanto o sucesso do trabalho.

Na afirmativa “Considerando o público-alvo, os textos do *site* são longos e cansativos.”, dois estudantes apontaram concordância parcial. Acreditamos que as duas respostas de concordância com a frase sejam fruto dos problemas já discutidos anteriormente, nessa mesma afirmativa, a respeito das respostas dos profissionais. Ao buscarmos um trabalho chamativo e eficiente, foi preciso refletir a respeito de questões de conteúdo de modo a decidir por um conteúdo maior, mais cansativo e com mais informações ou por textos menores, mais resumidos e, por consequência, com menos conceitos e nomenclaturas. Com base nas respostas encontradas em ambos os questionários analisados até o momento, admitimos ter conseguido alcançar o equilíbrio necessário para garantir a eficácia do trabalho.

Por fim, tivemos a afirmativa "Os materiais do *site* são diversificados e lúdicos.", em que um dos participantes discordou parcialmente da informação. Temos por hipótese que os motivos que possam ter levado o respondente a discordar parcialmente da afirmação possam ser os mesmos que já apontamos previamente ao analisar os resultados dessa mesma questão por parte dos professores. Embora busquemos diversificar cada vez mais os materiais produzidos, ainda há suportes com os quais não tivemos oportunidade de dialogar e trabalhar, e esse participante pode ter sentido falta de alguns deles.

Além das respostas às questões de múltipla escolha, os alunos de Linguística I, assim como os profissionais, puderam expressar suas opiniões a respeito do *site* em duas questões dissertativas ao final do questionário. Na questão que requeria comentários em relação ao *site* propriamente dito, as sugestões e críticas foram, em sua maioria, voltadas para a estrutura e para o *layout* da página (APÊNDICE D).

Um dos participantes comentou a respeito da estética do *site*, a qual, segundo ele, seria mais atrativa para professores e pessoas interessadas no tema, sugerindo que o uso do *Facebook* seria mais útil para atrair adolescentes e jovens. Além disso, apontou que os textos somente são interessantes para aqueles que desejam saber mais sobre o assunto, pois qualquer outra pessoa desinteressada não os leria, indicando que os vídeos são a melhor parte do portal, pois passam a mensagem de forma resumida.

Embora concordemos que a rede de relacionamentos é, atualmente, o principal local de acesso não somente dos jovens, mas de uma maioria da população, acreditamos que somente o trabalho já existente com a página *Pelo Fim do Preconceito Linguístico* não é suficiente para cumprir com nosso objetivo, qual seja, o de informar e divulgar a respeito do

tema preconceito linguístico. Portanto, o *site* possui um papel diferente daquele desempenhado pela página do *Facebook*, uma vez que esta tem como intenção promover um contato inicial e lúdico para os internautas, enquanto aquele pretende ser uma fonte de mais informações e de compilação de materiais diversos sobre o tema, sendo assim necessário um conteúdo maior e mais detalhado do que o apresentado nas redes sociais.

Ainda em relação ao *layout*, dois outros participantes comentaram a respeito da cor do plano de fundo do *site*. Como mencionamos na descrição das páginas no capítulo 3, todas possuem a cor preta ao fundo, e letras brancas e cinzas para os textos, o que foi elogiado por um dos participantes e criticado por outro. Um terceiro participante sugeriu, para mudanças futuras, maior investimento na aparência do *site*, a qual considerou simples, embora organizada, enquanto um quarto participante elogiou o *design* do *site*, o qual destacou como bem planejado, bonito e dinâmico.

Sobre esses comentários, pode-se perceber que são opiniões divergentes a respeito de um mesmo tópico, sem que haja uma maioria para uma delas, uma vez que, enquanto um participante criticou determinado ponto, outro elogiou o mesmo. Portanto, acreditamos não ser necessário, ao menos diante desses resultados, realizar mudanças no que concerne à aparência do *site*, pois, mesmo que o fizéssemos, continuaríamos agradando a uns e desagradando a outros, o que é natural em qualquer trabalho que envolva questões de gosto pessoal, como cores e aparências.

Houve dois comentários a respeito do termo "diversão", empregado como título de umas das páginas principais do *site*, os quais alertaram para a sua falta de especificidade. Segundo os participantes, o uso dessa palavra para designar a seção onde se encontram vídeos, *links* para tirinhas e imagens e para páginas do *Facebook* não deixa claro o que será encontrado pelo visitante ao clicar no menu em questão. Um deles, inclusive, faz a sugestão da mudança do termo para "galeria", "mídia" ou ainda "audiovisual", embora admita que o nome "diversão" seja mais atrativo para os visitantes.

Apesar de concordarmos que o termo não explicita os conteúdos da página em questão, a escolha ocorreu devido a seu teor atrativo, pois chama a atenção de quem visita o *site*, além de despertar a curiosidade e, assim, fazer com que as pessoas cliquem no menu e visitem a página. Além disso, novamente entramos no quesito opiniões pessoais, uma vez que, para alguns, assistir a um vídeo, ler tirinhas, ver imagens engraçadas e visitar o *Facebook* são tidas como atividades de diversão, enquanto, talvez, para outras pessoas, esse efeito não seja igual. Portanto, decidimos manter o termo, uma vez que, dos dois comentários a esse respeito, um deles concorda que seria o nome mais atrativo para a seção em questão.

Um participante em particular sugeriu, a respeito dos tópicos do *site*, a adição de um novo item na página: uma seção contendo explicações dos fenômenos linguísticos considerados como "erros", para que, assim, alguém que precise justificá-los diante de uma discussão possa ter uma fonte rápida e confiável para citar ao contra-argumentar em uma situação de preconceito linguístico. Consideramos essa sugestão muito inteligente e interessante, porém a mesma necessita de pesquisa, planejamento e reorganização do *site* para ser posta em prática. Como já mencionamos no início do capítulo 3, um *site* deve ser sempre atualizado e modificado de acordo com as necessidades que surgirem e com novos materiais e conteúdos criados. Temos por intenção, portanto, concretizar a sugestão da respondente, muito embora não seja possível relatar, por motivos de tempo hábil, o novo conteúdo a ser criado ainda nesta dissertação.

Por fim, na segunda questão que pedia aos estudantes da turma de Linguística I que opinassem a respeito de trabalhos desse tipo, todos realizaram comentários elogiosos, exaltando, principalmente, a facilidade de acesso aos conteúdos, a amplitude de alcance de público e a possibilidade de interação de quaisquer pessoas no *site*, uma vez que o mesmo é aberto e possui espaços disponíveis para comentários, além do fórum e da página do *Facebook*.

Passaremos, agora, à análise dos resultados encontrados com o questionário de avaliação do terceiro grupo selecionado, qual seja, o do público em geral, formado por anônimos de idades e escolaridades diversificadas.

#### **4.3 Público em geral**

O terceiro e último grupo de avaliadores foi composto de pessoas de diversas idades e escolaridades, não havendo quaisquer exigências no que concerne a esses ou outros fatores para que fizessem parte da avaliação. A existência desse grupo deveu-se ao fato de o *site* ser um trabalho que, como já apontado, tem por objetivo alcançar um público mais amplo e diversificado, não existindo qualquer restrição ou impedimento para que alguém o visite, navegue por suas páginas e conheça o tema. Portanto, acreditamos ser necessária a avaliação de um público geral, de modo a obtermos uma opinião mais concreta no que concerne à eficiência do trabalho com públicos distintos.

Para realizar esta avaliação, foi criado um terceiro questionário, desta vez com algumas modificações em relação aos apresentados aos profissionais e aos alunos de Linguística I. Seguindo o modelo do questionário aplicado ao segundo grupo, o questionário do grupo do público em geral foi composto de 13 questões de múltipla escolha com temas similares (APÊNDICE E), porém, devido à possibilidade de diferentes idades e níveis de escolaridade dentre os participantes, a linguagem utilizada foi adaptada, tornando-se mais simples e objetiva. As possibilidades de resposta se mantiveram as mesmas. Nesse questionário, entretanto, não foram requeridas as questões dissertativas, uma vez que se tratou de um grupo maior, o que tornaria a tarefa da análise qualitativa demasiado exaustiva.

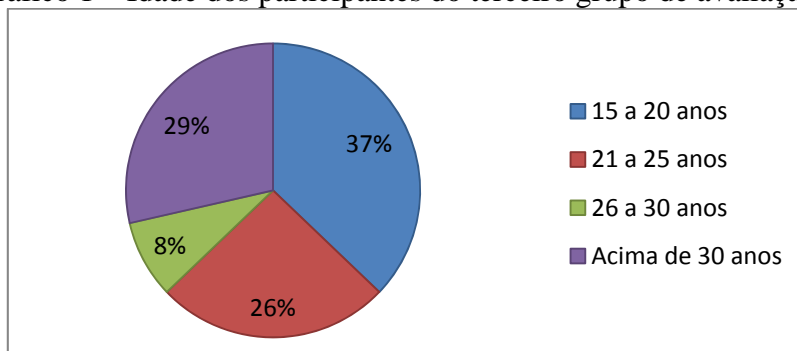
Novamente, foi utilizada a *internet* como meio para aplicação do questionário, tendo sido o mesmo publicado na página *Pelo Fim do Preconceito Linguístico* no *Facebook*, convidando as pessoas que a curtem para respondê-lo. Além disso, houve um trabalho de divulgação através da rede social por parte da autora, de seu orientador, de bolsistas de graduação e de diversas pessoas interessadas em ajudar. Um total de 35 pessoas respondeu a esse questionário.

#### 4.3.1 Resultados do questionário

Como mencionamos, esse terceiro grupo de avaliação foi composto por 35 pessoas, não existindo qualquer requisito além da visita ao *site* para que as mesmas pudessem participar. Os únicos dados solicitados, além das respostas às afirmativas, foram a idade, o sexo e a escolaridade. O gráfico 1, a seguir, apresenta a divisão encontrada entre os participantes no que concerne à idade de cada um.



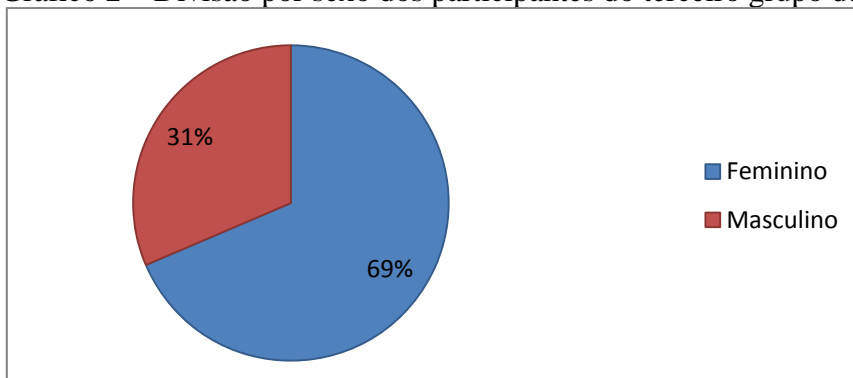
Gráfico 1 – Idade dos participantes do terceiro grupo de avaliação



A maioria dos participantes possuía, como mostra o gráfico, entre 15 e 20 anos de idade, somando 37% do total. As porcentagens relativas aos acima de 30 anos e aos entre 21 e 25 anos foram muito próximas, sendo estas, respectivamente, 29% e 26%. Houve ainda a opção de selecionar uma idade abaixo de 15 anos, porém, nenhum dos respondentes se adequou a essa alternativa.

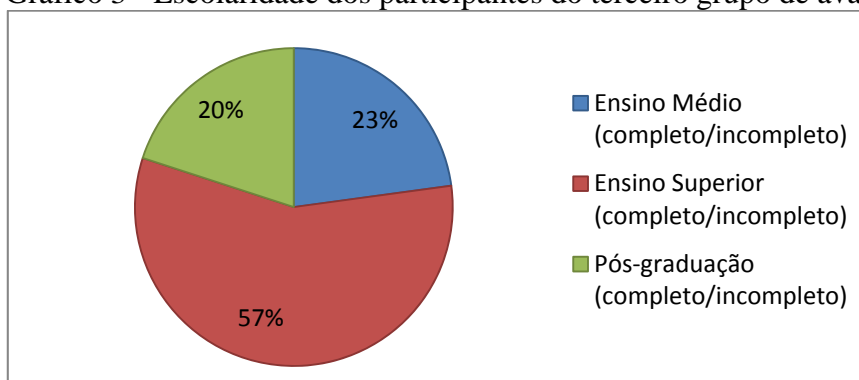
O gráfico 2 nos mostra a divisão dos participantes de acordo com o sexo, tendo sido a maioria – 69% no total – composta por indivíduos do sexo feminino.

Gráfico 2 – Divisão por sexo dos participantes do terceiro grupo de avaliação



Por fim, temos o gráfico 3, com a divisão embasada pela escolaridade dos respondentes, sendo esta última a única que levamos em consideração para efeitos de comentários dos resultados. Os dados referentes ao sexo e à idade foram pedidos apenas como distratores, de modo a não induzir o participante a pensar que a avaliação se tratasse de algo diretamente ligado ao nível de escolaridade declarado.

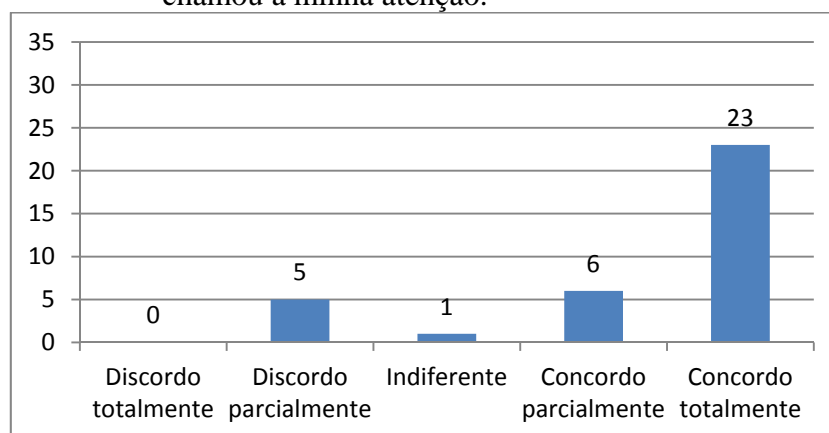
Gráfico 3 - Escolaridade dos participantes do terceiro grupo de avaliação



Pode-se perceber que a maioria dos participantes - 20 no total, ou 57% - possui ensino superior em andamento ou concluído, sendo os números para as opções de ensino médio e pós-graduação completos ou incompletos similares, formando, respectivamente, 23% e 20%. Incluímos, ainda, entre as opções, a escolaridade ensino fundamental completo ou incompleto, porém, não recebemos nenhuma resposta para essas alternativas. Todas as questões foram modificadas em relação aos primeiros questionários, e foi privilegiada, dessa vez, uma visão mais pessoal, sendo algumas afirmativas elaboradas em primeira pessoa, de modo a permitir que o respondente pudesse se sentir mais à vontade e levasse em consideração o que realmente pensa. Embora diferentes na estrutura e nas palavras empregadas, as afirmações utilizadas no questionário do terceiro grupo de avaliadores possuíam o mesmo teor e os mesmos objetivos de verificação. Passaremos diretamente às análises das respostas, não nos detendo em novas explicações a respeito das afirmativas. Como já mencionado, obtivemos 35 respostas ao questionário, as quais serão analisadas através do uso de gráficos específicos para cada uma das questões.

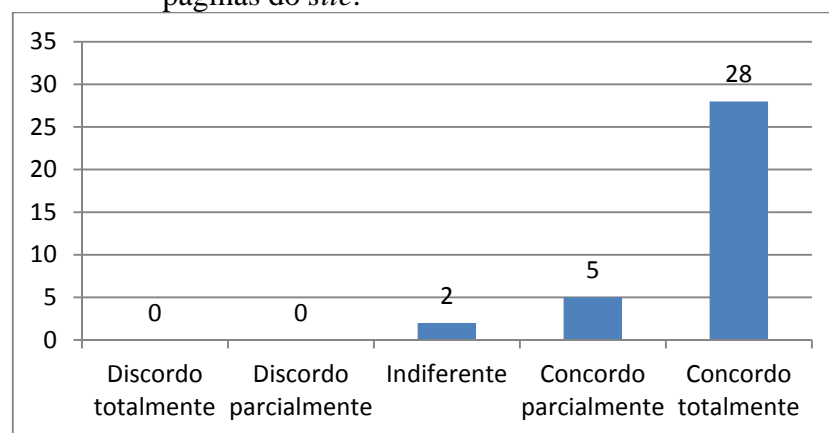
A primeira afirmativa do questionário, assim como nos aplicados aos dois grupos anteriores, foi voltada para a questão estrutural do *site* e sua efetividade ao chamar a atenção do visitante. O gráfico 4 apresenta as respostas obtidas para a afirmativa "A estrutura do *site* chamou a minha atenção", a qual, como se pode perceber, obteve uma maioria de respostas concordando total ou parcialmente com a afirmação, somando 29 respostas positivas que representam 83% do total.

Gráfico 4 - Frequência de respostas para a afirmação "A estrutura do *site* chamou a minha atenção."



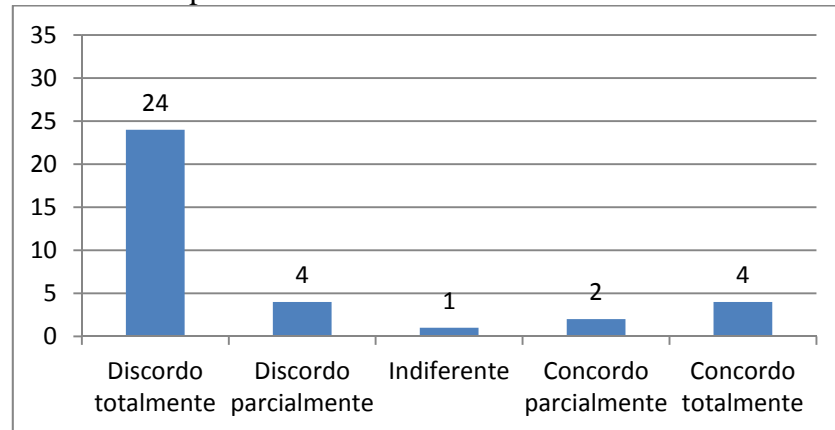
A segunda afirmativa, ainda concernente à estrutura, declarava: "É fácil navegar pelas páginas do *site*." Para esta questão, obtivemos 33 respostas concordando parcial ou totalmente com a frase, somando 94% de respostas positivas. O gráfico 5 nos apresenta a frequência total de respostas.

Gráfico 5 - Frequência de respostas para a afirmação "É fácil navegar pelas páginas do *site*."



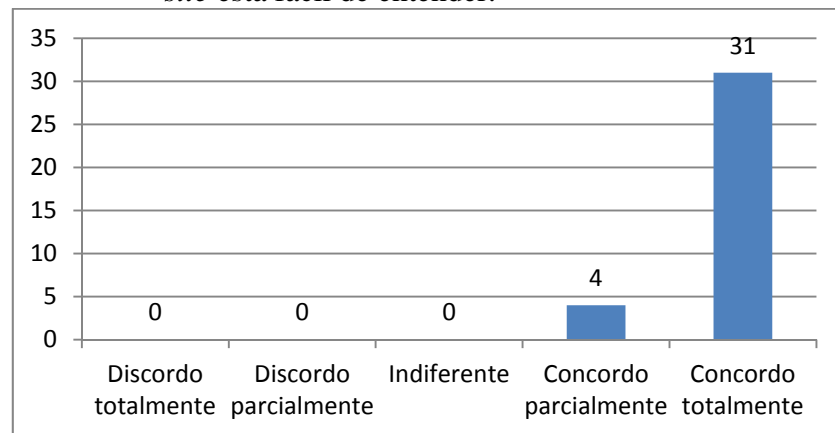
A primeira afirmativa de teor negativo do questionário obteve respostas que apontaram, em sua maioria, discordância total ou parcial com a declaração "A organização dos tópicos do *site* está confusa.": 28 respondentes se declararam discordantes do que foi afirmado, representando 80% do total (gráfico 6).

Gráfico 6 - Frequência de respostas para a afirmação "A organização dos tópicos do *site* está confusa."



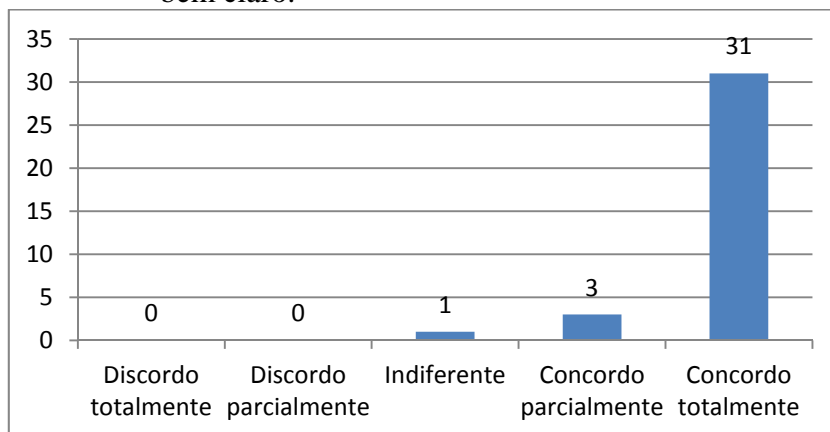
A respeito da questão da linguagem empregada, a qual procuramos tornar o mais acessível possível a todos, tivemos a afirmativa "A linguagem usada no *site* está fácil de entender.", a qual obteve 100% de concordância total ou parcial, como vemos no gráfico 7.

Gráfico 7 - Frequência de respostas para a afirmação "A linguagem usada no *site* está fácil de entender."



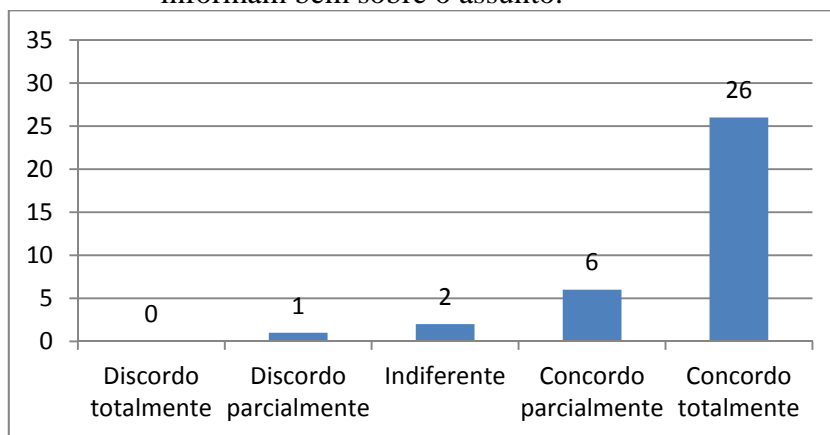
Similarmente, na afirmativa "O objetivo do *site* está bem claro.", obtivemos um total de 97%, tendo sido apenas um participante a não se declarar em concordância total ou parcial com o afirmado, totalizando 34 respostas positivas, como mostra o gráfico 8.

Gráfico 8 - Frequência de respostas para a afirmação "O objetivo do *site* está bem claro."



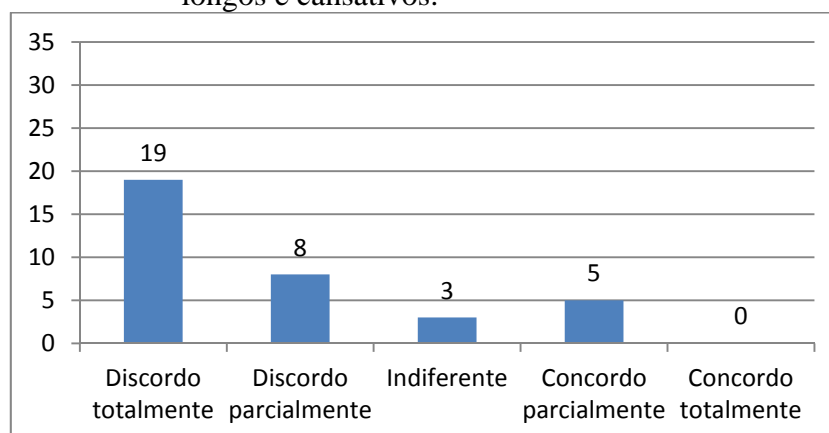
No gráfico 9, vemos os resultados da afirmativa “Os textos do *site* informam bem sobre o assunto”. Novamente obtivemos uma maioria de respostas positivas, sendo um total de 32 concordâncias parciais ou totais, somando 91% do total de participantes.

Gráfico 9 - Frequência de respostas para a afirmação "Os textos do *site* informam bem sobre o assunto."



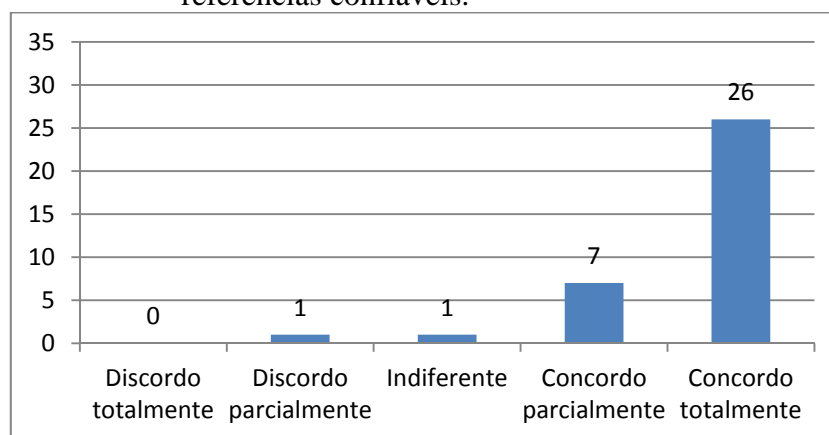
Em relação à afirmação “Os textos do *site* são longos e cansativos”, segunda e última das questões com teor negativo, 27 respondentes discordaram total ou parcialmente, representando 77% do total, como pode ser visto no gráfico 10.

Gráfico 10 - Frequência de respostas para a afirmação "Os textos do *site* são longos e cansativos."



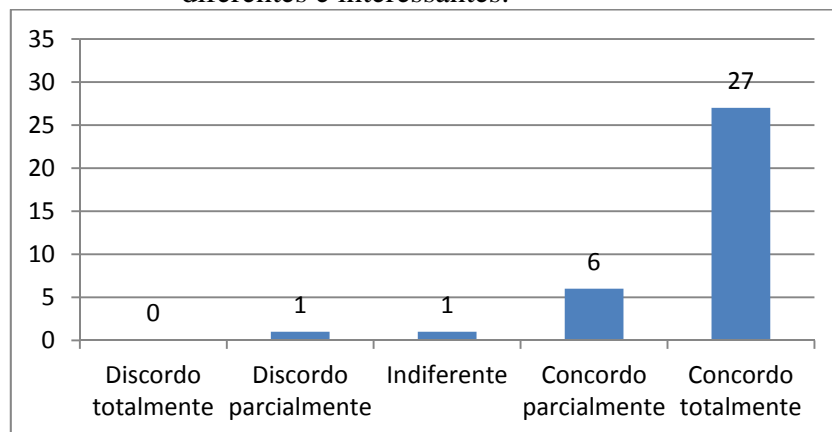
Na afirmativa "O *site* apresenta referências confiáveis", como o gráfico 11 nos mostra, a grande maioria das respostas foi positiva, somando um total de 33 participantes com concordância total ou parcial, ou seja, 94% do total.

Gráfico 11 - Frequência de respostas para a afirmação "O *site* apresenta referências confiáveis."



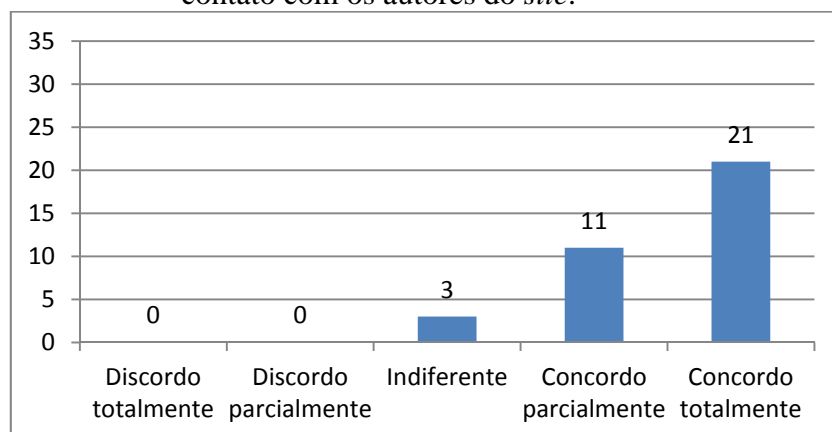
Novamente, na afirmativa "Os materiais do *site* são diferentes e interessantes", obtivemos 94% de respostas positivas, sendo um total de 33 concordâncias parciais ou totais, o que aponta a eficácia dos materiais utilizados para compor o *site* (gráfico 12).

Gráfico 12 - Frequência de respostas para a afirmação "Os materiais do *site* são diferentes e interessantes."



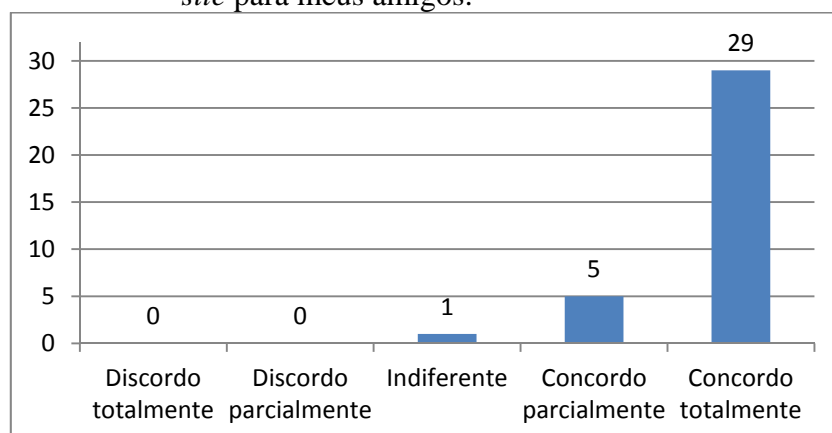
No que concerne à afirmação “É fácil entrar em contato com os autores do *site*”, obtivemos 32 respostas positivas, um total de 91% dos participantes (gráfico 13).

Gráfico 13 - Frequência de respostas para a afirmação "É fácil entrar em contato com os autores do *site*."



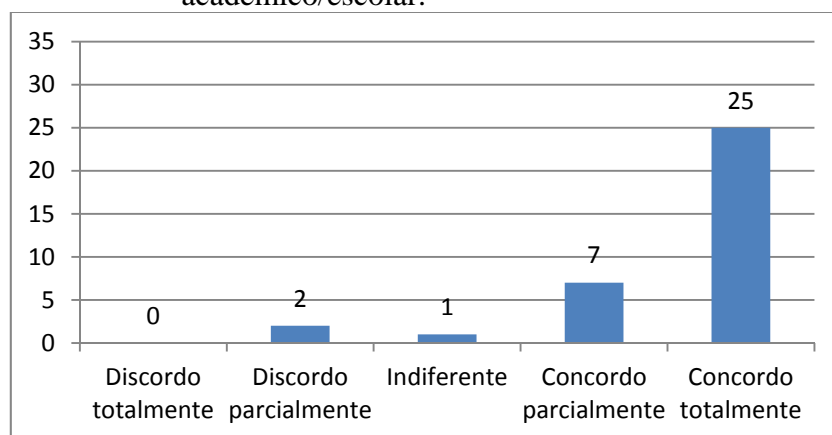
Nas respostas à afirmativa “Eu recomendaria esse *site* para meus amigos.”, apresentadas no gráfico 14, o total de respostas positivas com concordância parcial ou total foi de 34, o que representa 97% dos respondentes.

Gráfico 14 - Frequência de respostas para a afirmação "Eu recomendaria esse *site* para meus amigos."



Na afirmativa “Eu usaria o conteúdo do *site* como uma das fontes para algum trabalho acadêmico/escolar.”, a maior parte dos respondentes alegou concordância total ou parcial, sendo 32 os que optaram por estas opções, representando 91%, como vemos no gráfico 15.

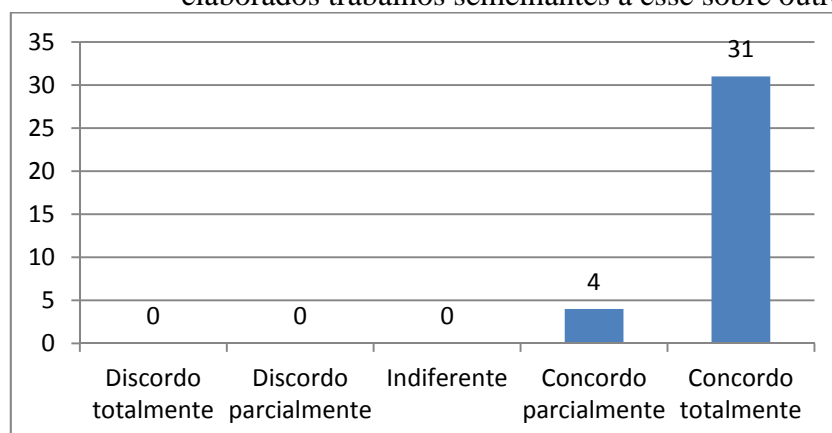
Gráfico 15 - Frequência de respostas para a afirmação "Eu usaria o conteúdo do *site* como uma das fontes para algum trabalho acadêmico/escolar."



Por fim, na afirmativa “Eu gostaria que fossem elaborados trabalhos semelhantes a esse sobre outros assuntos”, última apresentada no questionário ao público em geral, obtivemos pela segunda vez 100% de concordância parcial ou total (gráfico 16). Todos os participantes, portanto, concordam que esse tipo de trabalho é uma ideia que deveria ser seguida e ampliada para outros assuntos.

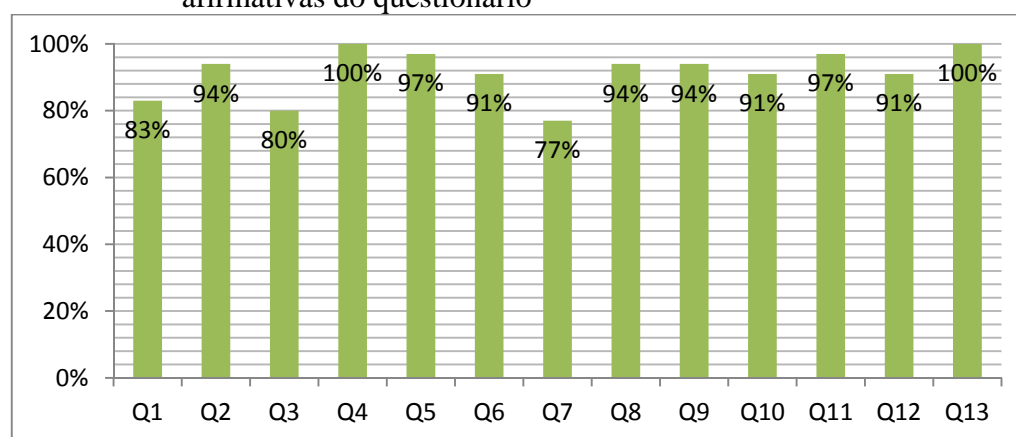


Gráfico 16 - Frequência de respostas para a afirmação "Eu gostaria que fossem elaborados trabalhos semelhantes a esse sobre outros assuntos."



Os resultados finais apontam, portanto, que o trabalho realizado foi eficaz em seu objetivo de ser uma maneira diferente e acessível de se tratar a respeito do tema preconceito linguístico, tendo sido aprovado pela maioria dos participantes do terceiro grupo de avaliadores. O gráfico 17, a seguir, aponta esses resultados, demonstrando a porcentagem de respostas positivas<sup>57</sup> a cada uma das questões respondidas pelos participantes.

Gráfico 17 - Porcentagens de aprovação do público em geral a cada uma das afirmativas do questionário



O gráfico nos mostra que todas as questões obtiveram bons resultados, sendo a menor porcentagem de aprovação dentre elas de 77%. Passaremos agora a tecer as considerações finais a respeito desses resultados, dando atenção especial às questões que obtiveram um menor número de respostas positivas.

<sup>57</sup> As respostas positivas foram calculadas somando as ocorrências de concordância total ou parcial nas questões de teor positivo e de discordância total ou parcial nas de teor negativo.

#### 4.3.2 Discussão dos resultados

As questões que apresentaram melhores resultados foram as das afirmativas “A linguagem usada no *site* está fácil de entender.” e “Eu gostaria que fossem elaborados trabalhos semelhantes a esse sobre outros assuntos”, que obtiveram 100% de concordância total e parcial. Em todas as outras afirmativas, ainda que com algumas discrepâncias, os resultados também foram positivos e favoráveis, tendo somente três delas apresentado detalhes que consideramos dignos de discussão.

A primeira delas, “A estrutura do *site* chamou a minha atenção.”, obteve cinco respostas de discordância parcial, o que nos remete aos resultados dos alunos de Linguística I, em que, dos sete alunos, dois declararam discordarem parcialmente da frase. Muito embora esse número seja pequeno se comparado ao total – somando os dois grupos, temos apenas sete respostas de discordância parcial dentre 42 respostas – este resultado nos incita a nos mantermos atentos à recepção do *site* por parte do público, pois, caso mais pessoas apresentem qualquer tipo de dificuldade ou reclamação em relação à estrutura da página, pode ser necessário um planejamento e uma mudança de *layout*.

Na afirmativa “A organização dos tópicos do *site* está confusa.”, segunda sobre a qual teceremos comentários, pudemos observar que houve seis respondentes que concordaram parcial ou totalmente com a afirmação, sendo esta a única ocorrência dentre todos os grupos e questionários em que obtivemos respostas totalmente contrárias ao que era esperado. Acreditamos que isso se deve à quantidade de tópicos na página inicial do *site*, pois tivemos como objetivo colocar à fácil disposição do visitante todos os conteúdos aos quais ele poderia ter acesso diretamente na primeira página, o que fez com que a mesma contivesse muitos tópicos. Novamente, isso nos incentiva a nos mantermos atentos a possibilidades de mudança no que concerne à organização e à quantidade de tópicos apresentados na página inicial do *site*.

A última afirmativa que discutiremos é a “Os textos do *site* são longos e cansativos.”, que foi a que obteve o menor número de aprovação dentre as questões. Neste caso, apenas cinco participantes concordaram parcialmente com essa afirmativa, o que demonstrou que, embora com as discussões já mencionadas anteriormente a respeito da extensão dos textos, os mesmos foram bem recebidos pelo público em sua maioria. Entretanto, por três dos participantes terem se declarado indiferentes ao afirmado, o número de concordâncias foi menor em comparação às outras frases do questionário, formando 77%. Percebemos, portanto,

que, embora uma grande maioria tenha aprovado os textos, essa mesma afirmativa apresentou respostas variáveis desde o primeiro grupo avaliador, o que, assim como nas outras duas questões analisadas anteriormente, nos faz dar uma atenção maior para a recepção do público em relação aos textos e suas dimensões.

Passaremos, agora, às considerações finais de nosso trabalho, apresentando nossas principais conclusões após as avaliações, discutindo seus resultados e expondo nossas expectativas futuras e apontamentos em relação a trabalhos deste tipo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve por objetivo relatar a criação de um *site* com o intuito principal de realizar uma propagação do conhecimento sociolinguístico e de uma mensagem contra o preconceito linguístico de modo amplo e satisfatório, através da compilação de textos e materiais diversos.

No capítulo 1, apresentamos uma breve justificativa das motivações que nos levaram a realizar o projeto relatado, apontando a necessidade de trabalhos deste tipo nos cursos de pós-graduação, buscando o cumprimento do **princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão**, o qual determina que os três domínios referidos devem ser contemplados igualmente pelos trabalhos realizados nas universidades do Brasil.

Ainda no primeiro capítulo, levantamos a questão do que deve ser considerado como trabalho de conclusão de um curso de mestrado, utilizando como exemplo o mestrado profissional, que permite a criação de materiais diferentes de uma dissertação tradicional, e alguns trabalhos de mestrado acadêmico na área de literatura que foram apresentados em forma de romances e publicados como tais posteriormente.

Por fim, voltamos ao princípio da linguística como ciência, retomando os escritos de Saussure 1977[1916] e apontando o que o autor indica como o verdadeiro propósito dessa área de estudos, qual seja, o de **dissipar equívocos e ideias errôneas a respeito da língua**, que é o que buscamos conseguir com nosso trabalho.

No capítulo 2, realizamos uma breve revisão da literatura que nos serviu de base e motivação para criação de nosso *site*. Iniciamos com uma discussão a respeito do papel do linguista diante da sociedade, o qual, segundo os autores consultados, deve ser pró-ativo, buscando sempre ser um **agente de mudança social** (CHARITY, 2008) e retornar à comunidade de fala os resultados de seus trabalhos, pondo em prática o **princípio da gratuidade linguística** (WOLFRAM, 1998).

Continuamos o capítulo com Bagno (1997) e Scherre (2005), que realizam trabalhos dedicados à **divulgação da sociolinguística** para uma grande parte da população através de livros diversos, sendo citadas apenas duas das suas mais conhecidas obras, demonstrando que esse tipo de trabalho é algo necessário e já comum na área, muito embora limitado a livros e textos acadêmicos.

O capítulo seguiu com a apresentação de trabalhos que visaram à criação de materiais que pudessem auxiliar no ensino, mais especificamente **materiais audiovisuais**. Os trabalhos

de Machado (2007), Pereira (2007), Sartori (2012) e Squires & Queen (2011) nos mostram que é possível e eficiente a utilização de vídeos em sala de aula e como instrumentos de circulação de saberes, sendo uma forma diferente e interativa de conseguir a atenção das pessoas e despertar seu interesse em determinados assuntos.

Finalizando o segundo capítulo desta dissertação, temos os trabalhos de Ribeiro (2006), Chagas (2012) e Pauleto (2013), os quais se dedicaram à **criação de sites para divulgação de conhecimentos** a respeito de suas áreas de estudos para uma população não-acadêmica e carente dessas informações. Seus trabalhos mostram que esse tipo de iniciativa propicia uma maneira mais rápida, fácil e acessível de realizar a divulgação de uma ciência, seja qual for, tornando a relação cientista/pesquisador-sociedade mais dialógica e próxima.

No terceiro capítulo, apresentamos a proposta de Baronas (2010), autor que sugeriu a criação de um *site* de divulgação de trabalhos e pesquisas da linguística, indicando que este deveria ser de responsabilidade dos principais grupos de estudos brasileiros da área - GEL, ANPOLL e ABRALIN - e, ainda, acessível também a pessoas de outros países através de sua disponibilização em três línguas além do português. A ideia de Baronas nos serviu de inspiração para a construção de um *site* voltado para a divulgação de conhecimentos sociolinguísticos e para o combate ao preconceito linguístico através de materiais lúdicos diversos.

Continuamos o capítulo com um breve relato de como ocorreu a criação, a organização e a inclusão de conteúdos no *site Pelo Fim do Preconceito Linguístico*, seguindo posteriormente com uma descrição detalhada das páginas principais e complementares contidas no mesmo e do trabalho complementar realizado na página homônima no *Facebook*. O capítulo seguiu, ainda, com discussões a respeito da interação pesquisador-sociedade e do uso de uma linguagem adequada tanto ao público-alvo, qual seja, professores e alunos de ensino médio, quanto a outras pessoas do meio não-acadêmico.

Por fim, no quarto e último capítulo, abordamos as avaliações realizadas ao *site* por três grupos distintos de avaliadores, os quais puderam opinar a respeito de questões estruturais e de conteúdo da página virtual. O primeiro grupo foi formado por profissionais do magistério, em um total de quatro respondentes, enquanto o segundo foi composto por sete alunos de uma turma de Linguística I da UERJ. O terceiro grupo, por fim, teve por participantes 35 pessoas de um público geral, sem quaisquer requisitos para participação. Os três questionários foram similares e objetivavam verificar determinados tópicos considerados importantes para a eficiência do *site*. Para tal, utilizamos a escala Likert, na qual o

respondente tem a opção de concordar ou discordar em diferentes graus das informações afirmadas.

Nossos resultados demonstraram que o projeto em questão foi bem sucedido, pois cumpriu com seu objetivo de promover uma divulgação acessível sobre o tema preconceito linguístico e sobre conceitos e propostas da sociolinguística. Os três grupos, em sua maioria, aprovaram o *site* em todos os aspectos, tendo sido o mesmo, inclusive, muito elogiado pelos avaliadores dos dois primeiros grupos através dos comentários em questões dissertativas do questionário. No terceiro grupo, as opiniões positivas não foram menores do que 77% em nenhuma das questões, demonstrando que não somente professores e alunos de Letras podem fazer uso do *site* e de seus materiais, alcançando, assim, nosso ideal de promover um trabalho voltado para todas as pessoas, e não somente para grupos seletos.

O intuito de nosso trabalho foi demonstrar que é possível realizar uma divulgação para a população em geral de um tema restrito aos ambientes acadêmicos. Muito embora saibamos que esse tipo de trabalho não é tão valorizado quanto os que envolvem pesquisas e teorias, acreditamos ser de extrema necessidade que haja cada vez mais pesquisadores dedicados a realizar projetos que envolvam algum tipo de intervenção na sociedade.

Nossa própria experiência demonstrou a falta de importância que trabalhos envolvendo extensão possuem diante da academia. Para realizar a avaliação de nosso *site* no primeiro grupo de avaliadores, convidamos inicialmente uma professora doutora em linguística, tendo como objetivo obter uma visão especialista de quem trabalha com a área de nosso estudo. Entretanto, não obtivemos a colaboração da mesma, e passamos a chamar outros profissionais de mesmo nível acadêmico e área de estudos, em um total de outros quatro professores. Apenas uma nos respondeu, porém, não participou da avaliação. Em todos os convites, foi explicitado que a ajuda seria para um trabalho em nível de mestrado, que necessitava dessas respostas para sua conclusão e que possuía prazo específico para sua finalização. Cerca de dois meses se passaram sem resposta dos professores convidados, e foi necessário pedir a ajuda de uma professora mestre em linguística para suprir a carência deste profissional na avaliação. A dúvida que paira sobre nós é a seguinte: se estivéssemos realizando uma pesquisa do tipo tradicional, esses profissionais agiriam da mesma forma?

Essa falta de resposta para com nossa avaliação se deve, acreditamos, ao fato de este trabalho ser diferenciado, e, talvez, considerado inferior a trabalhos comumente vistos em cursos de mestrado. Apesar de termos, atualmente, uma população – seja acadêmica ou não – acostumada a fazer uso das redes sociais, de *sites* e da tecnologia de um modo geral, há ainda uma barreira que impede que essas mesmas pessoas aceitem esses elementos inseridos no

ambiente acadêmico ou escolar, mesmo quando utilizados para o benefício da academia e da sociedade.

Ainda assim, obtivemos bons resultados com nosso trabalho, exemplificados não somente com os questionários já apresentados no capítulo 4, mas também com comentários que recebemos através das redes sociais nas quais o material foi divulgado. Embora seja ainda um primeiro passo – o *site*, como mencionado em capítulos anteriores, estará sempre em atualização e buscando se adequar aos interesses do público – acreditamos que o objetivo de proporcionar uma divulgação do tema preconceito linguístico de modo amplo e acessível foi cumprido, devendo apenas ser melhorado com o tempo, utilizando nossas próprias experiências e os retornos que foram e serão apresentados pelos visitantes.

Em relação aos resultados do público em geral, pudemos perceber que a maioria do grupo avaliador foi composta por indivíduos com ensino superior incompleto ou completo, o que nos instiga a, posteriormente, realizar novas avaliações com alunos de Ensino Médio, de modo a verificar a eficácia dos materiais diante de um público mais jovem e que possui objetivos e visões diferenciadas em relação aos estudantes universitários.

Nossos próximos passos, portanto, incluem continuar com este trabalho, criando novos materiais e buscando, sempre, apresentar conteúdos informativos e criativos ao público, de modo a promover o que Charity (2008) chama de mudança social. Com esta dissertação, pretendemos ainda ser base para a criação de novos trabalhos deste tipo, incentivando a união entre ensino, pesquisa e extensão e servindo de motivação para que novos pesquisadores busquem esse caminho.

Uma pretensão ainda maior é a possibilidade de engajar os grupos de estudos linguísticos brasileiros em projetos similares a este, na intenção de seguir o princípio da gratuidade linguística proposto por Wolfram (1998), ao retornar os saberes linguísticos para uma população que, direta ou indiretamente, serve de inspiração para as pesquisas e trabalhos realizados. Acreditamos ser essencial este retorno, uma vez que todo e qualquer conhecimento linguístico deve ser de interesse da população falante da língua, que, mesmo sem ter consciência, possui tanto conhecimento de seu uso como qualquer estudioso. Por ser parte inerente à vida de todos, há muitos mitos, ideias erradas e concepções mal feitas sobre a linguagem, em relação aos quais os linguistas não podem ficar indiferentes. Como o próprio Saussure – considerado por muitos o “pai” da linguística moderna – indicou,

**[...] não há domínio onde tenha germinado idéias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções.** Do ponto de vista psicológico, êsses erros não são desprezíveis; **a tarefa do lingüista, porém, é, antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível.** (SAUSSURE, 1977[1916], p. 14, grifos nossos)

Repetimos o uso de um trecho da citação já mencionada no capítulo 1 desta dissertação devido à riqueza de seu conteúdo. Desde o que se pode chamar a “invenção da linguística moderna”, Saussure indicava qual deveria ser a tarefa do linguista, antes de qualquer outra: dissipar e denunciar erros e ideias mal formuladas a respeito da linguagem. Nosso intuito foi, portanto, seguir o que nos é indicado como o caminho da linguística desde então, mesmo que este tenha sido negligenciado por muitos durante anos.

Embora o trabalho do pesquisador formal e dos estudiosos que propõem teorias enriqueça nossas ideias e produza novos conhecimentos e descobertas, seus resultados devem ser levados, também, para os âmbitos do ensino e da extensão, como propõe o princípio de indissociabilidade entre EPE. Afinal, o ato de dissipar e denunciar ideias absurdas ou preconceitos só ocorre quando levamos esses conhecimentos e descobertas àqueles que não os possuem, ou ainda, àqueles que não concordam com eles, devido às mesmas ideias absurdas e preconceitos que existem e são propagados há séculos.

Portanto, acreditamos ser nosso trabalho de grande valia para uma mudança no panorama acadêmico e social, uma vez que busca realizar o que Saussure delimita como o objetivo principal do linguista, levando saberes à sociedade que podem modificar suas maneiras de pensar a respeito da língua, e, por consequência, modificar também sua maneira de lidar com as diferenças sociais que encontramos em nosso país. Como disse Tarallo (1985) ao fim do primeiro capítulo de sua obra: Vamos à luta!?



## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, T. S. Divulgando a gente se entende: uma cartilha digital contra o preconceito linguístico. In: CARVALHO, G. ROCHA, D. VASCONCELLOS, Z. (Org.). *Linguagem: teoria, análise e aplicações* (7). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras, 2013.
- ANTUNES, T. S. Linguística, Mídia e Internet: Pesquisando suas relações. In: SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 19., 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2010.
- ANTUNES, T. S.; LIMA, R. J. Mais do Menas: onde a exposição jamais esteve! In: BERNARDO, S., AUGUSTO, M. R., VASCONCELLOS, Z. (Org.). *Linguagem: teoria, análise e aplicações* (6). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras, 2011.
- ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UERJ. *Manifesto em Defesa do Ensino, da Pesquisa e da Extensão na UERJ*. 2014. Disponível em: <<http://www.asduerj.org.br/images/Documentos/black/manifesto0810.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2015.
- BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2010 [1997].
- BAGNO, M. *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009 [1999].
- BAGNO, M., RANGEL, E. Tarefas da educação linguística no Brasil. *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte. v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005.
- BARONAS, R. Da necessidade premente de se cometer uma política de divulgação científica qualificada dos trabalhos da linguística do Brasil. *Revista da Anpoll*, Florianópolis. v. 29, n. 1, p. 235-258, 2010.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BOLINGER, D. The socially-minded linguist. *The Modern Language Journal* v. 63. 404–407, 1979 apud CHARITY, A. H. Linguists as agents for social change. *Language and linguistics compass*, v. 2, n. 5, p. 923-939, 2008.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988. 140 p.

BRASIL. Ministério da Educação. *Edital do Programa de Extensão Universitária*. 2015. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=490id=12243option=com\\_contentview=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=490id=12243option=com_contentview=article). Acesso em 25 de fevereiro de 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Portaria Normativa nº 17, de 28 de dezembro de 2009. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, n. 248. Seção I, p. 20.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. *Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão*. Brasília, MEC/SESu, 2006.

CATELLAN, J. *O gênero discursivo religioso católico: uma materialização discursiva previsível*. 1996. 230 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. *Sociolinguística*. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) *Manual de Linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

CHAGAS, S. S. M. *O uso da comunicação como instrumento interativo no tratamento da criança com câncer: desenvolvimento de um site de orientação para cuidadores da criança com câncer*. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2012.

CHARITY, A. H. Linguists as agents for social change. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, n. 5, p. 923-939, 2008.

CHOMSKY, N. Language, politics, and composition as interviewed by Olson, G.A. and Faigley, L. *Journal of Advanced Composition*, v. 11, n. 1, 1991. Disponível em: <[www.chomsky.info/interviews/1991----.htm](http://www.chomsky.info/interviews/1991----.htm)>, 1991 apud CHARITY, A. H. Linguists as Agents for Social Change. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, n. 5, p. 923-939, 2008.

\_\_\_\_\_. *On language: Chomsky's classic works language and responsibility and reflections on language in one volume*. New York, NY: New Press, 1998 apud CHARITY, A. H. Linguists as Agents for Social Change. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, n. 5, p. 923-939, 2008.

CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (BRASIL). Anexo da Resolução no 043/2012, de 15 de maio de 2012. *Regimento do Profletras*. Disponível em: <<http://profletras.paginas.ufsc.br/files/2013/08/Regimento-Geral-PROFLETRAS-UFRN.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

COSTA, A. L. F. da. *Rakushisha, a cabana dos caquis caídos: releitura de um diário de Matsuo Basho*. 174 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

COSTA, A. L. F. da. *Um beijo de colombina: diálogo com a poesia de Manuel Bandeira*. 2002. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 [2008].

JORNAL O GLOBO. *Brasileiro lê, em média, quatro livros por ano, revela pesquisa*. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasileiro-le-em-media-quatro-livros-por-ano-revela-pesquisa-4436899>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

KRAUSE, G. B. G. *A ficção da tese*. 2009. Disponível em: <<http://pousio.blogspot.com.br/2009/01/ficcao-da-tese-gustavo-bernardo.html>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

LABOV, W. Objectivity and commitment in linguistic science: the case of the black English trial in Ann Arbor. *Language and Society*, v. 11, p. 165–202, 1982 apud CHARITY, A. H. Linguists as Agents for Social Change. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, n. 5, p. 923-939, 2008.

LABOV, W. *Unendangered dialects, endangered people*. 2006. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/UDEP.html>> apud CHARITY, A. H. Linguists as Agents for Social Change. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, n. 5, p. 923-939, 2008.

LEVY, T. S. *A chave de casa: experimentos com a herança familiar e literária*. 2007. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MACHADO, P. E. F. *Diálogos com paradox: o percurso de um vídeo didático, de sua concepção à sua experiência por professores de inglês*. 2007. 207 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PAULETO, A. R. C. *Teleodontologia: elaboração, desenvolvimento e avaliação do website “Portal dos Bebês – Odontologia” como instrumento de informação para pais e/ou cuidadores*. 2013. 142 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PEREIRA, M. V. *Do desenvolvimento à aplicação de um vídeo didático de física térmica para o ensino médio*. 2007. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2007.

PODER ONLINE. *Livro usado pelo MEC ensina aluno a falar errado*. 2011. Disponível em: <<http://poderonline.ig.com.br/index.php/2011/05/12/livro-usado-pelo-mec-ensina-aluno-a-falar-errado/>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

- RIBEIRO, A. C. C. *Elaboração e análise do uso de um website de apoio à disciplina de laboratório de química analítica quantitativa*. 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Química de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- RICKFORD, J. Unequal partnership: sociolinguistics and the African American speech community. *Language in Society* v. 26, p.161-197, 1997. apud CHARITY, A. H. Linguists as Agents for Social Change. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, n. 5, p. 923-939, 2008.
- ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Coletivos de trabalho, espaços de discussão e avaliação docente em programas de pós-graduação *stricto sensu*. *Eutomia*, Recife. v. 8. p. 179-202, 2011.
- SARTORI, A. F. *Produção docente de vídeos digitais para o ensino de física: desafios e potencialidades*. 2012. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Instituto de Física, Instituto de Química, Instituto de Biociências e Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977 [1916].
- SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.
- SQUIRES, L.; QUEEN, R. Media clips collection: creation and application for the linguistics classroom. *American Speech*, v. 86, n. 2, p. 220-234. Summer, 2011.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.
- UNESCO. *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*. Barcelona, jun. 1996. Disponível em:  
<[http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a\\_pdf/dec\\_universal\\_direitos\\_linguisticos.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf)>. Acesso em 25 fev. 2015.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Declaração de atividades docentes 2014.2*. 2015(?). Disponível em: <<http://www.uerj.br/institucional/dad.php>>. Acesso em: 25 fev. 2015.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1975].
- WOLFRAM, W. Ethical considerations in language awareness programs. *Issues in Applied Linguistics* v. 4, p. 225-255, 1993. apud CHARITY, A. H. Linguists as Agents for Social Change. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, n. 5, p. 923-939, 2008.
- \_\_\_\_\_. Scrutinizing linguistic gratuity: issues from the field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 2, n. 2, p. 271-279, 1998.

## APÊNDICE A - Questionário aplicado aos profissionais

### Avaliação do Site "Pelo Fim do Preconceito Linguístico"

Site com objetivo de reunir materiais e informações a respeito do tema "Preconceito Linguístico", direcionado principalmente a um público-alvo de professores e alunos de ensino médio.

\* Required

**A estrutura do site chama a atenção do visitante. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**É fácil navegar pelas páginas do site. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**A disposição dos tópicos do site está confusa. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**A linguagem usada no site está adequada ao público-alvo. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**O objetivo do site está claro para o visitante. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Os textos do site fornecem conceitos e informações de forma clara. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Considerando o público-alvo, os textos do site são longos e cansativos. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**O site apresenta fontes confiáveis sobre as informações veiculadas. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Os materiais do site são diversificados e lúdicos. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Há facilidade de contato entre o visitante e os autores do site. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Comentários gerais sobre o site: \*****Comentários sobre este tipo de trabalho (criação de materiais em site para divulgação científica):**

*Never submit passwords through Google Forms.*

## APÊNDICE B - Comentários dos profissionais

**Professor 1:** "No texto \*Todos esses vídeos foram feitos por alunos de Linguística do Professor Ricardo Lima, da UERJ. Pode ser que alguns conteúdos não estejam muito claros, mas devemos levar em conta que são vídeos curtos e que têm o objetivo apenas de chamar a atenção para o assunto. Para ver ainda mais vídeos, acesse: [youtube.com/ricardolinguernj](https://youtube.com/ricardolinguernj). Sugiro retirar "pode ser..." em diante"

"Muito oportuno e relevante o trabalho."

**Professor 2:** "O site me pareceu claro e direto, apresentando seus objetivos e os conceitos mais relevantes. Como professor da área e pessoa ligada às teorias sobre preconceito linguístico, acredito que faltou um aprofundamento nos conceitos teóricos (a noção de erro, p. ex., é complexa, tendo um ponto de vista linguístico e um ponto de vista social, o que não foi distinguido pela autora, nem na seção informação, nem quando trata do noção de "adequação"). Fora isso, o restante me pareceu adequado ao público a que se destina. Alguns comentários pontuais: (1) os ícones, no canto superior direito, do Google +, AIM e Dribble não funcionam; (2) na seção "Polêmica do Livro Didático", há dois links que não foram inseridos na página, estando apenas a orientação para o programador, no parágrafo que começa "Acontece que o livro..."; (3) Na seção "Informação", existem dois probleminas de revisão: "vai levar alguma (algum) tempo" e "e não porque tem (têm) algo"; (4) O mesmo na seção "Polêmica do Livro Didático": "está correto e não tem (têm)"; (5) Senti falta de uma referência importante: o livro de Rosa Virgínia Matos e Silva, "Contradições do Ensino de Português", considerado uma contribuição muito relevante para as discussões nessa área; outros autores importantes são Carlos Franchi (para a noção de gramática: "O que é mesmo 'gramática?"); Sírio Possenti ("Por que (não) ensinar gramática na escola"), Maurizio Gnerre, "Linguagem e Poder", dentre outros. Talvez tenha sido opção da autora não incluí-los."

"O trabalho de divulgação científica é algo importante e o uso de material online o é ainda mais, porque amplia os horizontes de alcance do material. Quanto ao tema da autora, o trabalho se torna um pouco mais complexo, pois não se trata apenas de "divulgação científica" strictu senso, uma vez que a questão do preconceito linguístico perpassa por aspectos sociais mais amplos (valoração de normas, de classes sociais, de moradia), que se refletem na

valoração linguística em menor ou maior escala. O trabalho, então, tem ainda um pé naquilo que poderíamos chamar de "ativismo social", a busca por mudar algum aspecto da sociedade que fere os direitos básicos das pessoas nas sociedades democráticas (o princípio da isonomia). Por esse motivo, se torna ainda mais relevante."

**Professor 3:** "O site apresenta um conteúdo claro, acessível e de fácil assimilação, defendendo um tema que é de interesse geral para todos: o preconceito no uso da língua e suas transformações no dia a dia."

"Muito importante este tipo de trabalho porque aproxima o saber acadêmico ao cotidiano das pessoas, facilitando o entendimento"

**Professor 4:** "Excelente ideia. Falta conhecimento e aceitação em relação ao tema, por parte dos professores. Medidas como essa contribuem para uma mudança no atual quadro."

"Importante para não apenas para a educação e para o povo, mas para [sic] a ciência. Isso sim é fazer ciência!"



## APÊNDICE C - Questões acrescentadas ao questionário aplicado aos alunos de Linguística I

**Eu recomendaria esse site para meus amigos. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Eu usaria o conteúdo do site como uma das fontes para algum trabalho acadêmico/escolar. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Eu gostaria que fossem elaborados trabalhos semelhantes a esse em outras disciplinas. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

## APÊNDICE D - Comentários dos alunos de Linguística I

**Participante 1:** "Achei o site bonito, mas a estética dele me parece mais atrativa para professores e pessoas que realmente são interessadas na língua. Creio que para conscientizar os jovens é mais viável utilizar o facebook, pois são preguiçosos em grande maioria. Talvez uma estética mais colorida ou mais humorística até poderia atrair a atenção ao site. Quanto à organização, eu fiquei um pouco confusa no início, pois tem tópicos em cima e embaixo tem mais informações, então eu achei que o site só tinha conteúdo na parte de cima. hahaha. Não foi um problema para mim, pelo menos. Sobre os textos, tem esse porém também... eu estou interessada em sociolinguística, por isso li os textos, mas se fosse de alguma matéria da qual não tenho interesse, não leria. Ora, poderia estar lendo um livro, ou um mangá... para que ler isso? Creio que jovens possam pensar assim. Contudo, o conteúdo é necessário para quem deseja pesquisar mais a respeito e a recomendação dos livros auxiliam um público que pretende se aprofundar mais no assunto. Quando eu era jovem, só pesquisava sobre coisas que não tinham relação com a escola quando queria aplicá-las em algo, como não querer ser humilhada em uma discussão e por isso, pesquisava sobre o assunto. São poucos alunos que naturalmente olhariam os textos e diriam "Oh, que legal. Hoje vou ler sobre sociolinguística porque é legal", acredito. A parte mais legal é os vídeos... eles envolvem mais e passam a mensagem de uma forma resumida."

"Acho esse tipo de trabalho interessante pela facilidade de acesso (posso acessar em casa, na casa de outra pessoa, etc) e também facilidade de divulgação. Vi que tem um fórum e depois vou dar uma olhada. Gosto muito [sic] de fóruns, pois são acervos apropriados para discussões e os tópicos ficam bem organizados e armazenados."

**Participante 2:** "Bastante criativo, textos bem elaborados e de fácil compreensão. O site atinge o objetivo de divulgação do preconceito linguístico."

"Muito interessante, e assim o trabalho pode chegar a um número maior de pessoas, e ajudá-las em seus trabalhos acadêmicos."

**Participante 3:** "O design do site ficou bem planejado, bonito e dinâmico (a página inicial principalmente). O fundo preto não é o melhor para se postar textos longos, ainda sim, é

legível, se o leitor for interessado, não se tornará um transtorno. A categoria "diversão" dá mais ideia de algo relacionado a jogos/interatividade, acredito que mídia, audiovisual ou galeria (ou até mesmo vídeos, enquanto essa área se destinar a isso) possa ser um nome que crie expectativas mas corretas, apesar de não tão chamativo quanto diversão."

"Parece ser uma ótima referência para futuras pesquisas, como afirmado no questionário seria ótimo ter um site assim para outras disciplinas. Principalmente por permitir comentários e incentivar a discussão [sic] de diversos alunos (por ser público [sic], não só alunos da uerj) sobre o tema."

**Participante 4:** "O design é simples é simples e objetivo; os fundos escuros com letras claras são ótimas para a leitura; os textos poderiam ser justificados, fica mais bonito."

O participante não respondeu à segunda questão dissertativa, digitando apenas um traço (-).

**Participante 5:** "Gostaria que tivesse um tópico com as explicações. Sei que não seria possível ter todas as explicações, mas seria muito interessante saber mais sobre algumas explicações para poder contra-argumentar com uma pessoa preconceituosa."

"Ótima iniciativa! Já estou compartilhando com todos os meus amigos."

**Participante 6:** "Acredito que a divisão dos temas dentro do menu ficou um pouco genérica. O quesito "diversão" por exemplo, não explícita a ideia exata sobre o que o link irá tratar."

"Iniciativa excelente e exemplo a ser seguido."

**Participante 7:** "O conteúdo do site e as informações são de grande valor, porém, creio que precise de maior investimento em sua aparência, achei simples, apesar de bem organizado. Gostei dos vídeos na área de diversão, é realmente interessante fornecer ao visitante um "plus" a mais além da leitura."

"Penso que esta atividade ajuda na formulação e desenvolvimento do projeto em si pois conta com opiniões alheias, elogios e críticas [sic]. Logo, este conjunto se torna um facilitador para enxergar o que está bom e pode melhorar ou o que está ruim e que precisa evoluir. Muito bacana a iniciativa."

## APÊNDICE E - Questionário aplicado ao público em geral

# Avaliação do site "Pelo Fim do Preconceito Linguístico"

Preencha algumas informações e, logo depois, responda ao questionário na próxima página. É bem rapidinho!

\* Required

### Idade \*

- Menos de 15 anos
- 15 a 20 anos
- 21 a 25 anos
- 26 a 30 anos
- Mais de 31 anos

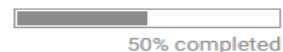
### Sexo \*

- Feminino
- Masculino

### Escolaridade \*

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós-Graduação Completo/Incompleto

Continue »



## Avaliação do site "Pelo Fim do Preconceito Linguístico"

Agora, responda a algumas questões sobre o site, dando sua opinião sincera. Estamos quase no fim!

### A estrutura do site chamou a minha atenção. \*

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

### É fácil navegar pelas páginas do site. \*

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

### A organização dos tópicos do site está confusa. \*

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

### A linguagem usada no site está fácil de entender. \*

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

### O objetivo do site está bem claro. \*

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

### Os textos do site informam bem sobre o assunto. \*

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

### Os textos do site são longos e cansativos. \*

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

### O site apresenta referências confiáveis. \*

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**O objetivo do site está bem claro. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Os textos do site informam bem sobre o assunto. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Os textos do site são longos e cansativos. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**O site apresenta referências confiáveis. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Os materiais do site são diferentes e interessantes. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**É fácil entrar em contato com os autores do site. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Eu recomendaria esse site para meus amigos \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Eu usaria o conteúdo do site como uma das fontes para algum trabalho acadêmico/escolar. \***

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

**Eu gostaria que fossem elaborados trabalhos semelhantes a esse sobre outros assuntos. \***


- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

« Back

Submit



100%: You made it.

Powered by  
 Google Forms

This content is neither created nor endorsed by Google.  
[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)

## APÊNDICE F - Textos das páginas do site

### Página "Informação"

#### **De onde surgiu tudo isso?**

O Preconceito Linguístico já existe há muitos e muitos anos, mas somente há pouco tempo algumas pessoas se uniram pra comprovar que ele não tem fundamento algum... E como começou toda essa história? Vamos descobrir agora...

#### **Linguística**

A Linguística é uma ciência que existe há muito tempo, mas antigamente tinha como objetivo estudar textos antigos e a história das línguas. Isso mudou quando as ideias de Ferdinand de Saussure, um professor da Suíça, foram publicadas em um livro chamado *Curso de Linguística Geral*. A partir daí, o foco da Linguística passou a ser a língua e as diversas questões que podem estar relacionadas a ela. Por isso, dizemos que a Linguística é a ciência que estuda a língua.

No livro *Curso de Linguística Geral*, que foi publicado em 1916, o professor Saussure já dizia que todos aqueles que se dedicassem a estudar Linguística deveriam se preocupar em acabar com os pensamentos preconceituosos e errados das pessoas sobre a língua. Ainda assim, muito tempo se passou até que alguns estudiosos resolvessem levar isso a sério e realmente desconstruir certas ideias sobre certo e errado na língua, maneiras de falar melhores ou piores, línguas ricas e pobres... E foi aí que nasceu a sociolinguística.

#### **Sociolinguística**

A sociolinguística faz parte de uma ciência, a Linguística, e se dedica aos estudos da língua em seu uso real. Isso quer dizer que os estudiosos dessa ciência estão preocupados em entender e explicar tudo o que falamos, seja algo considerado certo ou errado pela sociedade em geral. Na sociolinguística, entendemos que não existe isso de correto e incorreto na língua, pois todas as formas de falar são dignas de serem estudadas e todas têm o mesmo valor pra língua que falamos. A sociolinguística leva em consideração para seus estudos os fatores sociais e culturais das pessoas que falam de determinada maneira, entendendo que esses fatores também influenciam no modo de falar. Essa área de estudos surgiu nos Estados



Unidos na década de 1960 e o primeiro sociolinguista a se tornar conhecido foi um estudioso chamado William Labov. Ele realizou estudos que mostraram a diferença entre a fala de grupos de pessoas de classes sociais diferentes, comprovando que existe o que chamamos de variação linguística.

### **Variação Linguística**

A variação linguística nada mais é do que as diferenças que encontramos na fala das pessoas de lugares, grupos sociais ou ainda idades diferentes. Você já deve ter percebido que, apesar de todos falarmos a mesma língua (que aqui vamos chamar de Português Brasileiro), as pessoas sempre se diferenciam por alguma coisa na fala. Seja uma palavra diferente, ou um sotaque ou ainda frases construídas de dois ou mais modos distintos, que variam de acordo com quem fala.

Por exemplo, podemos ver um caso muito claro de variação que acontece em nossa língua: o uso do *a gente* e o uso do *nós*. Falamos tanto um quanto o outro todos os dias. Algumas pessoas (normalmente os mais jovens) usam mais a *gente*, enquanto outras usam mais *nós*, que antigamente era a forma mais falada. Repara só nessas frases:

- *A gente* vai sair hoje.
- *Nós* vamos sair hoje.

Qual a diferença entre as duas? Você entende duas coisas diferentes ou a mesma coisa em ambas? A mesma coisa, claro! Então por que às vezes usamos *a gente* e às vezes usamos *nós*? Lembra que a sociolinguística usa questões sociais e culturais pra estudar as maneiras de falar? Então... nesse caso, vários fatores influenciam o uso de um ou de outro. Situações mais formais geralmente pedem o uso do *nós*, situações entre amigos e colegas, o uso do *a gente*. Isso acontece em todas as línguas! Todas têm variação. Isso já foi comprovado pela sociolinguística e só enriquece a língua, pois ela não é algo estático, que nunca muda, muito pelo contrário: a língua é viva e muda com o tempo, como tudo no mundo.

### **Mudança Linguística**

Se olharmos textos e livros antigos ou até mesmo filmes e novelas de anos atrás, e compararmos com materiais dos dias de hoje, perceberemos que muita coisa mudou na maneira como as pessoas falavam. Podemos usar como exemplo a palavra *você*.

Antigamente, essa palavra não existia, e no seu lugar era usada a expressão *vossa mercê*, que substituía o pronome *tu* em situações mais formais (sabe o *tu* da conjugação verbal? Então, esse mesmo!). Conforme as pessoas foram falando e falando, a palavra foi sendo encurtada, se transformando em *vosmecê*. Muitos e muitos anos depois, conforme as pessoas iam mudando, o tempo passando e a fala acontecendo, chegamos ao que hoje falamos: *você*. Isso é o que chamamos de mudança linguística. E não para por aí! Se prestarmos bastante atenção, veremos que muitas pessoas já fazem uso do *cê* em lugar do *você*. Isso já é um sinal de que pode vir uma nova mudança por aí... Por enquanto, como os dois usos são comuns, ainda chamamos de um caso de variação.

Voltando aos usos do *a gente* e do *nós*, entendemos que esse é um caso de variação que pode ou não se tornar mudança mais pra frente, caso o uso do *a gente* supere o do *nós*. Mas, se isso for mesmo acontecer, ainda vai levar alguma tempo, pois as mudanças linguísticas são demoradas e não acontecem de uma hora pra outra.

E o que tudo isso tem a ver com preconceito linguístico? Vamos ver agora!

### **Variedades Estigmatizadas e Variedades Prestigiadas**

Você já sabe o que é variação, certo? É quando duas ou mais maneiras de falar algumas coisas são usadas pelas pessoas. A cada uma dessas maneiras de falar, nós podemos dar o nome de variedade linguística. Pois bem, agora vamos voltar ao nosso exemplo do *a gente* e do *nós*? Nesse caso, temos duas opções de uso, e as duas são faladas pelas pessoas, sendo ambas consideradas corretas e utilizadas pelos falantes do Português Brasileiro. Mas existem casos de variação em que isso não acontece tão tranquilamente assim... Vamos ver esses exemplos:

- Hoje fiz *menos* coisas do que ontem.
- Hoje fiz *menas* coisas do que ontem.

Na primeira frase, usamos o *menos*, e na segunda, o *menas*, cada palavra pertencendo a uma variedade diferente. Mas o sentido da frase mudou? Claro que não! Tanto *menos* quanto *menas* podem ser usados na frase, já que todo mundo consegue entender em qualquer um dos casos. Mas sabemos que nem todo mundo usa o *menas*, e alguns ainda dizem que está errado... Por que isso?

Algumas variedades são prestigiadas e outras estigmatizadas. Isso quer dizer que algumas maneiras de falar são consideradas bonitas, certas e melhores (prestigiadas) e outras são consideradas feias, erradas e piores (estigmatizadas). Mas pera lá! Nós não acabamos de ver que todas as variedades são válidas e têm regra e lógica? Não acabamos de dizer aqui que a sociolinguística já comprovou que as variedades não podem ser classificadas como certas e erradas ou melhores e piores? Então que história é essa de estigmatizar e prestigiar?

Na nossa sociedade, temos a mania muito feia de julgar coisas e pessoas sem saber nada sobre elas. A esse julgamento sem qualquer conhecimento, damos o nome de **preconceito**. O que faz com que o uso da palavra *menas* seja estigmatizado e o do *menos*, prestigiado, é exatamente isso: o preconceito, que nesse caso, é linguístico.

Esse preconceito, assim como qualquer outro, é errado e deve ser levado a sério, desconstruído e combatido! Se já sabemos que todas as variedades linguísticas são corretas, não faz sentido manter esse pensamento de que algumas são melhores do que outras, não é?

Cada maneira de falar é diferente, mas nenhuma é pior do que outra do ponto de vista linguístico. O que infelizmente acontece é que as pessoas misturam tudo! Julgam a fala dos outros por questões sociais e culturais, e não porque tem algo de errado com o que a pessoa está falando. Na verdade, tudo tem regra. Até o *menas*, que é tão desprezado.

Concluimos então, que: se tem regra, está certo. Se está certo e alguém diz que é errado, é preconceito. E se é preconceito, vamos combater!

### Página "O que é Preconceito Linguístico?"

#### **Preconceito**

Primeiro, vamos entender o que exatamente significa a palavra preconceito.

Preconceito vem de pré-conceito, que é aquilo que nós pensamos sobre algo antes de realmente conhecer. Isso acontece na nossa vida o tempo todo, seja em coisas bobas, seja em coisas mais sérias. Por exemplo: Todo mundo tem um amigo que, antes de conhecer, achava que era metido ou chato. Isso é um pré-conceito, mas que foi desconstruído depois que você conheceu a tal pessoa. O mesmo acontece quando você deixa de ir a algum lugar porque acha

ruim, mas quando vai, percebe que não é diferente de outros lugares que você costuma frequentar. Novamente, um preconceito que logo depois acabou, quando você descobriu a realidade.

Entendendo o preconceito dessa maneira, podemos afirmar que todos nós temos pré-conceitos sobre coisas que não conhecemos, é normal do ser humano! O problema é quando, sabendo que nosso preconceito não tem fundamento, continuamos a pensar da mesma maneira...

### **Preconceito Linguístico**

Se procurarmos no dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, encontraremos a seguinte definição para a expressão "preconceito linguístico":

#### *Preconceito Linguístico*

qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, p.ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, verbete preconceito)

Ora, e o que isso quer dizer exatamente? Quer dizer que o Preconceito Linguístico acontece quando alguém acha que uma maneira de falar é melhor ou pior do que outra. E isso acontece o tempo todo, mas não percebemos! Quer ver alguns exemplos?

- Quando alguém corrige a fala de outra pessoa de forma grosseira;
- Quando riem de uma pessoa porque ela fala "errado";
- Quando acham que uma pessoa é burra porque ela não sabe falar uma palavra da maneira considerada certa;
- Quando acham que uma pessoa não merece algo na vida porque fala "errado";

Enfim, toda vez que alguém julga a maneira de falar de outra pessoa, achando que é melhor ou pior do que outra, temos o que é chamado de **Preconceito Linguístico**.

#### **Por que o Preconceito Linguístico é errado?**

Os estudiosos da língua falada, chamados de sociolinguistas, já comprovaram (e continuam comprovando em suas pesquisas e estudos) que aquilo que falamos tem regra e lógica, e, por

isso, não pode ser chamado de erro. Em outras palavras, o preconceito linguístico só existe porque as pessoas ACHAM que uma maneira de falar é mais certa que a outra. Mas, se estudarmos as formas consideradas erradas como *menas, pobrema, os menino e pra mim fazer*, vamos descobrir que fazem sentido dentro de um contexto de regras, que são diferentes das regras que aprendemos na escola, mas que, nem por isso, são piores do que aquilo que é chamado de correto.

Isso quer dizer que todas as formas usadas na nossa língua têm seu valor, e nenhuma delas deve ser chamada de erro ou desprezada. Mais ainda, não devemos rir, julgar ou humilhar aqueles que usam essas formas, pois todos somos falantes do Português Brasileiro, a nossa língua materna e devemos respeitar a maneira como cada um se utiliza da sua língua.

Portanto, o Preconceito Linguístico, assim como outros preconceitos que conhecemos e que são bem ruins (religioso, racial, de orientação sexual, contra a mulher, entre outros) deve ser combatido, desconstruído e punido, pois é tão sério quanto qualquer um. Precisamos ter consciência de que tudo que dá base a esse preconceito são ideias sem sentido, que já foram há muito tempo desmentidas, mas as pessoas insistem em propagar como verdade.

Junte-se a nós nessa luta contra o Preconceito Linguístico!

### **Página "A Polêmica do Livro Didático"**

#### **O que falaram que o livro fazia...**

Tudo começou quando uma jornalista divulgou que o Ministério da Educação havia aprovado o uso de um livro que ensinava a falar errado. O livro em questão era o da coleção "Viver, Aprender - Por uma vida melhor", aprovado pelo governo para uso em salas de aula Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos.

Segundo a jornalista, o livro ia contra o que a escola deveria ensinar, mostrando que falar frases como "nós pega o peixe" e "os livro ilustrado mais interessante estão emprestado" está correto e não tem problema algum. A repercussão sobre o assunto foi tão grande que logo várias pessoas começaram a se manifestar contra o uso do livro, incluindo jornalistas e professores. Muitos nem mesmo conheciam o material e muito menos tinham tido qualquer contato com ele, mas isso não impediu que fizessem críticas e defendessem sua proibição nas

escolas.

### **O que o livro realmente fazia...**

Acontece que o livro, na verdade, não ensinava ninguém a "falar errado": primeiro porque já sabemos que não existe isso de falar errado e segundo porque, como já foi esclarecido depois, o tal livro apenas citava situações de variação linguística, apontando frases como "nós pega o peixe" como exemplos de fala popular.

Na imagem ao lado, podemos ver isso claramente:

A autora do livro, logo depois da polêmica, explicou que seu objetivo ao incluir esses exemplos no primeiro capítulo do livro era o de conseguir se aproximar mais do aluno, mostrando a ele que sua maneira de falar não tem nada de errado, mas alertando que tome cuidado pois pode sofrer preconceito linguístico por causa desse uso.

Apesar de já termos anos e anos de estudos e pesquisas que mostram que não existem modos de falar melhores ou piores, grande parte da população ainda desconhece o preconceito linguístico e suas consequências, e, talvez por isso, esse preconceito seja tão comum e não levado a sério. Com essa polêmica do livro didático, podemos perceber o quanto o assunto ainda precisa ser divulgado, e é esse o nosso objetivo com este site!

### **Página "Preconceito Linguístico e ensino de português"**

Como você já deve estar sabendo, a sociolinguística tem uma proposta de estudar tudo que as pessoas falam, o uso real da língua e isso inclui os chamados erros, que na verdade, não têm nada de errado, muito pelo contrário. Sabendo disso, não devemos considerar que uma maneira de falar pode ser melhor do que outra, pois, se todas merecem ser estudadas e - já foi comprovado - têm regra, lógica e sentido, não podemos fazer uma separação entre elas: são todas importantes, válidas, úteis!

Infelizmente, alguns professores ainda não sabem disso, ou sabem e procuram ignorar... E aí começa o nosso problema na escola. Ora, a sociolinguística não quer que tudo vire bagunça, de jeito nenhum, muito menos que acabem as aulas de português. Os professores não vão ficar sem empregos, pois eles precisam sim ensinar aquilo que a gramática diz que é o correto (e que aqui vamos chamar de norma padrão). Todos precisamos estudar e aprender cada vez

mais sobre a nossa língua, pra que possamos usar o máximo dela. O problema é como esse ensino tem sido feito...

### **Afinal, o que a sociolinguística quer dizer?**

A ideia da sociolinguística é que os professores mudem seu modo de abordar as diversas maneiras de falar que encontramos não só nas salas de aula mas também na sociedade como um todo. Assim, ao invés de corrigir e humilhar, tentando obrigar o aluno a aprender regras que ele nunca viu ou usou, o professor pode fazer um caminho contrário, muito mais interessante e com mais respeito pela fala dos seus alunos: entendendo que essas falas diferentes também têm regras e que seus alunos já dominam facilmente essas regras (se não dominassem, não fariam, né?), o professor pode partir dessas regras já conhecidas e ir ensinando as desconhecidas que estão nos livros de gramática! Dessa maneira, o aluno vai se sentir mais confortável, respeitado e livre pra escolher em que momento deve usar cada uma das regras e maneiras de falar que ele conhece.

Essa proposta faz parte do que é chamado de sociolinguística educacional, que é uma parte da sociolinguística que se dedica a aplicar os conceitos e ideias dessa área de estudos no ensino. Muitos linguistas e professores já fazem esse tipo de trabalho, e estão cada vez mais buscando soluções para melhorar a aprendizagem dos alunos de português, sempre respeitando as variações linguísticas. Isso parece algo novo, diferente e ousado, mas está na lei!

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, que são um conjunto de regrinhas que as escolas devem seguir sobre o que devem ensinar para os estudantes, determinam que a proposta de ensino de português deve incluir as variações linguísticas e contribuir para acabar com o pensamento sem fundamento de que só existe uma maneira certa de falar. Então, olhando por esse lado, a sociolinguística é que está seguindo as regras, e aqueles que continuam ensinando como se a norma padrão fosse a única que é correta, estão desobedecendo aos PCN's... Bonito isso, hein?

### **Adequação: a palavra-chave!**

Você sabe o que significa "se adequar"? Significa que você age de maneiras diferentes em diferentes situações. Por exemplo: a maioria das pessoas não vai a um casamento de biquíni ou a uma praia de terno, certo? Isso porque fazer essas coisas seria inadequado ao local.

O mesmo acontece com a fala. Não falamos da mesma forma com todas as pessoas que conhecemos ou em todos os lugares que vamos: isso se chama **adequação**. Todos nós usamos a adequação o tempo inteiro, mas é tão natural e automático que não percebemos! Quer exemplos? Quando você está com seus colegas batendo papo, você fala de um jeito mais tranquilo, sem se preocupar muito, usa gírias e até palavrões. Mas se você for tirar uma dúvida com seu professor, vai mudar rapidinho a maneira de falar: mais sério, pensando bem no que vai dizer, nada de gírias ou palavrões. Não é assim mesmo?

Isso é adequação, e é o que devemos fazer também quando se trata de maneiras de falar diferentes. Se você costuma conversar com sua família e dizer coisas como *menas, pra mim fazer e os menino*, sem problemas! Mas, quando for fazer uma prova oral ou uma entrevista de emprego, preste bastante atenção pra usar *menos, pra eu fazer e os meninos*.

### **Mas se está certo, por que não posso usar sempre?**

Depois de ler a última frase, você deve estar se perguntando isso. Acontece que, como já explicamos aqui, a maioria da nossa sociedade comete mas não conhece o Preconceito Linguístico, e continua achando que existe só uma maneira certa de falar. Estamos lutando para mudar esse pensamento, mas, enquanto isso, precisamos ter cuidado, pois podemos sofrer com esse preconceito e perder oportunidades por conta dele. Triste, né?

Por isso, temos que cada vez mais divulgar, falar, discutir e acabar com o Preconceito Linguístico. Alunos, professores, jovens, adultos, crianças, homens, mulheres... todos são bem vindos nessa luta, e juntos, pouco a pouco, poderemos mudar não só o ensino de português, mas as ideias preconceituosas das pessoas sobre a nossa língua.